JARON LANIER

DEZ ARGUMENTOS PARA VOCÊ DELETAR AGORA SUAS REDES SOCIAIS

DEZ ARGUMENTOS PARA VOCÊ DELETAR AGORA SUAS REDES SOCIAIS

JARON LANIER

TRADUÇÃO DE BRUNO CASOTTI

SUMÁRIO

Introdução (com gatos)

Vamos começar com gatos.

Os gatos estão por toda parte na internet. Estão nos memes mais difundidos e nos vídeos mais fofinhos.

Por que mais os gatos do que os cachorros?[1]

Os cachorros não foram até os humanos antigos implorando para viver conosco; nós os domesticamos.[2] Eles foram criados para serem obedientes. Aceitam ser treinados, são previsíveis e trabalham para nós. Isso não é nenhum demérito para os cachorros.[3] É ótimo que sejam leais e confiáveis.

Os gatos são diferentes. Eles apareceram e, em parte, domesticaram a si próprios. Não são previsíveis. Os vídeos populares de cachorros costumam mostrar treinamentos, ao passo que a maioria dos vídeos absurdamente populares de gatos são aqueles que expõem comportamentos estranhos e surpreendentes.

Embora inteligentes, os gatos não são uma boa escolha para quem quer um animal que aceite o treinamento de maneira confiável. Basta assistir a um vídeo de circo de gatos na internet: o mais comovente é que fica claro que os animais estão decidindo se colocam em prática o truque que aprenderam, não fazem nada ou saem andando em direção à plateia.

Os gatos fizeram o que parecia impossível: se integraram ao mundo moderno, de alta tecnologia, sem se entregarem. Eles ainda estão no controle. Você não precisa se preocupar que algum meme furtivo produzido por algoritmos, pago por um oligarca sinistro e oculto, passe a dominar seu gato. Ninguém domina seu bichano; nem você, nem ninguém.

Ah, como gostaríamos de ter essa segurança não apenas em relação a nossos gatos, mas a nós mesmos! Os gatos na internet representam nossas esperanças e sonhos para o futuro das pessoas na grande rede.

Ao mesmo tempo, ainda que a gente adore os cachorros, não queremos *ser* como eles, pelo menos no que se refere à relação de poder com as pessoas. Tememos, porém, que o Facebook e redes afins estejam nos transformando em cachorros. Quando do nada fazemos alguma coisa desagradável na internet, podemos considerar isso uma resposta a um "apito de cachorro", daquele tipo que só pode ser ouvido por eles. Temos medo de ficar sob algum tipo de controle obscuro.

Este livro é sobre como ser um gato, à luz das seguintes perguntas: como permanecer independente em um mundo onde você está sob vigilância contínua e é constantemente estimulado por algoritmos operados por algumas das corporações mais ricas da história, cuja única forma de ganhar dinheiro é manipulando o seu comportamento? Como ser um gato, apesar disso tudo?

O título não mente: este livro apresenta dez argumentos para você deletar todas as suas contas nas redes sociais. Espero que ajude. E mesmo que você concorde com todo o meu raciocínio, pode ser que ainda queira manter algumas contas. Enquanto gato, você está no seu direito.

Ao apresentar os dez argumentos, discutirei algumas maneiras pelas quais você pode pensar sobre sua situação para decidir o que é melhor para a sua vida. Mas só você é capaz de saber.

NOTA DO AUTOR, MARÇO DE 2018

Este livro foi escrito durante os últimos meses de 2017, mas 2018 trouxe acontecimentos que se mostraram extremamente relevantes. O manuscrito estava feito, refeito e finalizado — a caminho da gráfica — quando as sórdidas revelações do escândalo Cambridge Analytica estimularam uma debandada maciça de pessoas do Facebook.

Infelizmente, nem todos os líderes e pensadores encararam esse momento com a coragem necessária. Alguns experts tentaram sair da plataforma, mas não conseguiram. Outros afirmaram que nem todo mundo tem privilégio o bastante para abandoná-la, de modo que seria uma crueldade deixar para trás os menos favorecidos. Outros ainda argumentaram que sair ou não era uma questão irrelevante: o que realmente importava era pressionar os governos a regulamentar o

Facebook. Em geral, os comentários a respeito dos que deletaram suas contas foram arrogantes e desdenhosos. Além de completamente errados.

Vamos lá, pessoal! Sim, ter condições de deletar sua conta é um privilégio; muitas pessoas de fato não conseguem. No entanto, ter certa liberdade para sair das redes sociais e não aproveitar a chance não é apoiar os menos favorecidos, mas reforçar o sistema no qual muitas pessoas estão presas. Sou prova viva de que é possível ter uma vida pública sem usar as redes sociais. Aqueles de nós que têm opções devem explorá-las, senão elas vão continuar apenas no plano teórico. Os negócios vão atrás do dinheiro, então aqueles que têm opção também têm poder e responsabilidades. Você, você mesmo, tem a responsabilidade de inventar e colocar em prática maneiras de viver sem essa porcaria que está destruindo a nossa sociedade. Por ora, sair das redes sociais é a única forma de descobrir o que pode substituir o nosso grande equívoco.

---

[1] Disponível em: <www.movingimage.us/exhibitions/2015/08/07/detail/how-cats-took-over-the-internet/>. Acesso em: 11 jul. 2018.

[2] Disponível em: <https://.smithsonianmag.com/smithsonian-institution/ask-smithsonian-are-cats-domesticated-180955111/>. Acesso em: 11 jul. 2018.

[3] Paz, cachorreiros! Eis uma especulação de que os cachorros domesticaram a si mesmos, assim como os gatos: <https://news.nationalgeographic.com/news/2013/03/130302-dog-domestic-evolution-science-wolf-wolves-human>. Acesso em: 12 jul. 2018.

ARGUMENTO UM

Você está perdendo seu livre-arbítrio

BEM-VINDO À GAIOLA QUE VAI A TODOS OS LUGARES COM VOCÊ

Algo totalmente novo está acontecendo. Nos últimos cinco ou dez anos, quase todo mundo começou a carregar consigo, o tempo todo, um aparelhinho chamado smartphone, feito sob medida para modificações de comportamento pelos algoritmos. Muitos de nós também usam aparelhos chamados *smart speakers* (alto-falantes inteligentes) na bancada da cozinha de casa ou no painel do carro. Estamos sendo rastreados e avaliados constantemente, e recebendo o tempo todo um feedback artificial. Estamos sendo hipnotizados pouco a pouco por técnicos que não podemos ver, para propósitos que não conhecemos. Agora somos todos animais de laboratório.

Os algoritmos se empanturram de dados sobre você a cada segundo. Em que tipos de link você clica? Quais são os vídeos que vê até o fim? Com que rapidez pula de uma coisa a outra? Onde você está quando faz essas coisas? Com quem está se conectando pessoalmente e on-line? Quais são as suas expressões faciais? Como o tom da sua pele muda em diferentes situações? O que você estava fazendo pouco antes de decidir comprar ou não alguma coisa? Você vota ou se abstém?

Todas essas informações e muitas outras têm sido comparadas a leituras semelhantes sobre a vida de milhões por meio de uma espionagem maciça. Os algoritmos correlacionam o que você faz com o que quase todas as outras pessoas têm feito.

Os algoritmos não entendem você de fato, mas existe poder nos números, sobretudo nos grandes. Se muitas pessoas que gostam dos mesmos alimentos que você costumam rejeitar retratos de um candidato com moldura cor-de-rosa, não azul, então *provavelmente* você também os rejeitará, e ninguém precisa saber por quê. As estatísticas são confiáveis, mas apenas como forças do mal idiotas.

Você está triste, solitário, assustado? Feliz, confiante? Sua menstruação se aproxima? Teve um pico de ansiedade?

Os supostos anunciantes podem se apoderar do momento em que você está perfeitamente satisfeito e influenciá-lo com mensagens que funcionaram com outras pessoas cujas características e situações são iguais às suas.

Digo “supostos” porque não é correto chamar de anúncio a manipulação direta. Os anunciantes costumavam ter uma chance limitada de fazer uma abordagem de venda, e essa abordagem podia ser sorrateira e irritante, mas era passageira. Além disso, muita gente via o mesmo anúncio veiculado na TV ou impresso em jornais e revistas; ele não era adaptado para cada indivíduo. A maior diferença é que você não era monitorado e avaliado o tempo todo para que pudessem alimentá-lo com estímulos otimizados de maneira dinâmica — sejam eles “conteúdo” ou anúncios — de forma a alterá-lo e conseguir seu engajamento.

Agora, todos que estão nas redes sociais recebem estímulos individualizados, continuamente ajustados, sem trégua; é só estar usando o smartphone. O que antes podia ser chamado de propaganda deve agora ser entendido como uma modificação de comportamento permanente e em escala gigantesca.

Por favor, não se ofenda. Sim, estou sugerindo que você talvez esteja se tornando, só um pouquinho, um cachorro adestrado, ou algo menos lisonjeiro, como um rato de laboratório ou um robô. Estou sugerindo que você tem sido controlado remotamente, só um pouquinho, por clientes de grandes corporações. Mas, se eu estiver certo, conscientizar-se disso pode libertar você. Portanto, dê uma chance a este livro.

Um movimento científico chamado behaviorismo surgiu antes da invenção dos computadores. Os behavioristas estudavam maneiras novas, mais metódicas, estéreis e esquisitas de treinar animais e humanos.

Havia um behaviorista famoso chamado B. F. Skinner. Ele montou um sistema metódico, conhecido como caixa de Skinner, em que animais engaiolados recebiam agrados quando faziam algo específico. Não havia ninguém acariciando o animal ou sussurrando para ele, era apenas uma ação mecânica isolada — um novo tipo de treinamento para tempos modernos. Vários behavioristas, que com frequência tinham uma aura um tanto sinistra, aplicaram esse método em pessoas. As estratégias

behavioristas muitas vezes funcionavam, o que deixou todo mundo maluco e acabou justificando uma penca de roteiros de filmes de terror e ficção científica assustadores sobre “controle da mente”.

Um fato triste é que podemos treinar alguém usando técnicas behavioristas *sem que a pessoa nem sequer se dê conta*. Até bem pouco tempo atrás, isso raramente acontecia, a não ser que você se candidatasse para ser cobaia em um experimento no porão do prédio de psicologia de alguma universidade. Então você ia para uma sala e era testado enquanto alguém o observava através de um espelho falso. Embora soubesse que havia um experimento em curso, você não percebia *como* estava sendo manipulado. Mas pelo menos dava consentimento para ser manipulado de *alguma* maneira. (Bem, nem sempre. Todo tipo de experimento cruel era realizado com prisioneiros e pessoas pobres, sobretudo por motivações raciais.)

Este livro argumenta de dez maneiras diferentes que o que se tornou subitamente normal — a vigilância generalizada e a manipulação constante, sutil — é antiético, cruel, perigoso e desumano. Perigoso? Com certeza. Afinal, como é possível saber quem usará esse poder, e para quê?

O CIENTISTA LOUCO ACABA SE PREOCUPANDO COM O CACHORRO NA GAIOLA

Você já deve ter ouvido as confissões pesarosas dos fundadores de impérios de redes sociais, que prefiro chamar de “impérios de modificação de comportamento”.

Com vocês Sean Parker, primeiro presidente do Facebook:

> Precisamos lhe dar uma pequena dose de dopamina de vez em quando, porque alguém deu like ou comentou em uma foto ou uma postagem, ou seja lá o que for (...) Isso é um circuito de feedback de validação social (...) exatamente o tipo de coisa que um hacker como eu inventaria, porque explora uma vulnerabilidade na psicologia humana (...) Os inventores, criadores — eu, Mark [Zuckerberg], Kevin Systrom no Instagram, todas essas pessoas —, tinham consciência disso. E fizemos isso mesmo assim (...) isso muda a relação de vocês com a sociedade, uns com os outros (...) Isso provavelmente interfere de maneiras estranhas na produtividade. Só Deus sabe o que as redes sociais estão fazendo com o cérebro de nossos filhos.[4]

Com vocês Chamath Palihapitiya, ex-vice-presidente de crescimento de usuários do Facebook:

> Criamos ciclos de feedback de curto prazo impulsionados pela dopamina que estão destruindo o funcionamento da sociedade (...) Nenhum discurso civil, nenhuma cooperação; apenas desinformação, inverdades. E não é só um problema americano — não se trata de anúncios russos. É um problema global (...) Sinto uma culpa tremenda. Acho que, no fundo, todos nós sabíamos — embora tenhamos fingido que provavelmente não seríamos surpreendidos por nenhuma consequência ruim. Acho que, bem, bem lá no fundo, nós meio que sabíamos que algo ruim poderia acontecer (...) Então neste exato momento nos encontramos em uma situação realmente ruim, na minha opinião. Isso está erodindo o alicerce de como as pessoas se comportam umas com as outras. E não tenho nenhuma solução boa. Minha solução é: não uso mais essas ferramentas. Não uso há anos.[5]

Antes tarde do que nunca. Muitos críticos como eu há algum tempo advertem de que coisas ruins estavam acontecendo, mas ouvir isso de pessoas que viabilizaram essa realidade é um progresso, um passo à frente.

Durante anos, tive que suportar críticas um tanto dolorosas de amigos do Vale do Silício porque eu era considerado um traidor por censurar o que vínhamos fazendo. Ultimamente, tenho o problema oposto. Argumento que as pessoas do Vale do Silício são em sua maioria decentes, e peço que não sejamos vilanizados, mas recebo uma torrente de críticas por causa disso. É difícil saber se peguei pesado demais ou leve demais com a minha comunidade.

A questão mais importante agora é se a crítica de qualquer pessoa fará diferença. É inegável que uma tecnologia ruim está nos fazendo mal, mas será que nós — será que você, *você* mesmo — seremos capazes de resistir e ajudar a direcionar o mundo para um lugar melhor?

Empresas como Facebook, Google e Twitter estão finalmente tentando consertar alguns dos enormes problemas que criaram, ainda que aos pedaços. Mas será que o fazem porque estão sendo pressionadas ou porque sentem que é o certo? Provavelmente um pouco dos dois.

As empresas estão mudando políticas, contratando humanos para monitorar o que está rolando e cientistas de dados para produzir algoritmos que evitem falhas piores. O antigo mantra do Facebook era “seja rápido e quebre as coisas”,[6] mas agora eles estão pensando em mantras melhores e colando alguns cacos de um mundo estilhaçado.

Neste livro, argumentamos que as empresas sozinhas não têm condições de colar todos esses cacos de volta.

Como as pessoas do Vale do Silício têm se mostrado arrependidas, você talvez imagine que agora é só esperar que elas consertem o problema. Mas

não é assim que as coisas funcionam. Se você não fizer parte da solução, não haverá solução.

O primeiro argumento apresentará alguns conceitos cruciais por trás da criação de serviços da rede viciantes e manipuladores. Ter consciência é o primeiro passo para a liberdade.

PRÊMIO E CASTIGO

Parker diz que o Facebook teve a intenção de deixar as pessoas viciadas, enquanto Palihapitiya declara alguma coisa a respeito dos efeitos negativos sobre as relações e a sociedade. Qual é a conexão entre o mea-culpa de cada um?

O principal processo que leva as redes sociais a ganharem dinheiro, embora também cause danos à sociedade, é a *modificação de comportamento*. Essa prática exige técnicas metódicas que mudam o padrão comportamental de animais e pessoas. Pode ser usada para tratar vícios, mas também para criá-los.

Os danos à sociedade ocorrem porque o vício enlouquece as pessoas. O viciado vai perdendo gradualmente o contato com o mundo e as pessoas reais. Quando muitos estão viciados em esquemas manipuladores, o mundo fica obscuro e louco.

O vício é um processo neurológico que não entendemos completamente. A dopamina é um neurotransmissor que age no prazer e é considerado crucial para mudanças comportamentais em resposta à obtenção de recompensas. É por isso que Parker menciona essa substância.

A modificação de comportamento, em especial a implementada por aparelhos como smartphones na modernidade, é um efeito estatístico, o que significa que é real, mas não completamente confiável; sobre uma população, o efeito é mais ou menos previsível, mas para cada indivíduo é impossível dizer. *Até certo ponto*, você é um animal na gaiola experimental do behaviorista. Mas o fato de algo ser indistinto ou aproximado não o torna irreal.

Originalmente, os alimentos eram a recompensa mais comum usada em experimentos behavioristas, embora a prática remonte a tempos antigos. Todo adestrador os utiliza, dando um petisco a um cachorro depois que o

animal faz um truque. Muitos pais de crianças pequenas também fazem isso.

Um dos primeiros behavioristas, Ivan Pavlov, ficou conhecido por demonstrar que o alimento real era desnecessário. Ele tocava uma campainha quando um cachorro era alimentado, e depois de um tempo o cachorro salivava só de ouvir a campainha.

O uso de símbolos em vez de recompensas reais se tornou um truque essencial na caixa de ferramentas da mudança comportamental. Por exemplo, um jogo de smartphone como o Candy Crush usa imagens brilhantes de balas — em vez de guloseimas de verdade — para se tornar viciante. Outros videogames podem usar imagens de moedas ou outros tesouros.

O prazer viciante e os padrões de recompensa no cérebro — a "pequena dose de dopamina" mencionada por Sean Parker — integram a base do vício em redes sociais, mas não é só isso, porque a rede social também usa a punição e o reforço negativo.

Vários tipos de punição têm sido usados em laboratórios behavioristas; os choques elétricos, por exemplo, foram populares durante algum tempo. Mas, assim como as recompensas, não é necessário que as punições sejam reais ou físicas. Às vezes os experimentos negam à cobaia pontos ou símbolos.

Você está recebendo o equivalente a petiscos *e* choques elétricos quando usa as redes sociais.

A maioria dos usuários já se envolveu com perfis falsos na internet,[7] sofreu rejeições sem sentido, foi menosprezado ou ignorado, experimentou sadismo total ou vivenciou todas as situações anteriores, ou algo pior. Assim como recompensas e punições trabalham juntas, o feedback desagradável, tanto quanto o agradável, pode desempenhar um papel no vício e na mudança comportamental sem que possamos perceber.

O FASCÍNIO DO MISTÉRIO

Ao usar a expressão "de vez em quando", Parker provavelmente se refere a um fenômeno curioso que os behavioristas descobriram quando estudavam animais e pessoas. O indivíduo que recebe uma recompensa (uma

demonstração positiva de estima social ou uma bala, por exemplo) sempre que faz algo tende a repetir o ato. Quando recebem uma resposta lisonjeira a alguma publicação nas redes sociais, as pessoas adquirem o hábito de postar mais.

Isso parece inocente, mas pode ser o primeiro estágio de um vício que se torna um problema tanto para os indivíduos quanto para a sociedade. Embora as pessoas do Vale do Silício tenham um nome higienizado para essa fase, "engajamento", nós a tememos a ponto de manter nossos filhos longe dela. Muitas crianças do Vale do Silício frequentam escolas que adotam a pedagogia Waldorf e em geral proíbem aparelhos eletrônicos.

Voltando ao fenômeno surpreendente: não é que os feedbacks positivo e negativo funcionem, mas uma resposta de certo modo aleatória ou imprevisível pode ser mais atrativa do que uma resposta perfeita.

Se você recebe uma bala sempre que diz "por favor" quando criança, é provável que comece a dizer "por favor" com mais frequência. Mas vamos supor que de vez em quando a bala não venha. Você talvez imagine que passaria a dizer "por favor" com menos frequência. Afinal, as palavrinhas mágicas não estão gerando a recompensa de maneira tão confiável quanto antes. No entanto, o que acontece às vezes é justamente o oposto. É como se seu cérebro, um descobridor de padrões nato, não conseguisse resistir ao desafio e murmurasse: "Deve haver algum outro truque nisso aqui." Você continua, na esperança de que um padrão mais profundo se revele, embora não haja nada além de uma aleatoriedade sem fim.

Para um cientista, é saudável ficar fascinado por um padrão que não faz muito sentido, pois talvez signifique alguma coisa mais profunda a ser descoberta. É também uma ótima ferramenta para explorar se você estiver escrevendo um roteiro. Afinal, uma pequena incongruência confere mais fascínio a uma trama ou um personagem. Mas em muitas situações é um *péssimo* motivo para a fascinação. A sedução do feedback falho é provavelmente o que leva muita gente a relações humilhantes de "codependência" e maus-tratos.

É muito fácil gerar um toque de aleatoriedade nas redes sociais: como os algoritmos não são perfeitos, a aleatoriedade é intrínseca. Mas, para além disso, os feeds em geral são calculados para incluir de propósito um grau a mais dela. A motivação originalmente vem da matemática básica, não da psicologia humana.

Os algoritmos das redes sociais costumam ser “adaptáveis”: fazem pequenas e constantes mudanças em si mesmos para tentar obter melhores resultados; em outras palavras, resultados com mais engajamento e, portanto, mais lucrativos. Esse tipo de algoritmo tem sempre uma pitada de aleatoriedade.

Vamos supor que um algoritmo esteja lhe mostrando uma oportunidade de comprar alguma coisa cinco segundos depois de você ter visto um vídeo de gato muito divertido. De vez em quando, um algoritmo adaptável fará um teste automático para descobrir o que acontece se o intervalo for mudado para quatro segundos e meio, por exemplo. Será que isso aumentou a probabilidade de você comprar? Se aumentou, esse ajuste no tempo pode ser aplicado no futuro não apenas ao seu feed, mas aos de milhares de outras pessoas que parecem estar correlacionadas a você por alguma característica, de preferências de cor a padrões de direção.[8]

Os algoritmos adaptáveis podem emperrar de vez em quando; se um algoritmo não receber qualquer benefício por pequenos ajustes em sua configuração, então outras mudanças sutis não serão incorporadas. Se a troca para quatro segundos e meio torna *menos* provável que você efetive uma compra, mas o intervalo de cinco segundos e meio *também* gera esse resultado, então o tempo permanecerá o mesmo, cinco segundos. Com base nas evidências disponíveis, cinco segundos seriam o melhor tempo de espera possível. Se nenhuma pequena mudança aleatória contribuir, o algoritmo para de se adaptar. Mas não é isso que se espera de algoritmos adaptativos.

Imagine que fazer uma mudança ainda maior pudesse melhorar o resultado. Talvez uma opção mais válida fosse o tempo de dois segundos e meio, por exemplo. Mas os pequenos ajustes não revelariam isso, porque o algoritmo ficou emperrado na configuração de cinco segundos. É por isso que os algoritmos adaptáveis *também* incluem com frequência uma dose mais esparsa de maior aleatoriedade. Às vezes um algoritmo encontra uma configuração melhor quando vai muito além de configurações meramente razoáveis.[9]

Os sistemas adaptativos muitas vezes contam com um mecanismo de salto desse tipo. Um exemplo é a ocorrência de mutações úteis na evolução natural, geralmente impulsionadas por eventos mais incrementais baseados em seleção, nos quais os genes de um indivíduo são ou não transmitidos.

Uma mutação é uma carta coringa que acrescenta novas possibilidades, um salto repentino. De vez em quando, uma mutação acrescenta uma característica estranha e nova que aprimora uma espécie.

Naturalmente, neurocientistas se perguntam se um processo semelhante está acontecendo dentro do cérebro humano. Nosso cérebro com certeza inclui processos adaptativos e pode ser moldado para buscar surpresas, porque a natureza detesta cair na rotina.

Quando um algoritmo proporciona experiências a alguém, a aleatoriedade que facilita a adaptação algorítmica pode alimentar também o vício humano. O algoritmo tenta capturar os parâmetros perfeitos para manipular um cérebro, que, por sua vez, muda em resposta aos experimentos do algoritmo para buscar significados mais profundos; é um jogo de gato e rato baseado em pura matemática. Como os estímulos do algoritmo não significam nada e são verdadeiramente aleatórios, o cérebro não está se adaptando a nada real, mas a uma ficção. Esse processo — de ser fisgado por uma miragem imprecisa — é o vício. Enquanto o algoritmo tenta escapar de uma rotina, a mente humana fica presa em outra.

Os precursores da exploração on-line dessa interseção entre matemática e cérebro humano não foram as empresas de redes sociais, mas os criadores das máquinas de jogos de azar digitais, como o videopôquer, e dos sites de jogos de aposta on-line. De vez em quando, pioneiros do mundo dos jogos de azar reclamam de como as empresas de redes sociais roubaram suas ideias e ganharam mais dinheiro, mas eles falam principalmente sobre como a rede social os ajuda a identificar pessoas fáceis de enganar.[10]

O CÉU E O INFERNO SÃO OS OUTROS[11]

As redes sociais produzem outra dimensão de estímulos: pressão social.

As pessoas são extremamente sensíveis a questões como status social, julgamento e competição. Ao contrário da maioria dos animais, os seres humanos não apenas nascem absolutamente indefesos como permanecem assim durante anos. Por conta disso, só temos condições de sobreviver quando convivemos com membros da família e outros indivíduos. As preocupações sociais não são características opcionais do cérebro humano. São primordiais.

Em estudos famosos da psicologia, como o Experimento de Milgram e o Experimento de Aprisionamento de Stanford, o poder da opinião alheia provou ser forte o bastante para modificar o comportamento dos participantes. Pessoas comuns, sem passagem pela polícia, foram coagidas a fazer coisas horríveis, como aplicar torturas, por meio de nenhum outro mecanismo além da pressão social.

Em redes sociais, a manipulação das emoções tem sido a maneira mais fácil de gerar recompensas e punições. Pode ser que isso mude algum dia, se drones começarem a jogar balas do céu quando você fizer o que o algoritmo quer, mas por enquanto tudo se resume aos sentimentos que podem ser evocados no usuário — principalmente a respeito do que os outros pensam.

Por exemplo, quando temos medo de que as pessoas não nos considerem descolados, atraentes ou de status elevado, acabamos nos sentimos mal. Esse temor é profundo e chega a doer.[12]

Todo mundo sofre de ansiedade social de vez em quando, e toda criança já se deparou com um valentão que usou a ansiedade social como arma de tortura, provavelmente porque se comportar como um valentão diminuía suas chances de se tornar um alvo. É por isso que certas pessoas, mesmo aquelas que agiriam com decência em outras circunstâncias, costumam se juntar contra uma vítima de tortura de ansiedade social. Elas têm tanto medo da dor real trazida pela ansiedade que podem perder de vista suas virtudes por um momento.

Isso não quer dizer que todas as emoções sociais sejam negativas. Quando interagimos com outras pessoas, também podemos experimentar camaradagem, solidariedade, respeito, admiração, gratidão, esperança, empatia, proximidade, atração e um mundo de outros sentimentos positivos. Por outro lado, podemos sentir medo, hostilidade, ansiedade, ressentimento, repulsa, inveja e um desejo de ridicularizar.

Se emoções socialmente evocadas podem funcionar como punição ou recompensa, então o que é mais eficiente para mudar as pessoas: a recompensa ou a punição? Essa pergunta tem sido estudada há muito tempo, e a resposta parece variar de acordo com a população abordada e a situação. Um dos estudos sugere que as crianças pequenas respondem melhor à recompensa do que à punição, embora após os doze anos o inverso tenda a ser a norma.[13] Outro propõe que a punição é mais eficiente do que

a recompensa para manipular estudantes universitários.[14] Por sua vez, outra pesquisa indica que a afirmação funciona melhor para motivar trabalhadores em idade adulta.[15] Pode ser que a natureza da tarefa determine que tipo de feedback é mais eficiente,[16] assim como a descrição de determinada tarefa.[17]

Um grande volume de pesquisas acadêmicas compara a força dos feedbacks positivo e negativo, mas essa não é a questão-chave para a criação de plataformas de mídia social comerciais, que estão preocupadas sobretudo em reduzir custos e aumentar o desempenho, de modo a maximizar o lucro. Mesmo que o feedback positivo possa ser teoricamente mais eficiente em certos casos, o negativo acaba sendo o feedback da *barganha*, a melhor escolha para negócios. É por isso que ele aparece com mais frequência nas redes sociais.

Emoções negativas, como medo e raiva, vêm à tona mais facilmente e permanecem em nós por mais tempo do que as emoções positivas. Leva-se mais tempo para construir confiança do que para perdê-la. Reações de "luta ou fuga" ocorrem em questão de segundos, e pode levar horas até que a pessoa volte ao estado de relaxamento.

Isso já é verdade na vida real, e ainda mais à luz dos algoritmos.

Não existe nenhum gênio maligno sentado em um cubículo de uma empresa de mídia social calculando e concluindo que fazer mal às pessoas é mais "engajador" e, portanto, mais lucrativo do que fazê-las se sentirem bem. Pelo menos nunca conheci ou ouvi falar dessa pessoa.

A diretriz principal de gerar engajamento se retroalimenta, e ninguém percebe que as emoções negativas são mais amplificadas do que as positivas. O engajamento não tem o objetivo de servir a nenhum outro propósito particular além do próprio aprimoramento, e ainda assim o resultado é uma amplificação global e anômala das emoções "fáceis", que por acaso são as negativas.

BIT COMO ISCA

Em um panorama mais amplo, em que as pessoas precisam fazer mais do que se conformar para que nossa espécie prospere, *o behaviorismo é uma maneira inadequada de pensar a sociedade*. Se você quer promover resultados

criativos e de alto valor, em vez de realizar treinamentos repetitivos, a recompensa e a punição nem de longe são as ferramentas certas.

Há um grande grupo de pesquisadores estudando esse assunto, começando com Abraham Maslow nos anos 1950 e continuando com muitos outros, como Mihaly Csikszentmihalyi (acompanhado de escritores como Daniel Pink). Em vez de aplicarmos os mecanismos simples do behaviorismo, precisamos pensar de forma mais criativa nas pessoas se esperamos que elas sejam mais criativas. Precisamos fomentar alegria, desafio intelectual, individualidade, curiosidade e outras qualidades que não se encaixam em um gráfico organizado.

No entanto, existe algo na rigidez da tecnologia digital — a natureza intermitente do bit — que atrai a maneira behaviorista de pensar. Recompensa e punição são como um e zero. Não surpreende que B. F. Skinner tenha sido um personagem tão importante nos primórdios das redes digitais, por exemplo.[18] Ele viu as redes digitais como uma maneira ideal de treinar uma população para o tipo de utopia que ele buscava, em que todos nós finalmente nos comportaríamos. Um de seus livros se chama *Para além da liberdade e da dignidade*. Para além!

O termo “engajamento” faz parte da linguagem familiar, eufemística, que esconde a imensa estupidez da máquina que construímos. Precisamos usar termos como “vício” e “modificação de comportamento”. Eis outro exemplo do eufemismo dessa linguagem: *ainda* chamamos de “anunciantes” os clientes das empresas de mídia social — para ser justo, muitos deles o são. Afinal, eles querem que você compre uma marca específica de sabonete ou qualquer outra coisa. Mas também podem ser pessoas repugnantes, obscuras, que querem minar a democracia. Prefiro, portanto, usar o termo “manipuladores” para descrever esse tipo de gente.

Aos vendedores de sabonetes, peço desculpas... Na verdade, posso dizer que os funcionários de companhias como a Procter & Gamble são pessoas boas — conheci alguns deles —, e o mundo deles seria mais feliz se não estivessem comprometidos com empresas de mídia social.

Nos primórdios, a propaganda on-line era realmente apenas propaganda. Mas em pouco tempo os avanços na computação coincidiram com incentivos financeiros ridiculamente perversos, conforme será explicado no próximo argumento. O que começou como propaganda se

metamorfoseou no que seria melhor chamado de “impérios de modificação de comportamento para alugar”. Essa transformação tem atraído com frequência novos tipos de clientes/manipuladores, e eles não são nada bonzinhos.

Infelizmente, os manipuladores não conseguem obter qualquer resultado que queiram com igual facilidade. Não é possível pagar empresas de mídia social para que ajudem a encerrar guerras e fazer todo mundo se tratar com cortesia. A mídia social é tendenciosa, não para a esquerda nem para a direita, mas para baixo. A relativa facilidade de usar emoções negativas para fins como o vício e a manipulação faz com que os resultados indignos também sejam relativamente fáceis de alcançar. No fim das contas, uma combinação infeliz de biologia e matemática favorece a degradação do mundo humano. Unidades de guerra de informação influenciam eleições, grupos de ódio recrutam e niilistas obtêm um incrível retorno de investimento quando tentam derrubar a sociedade.

A natureza não planejada da transformação da propaganda em modificação de comportamento direta causou uma amplificação explosiva da negatividade em assuntos humanos. Retornaremos muitas vezes à maior potência das emoções negativas na mudança comportamental à medida que explorarmos os efeitos pessoais, políticos, econômicos, sociais e culturais de plataformas como o Facebook.

VÍCIO, CONHEÇA O EFEITO DA REDE

Em grande medida, o vício é o motivo pelo qual tantos de nós aceitamos ser espionados e manipulados por nossa tecnologia de informação, mas ele não atua sozinho. As redes digitais nos oferecem um valor genuíno. Trazem conveniência e nos tornam muito mais eficientes. Por isso muitos de nós trabalhamos tão arduamente para viabilizá-las.

Quando chegamos a um ponto em que podemos usar um aparelho de bolso para chamar um táxi, pedir comida ou descobrir em tempo real onde nossos amigos estão, é complicado voltar atrás. É difícil lembrar que pessoas com condições de saúde raras não tinham como encontrar outros indivíduos com a mesma história de vida, de modo que não havia ninguém com quem

falar sobre problemas incomuns. Foi uma enorme bênção isso ter se tornado possível.

Mas os benefícios da rede só se revelam quando as pessoas usam a mesma plataforma. Se ninguém quisesse ser motorista da Uber, o aplicativo não executaria absolutamente nada. Se ninguém quiser entrar em contato com você no seu aplicativo de namoro, ele também não vai adiantar de nada.

O triste resultado é que, depois que um aplicativo começa a funcionar, todo mundo fica preso a ele. É difícil largar uma rede social específica e ir para outra, porque todo mundo que você conhece já está na primeira. É impossível todas as pessoas de uma sociedade fazerem o backup de seus dados, se mudarem simultaneamente e restaurarem suas memórias ao mesmo tempo.

Efeitos desse tipo são chamados de efeitos de rede ou *lock-in* e são difíceis de evitar em redes digitais.

Originalmente, muitos de nós que trabalhamos pela difusão massiva da internet[19] esperávamos que o que juntaria as pessoas — que ganharia efeito de rede e *lock-in* — seria a própria internet. Mas na época havia um espírito libertário que nos levou a deixar de lado muitas funções essenciais. A internet em si não continha um mecanismo de identidade pessoal, por exemplo. Cada computador tem seu código numérico, mas as pessoas não têm qualquer representação. Da mesma forma, a internet em si não oferecia um lugar para armazenar nem mesmo uma pequena quantidade de informações persistentes, nenhuma maneira de fazer ou receber pagamentos e nenhuma forma de encontrar pessoas com as quais o usuário poderia ter algo em comum.

Todo mundo sabia que essas funções e muitas outras seriam necessárias. Achamos que seria mais sábio permitir aos empreendedores preencher as lacunas do que deixar essa tarefa para o governo. O que não consideramos foi que necessidades fundamentais do mundo digital, como as que acabei de mencionar, levariam a novos tipos de grandes monopólios por causa dos efeitos de rede e do *lock-in*. Cometemos a estupidez de preparar o terreno para os monopólios globais. Ou seja, fizemos para eles o trabalho mais difícil. Para ser mais preciso, como você é o produto, não o cliente, de uma rede social, a palavra apropriada é “monopsônios”.[20] Nosso idealismo

libertário lá no início resultou em monopsônios de dados gigantescos, globais.

Um dos principais motivos para deletar suas contas nas redes sociais é que não existe uma escolha real de se mudar para redes diferentes. Largá-las é a única opção de mudança. Se não sair delas, você não criará o espaço em que o Vale do Silício pode agir para se aprimorar.

O VÍCIO E O LIVRE-ARBÍTRIO SÃO OPOSTOS

O vício aos poucos nos transforma em zumbis, e os zumbis não têm livre-arbítrio. Mais uma vez, esse resultado não é total, mas estatístico. Ficamos mais parecidos com zumbis, e por mais tempo, do que ficaríamos em outras circunstâncias.

Por outro lado, não há qualquer necessidade de acreditarmos em um mito de pessoas perfeitas completamente livres de vícios. Elas não existem. É impossível se tornar perfeito ou perfeitamente livre, não importa quantos livros de autoajuda o indivíduo leia ou quantas práticas viciantes abandone.

Não existe arbítrio totalmente livre. Os cérebros estão sempre mudando suas maneiras de se adaptar a um ambiente em mutação; um trabalho tão difícil que eles ficam exaustos! Às vezes, os cérebros tiram uma folga, saem de cena e funcionam no piloto automático, mas isso é diferente de ser motivado por manipuladores ocultos.

Nós modificamos o comportamento uns dos outros o tempo todo, e isso é bom. Afinal, só uma pessoa insensível e indiferente não mudaria seu modo de agir em função de como o outro reage. Quando a modificação de comportamento mútua funciona, talvez isso seja parte daquilo que chamamos de amor.

Não precisamos pensar em livre-arbítrio como se fosse uma intervenção sobrenatural em nosso universo. Talvez o livre-arbítrio exista quando nossa adaptação ao outro e ao mundo ganha uma qualidade excepcionalmente criativa.

Portanto, o problema não é a mudança comportamental em si. O problema é quando isso acontece de maneira implacável, robótica e, no fim das contas, sem sentido, a serviço de manipuladores invisíveis e algoritmos indiferentes.

A hipnose pode ser terapêutica se seu hipnotizador for confiável, mas quem confiaria em um hipnotizador que trabalha para terceiros desconhecidos? Quem? Pelo visto, bilhões de pessoas.

Considere os bilhões de dólares que Facebook, Google e o restante da chamada indústria de propaganda digital recebem todo mês. Quase todo esse dinheiro provém daqueles que estão tentando mudar seu comportamento, e eles acreditam que estão tendo bons resultados. Muitas dessas mudanças de comportamento são semelhantes àquelas que os anúncios na televisão tentam provocar, como levar você a comprar um carro ou ir a um café.

No entanto, apesar de saberem mais a seu respeito do que você sabe sobre si mesmo, as empresas nem sempre conhecem a identidade dos anunciantes, aqueles que se beneficiam ao manipularem você. Advogados de empresas de tecnologia prestaram depoimento dizendo que as companhias não tinham como saber que serviços de inteligência russos tentaram perturbar as eleições ou fomentar divisões em sociedades enfraquecidas, por exemplo.[21]

Acho contraproducente cultivar esse raciocínio paranoico, pois ele nos enfraquece. Mas considere a situação atual. Sabemos que as redes sociais têm sido usadas com sucesso para perturbar sociedades[22] e sabemos que o preço para fazê-lo é incrivelmente baixo. Temos noção de que empresas de relevância mundial recebem uma quantidade impressionante de dinheiro, embora nem sempre saibam quem são seus clientes. Portanto, é provável que haja atores nos manipulando — manipulando você — que não foram revelados.

Para se libertar, ser mais autêntico, menos viciado, menos manipulado, menos paranoico... por todos esses motivos maravilhosos, delete suas contas nas redes sociais.

---

[4] Disponível em: <https://www.axios.com/sean-parker-unloads-on-facebook-god-only-knows-what-its-doing-to-our-childrens-brains-1513306792-f855e7b4-4e99-4d60-8d51-2775559c2671.html>. Acesso em: 13 jul. 2018.

[5] Disponível em: <http://gizmodo.com/former-facebook-exec-you-but-you-are-1821181133>. Acesso em: 12 jul. 2018. Embora valha destacar que Palihapitiya voltou um pouco atrás em sua afirmação nos dias que se seguiram, falar o que pensava do Facebook fez bem ao mundo em geral.

[6] Disponível em: <http://mashable.com/2014/04/30/facebooks-new-mantra-move-fast-with-stability/>. Acesso em: 7 ago. 2018.

[7] Ver: <https://en.wikipedia.org/wiki/Catfishing>. Acesso em: 12 jul. 2018.

[8] A otimização do tempo é apenas um exemplo entre muitos. *Toda* escolha de design em suas experiências nas redes sociais está sendo otimizada o tempo todo sob princípios semelhantes. Tristan Harris, ex-funcionário do Google, reuniu mais exemplos, incluindo o modo como opções de todos os tipos são mostradas, como você é capaz de clicar em opções e como opções em conjunto são apresentadas a você e a outras pessoas. Procure seus ensaios, incluindo "How Technology Hijacks People's Minds" [Como a tecnologia sequestra a mente das pessoas], em <http://www.tristanharris.com/>. Acesso em: 13 jul. 2018.

[9] Matemáticos com frequência pensam nesse processo como rastejar em uma "paisagem de energia" imaginária. Cada posição na paisagem de energia corresponde a uma configuração para parâmetros que podem mudar; portanto, conforme você rasteja metaforicamente na paisagem, está explorando diferentes configurações de parâmetros. A marca de cinco segundos corresponderia a um vale onde o algoritmo se estabeleceu. Nessa visualização, a profundidade é uma vantagem, porque é preciso menos energia para se aprofundar, ou podemos usar a metáfora de escavar mais fundo para chegar a reservas de ouro enterradas. Dentro desse mundo imaginado, a configuração de dois segundos e meio é um vale mais profundo do que aqueles que você encontraria apenas dando passos pequenos a partir do fundo do vale de cinco segundos, porque você sempre escorregaria de volta para este. A única maneira de encontrar um vale mais profundo é sendo forçado a dar um grande salto para fora de onde você está.

[10] Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10899-015-9525-2>. Acesso em: 16 jul. 2018.

[11] Esta é uma referência a uma peça de Jean-Paul Sartre; pesquise!

[12] Disponível em: <http://people.hss.caltech.edu/~lyariv/papers/DarkSide1.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2018.

[13] Disponível em: <http://esciencenews.com/articles/2008/09/25/from.12.years.onward.you.learn.differently>. Acesso em: 16 jul. 2018.

[14] Disponível em: <http://source.wustl.edu/2015/05/carrot-or-stick-punishments-may-guide-behavior-more-effectively-than-rewards/>. Acesso em: 16 jul. 2018.

[15] Disponível em: <http://hbr.org/2017/09/what-motivates-employees-more-rewards-or-punishments>. Acesso em: 16 jul. 2018.

[16] Disponível em: <http//onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/job.725/pdf>. Acesso em: 16 jul. 2018.

[17] Disponível em: <https://repositories.lib.utexas.edu/handle/2152/24850>. Acesso em: 16 jul. 2018.

[18] Veja em: <http://friendlyorangeglow.com/>. Acesso em: 16 jul. 2018.

[19] Eu me incluo no "nós" porque nos anos 1990 eu era o cientista-chefe do escritório de engenharia do Internet2, o consórcio de universidades encarregado de resolver o problema de como fazer a internet continuar funcionando quando ela se tornasse gigante.

[20] Um monopólio existe quando há apenas um vendedor, ao passo que um monopsônio ocorre quando há apenas um comprador. Você poderia dizer que as plataformas de smartphone iOS e Android são um duopólio, porque de fato são os únicos canais para aplicativos de smartphone, mas poderia também

dizer que são um duopsônio, porque qualquer dinheiro que flui para os aplicativos tem que passar por essas duas plataformas.

[21] Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-switch/wp/2017/10/31/facebook-google-and-twitter-are-set-to-testify-on-capitol-hill-heres-what-to-expect/>. Acesso em: 17 jul. 2018.

[22] Disponível em: <https://thestrategybridge.org/the-bridge/2017/5/10/how-russia-weaponized-social-media-in-crimea>. Acesso em: 17 jul. 2018.

ARGUMENTO DOIS

Largar as redes sociais é a maneira mais certeira de resistir à insanidade dos nossos tempos

A MÁQUINA BUMMER

De início pode não parecer, mas sou uma pessoa otimista. Não acho que temos que jogar fora todo o mundo digital. Grande parte dele é maravilhosa!

O problema não é o smartphone, conforme sugerido por uma enxurrada de artigos com títulos como "O smartphone destruiu uma geração?".[23] O problema não é a internet, que volta e meia também é acusada de arruinar o mundo.[24]

Alguma coisa *está* arruinando o mundo, mas não é o fato de nos conectarmos com pessoas à distância usando bits nem de ficarmos olhando para telinhas reluzentes. É óbvio que talvez você olhe para a telinha em exagero,[25] assim como exagera em um monte de coisas, mas isso não é um problema existencial para a nossa espécie.

Há, porém, um determinado aspecto da alta tecnologia que é tóxico, mesmo em pequenas quantidades. Um novo avanço que precisa ser aniquilado. É importante definir o problema da maneira mais precisa possível, para que a nossa confusão não se torne ainda maior.

O problema, *em parte*, é que todos nós estamos carregando aparelhos apropriados para modificações de comportamento em massa. Mas esse não é exatamente o recorte ideal do que está errado. Afinal, nossos aparelhos podem ser usados para outros propósitos, e com frequência o são.

O problema também não é apenas os usuários se amontoarem em ambientes on-line que podem fazer aflorar o que há de pior em nós. Não se trata somente de haver muito poder concentrado em um pequeno número de mãos que controlam nuvens gigantescas.

A questão passa por todos esses fatores, mas nem mesmo esse conglomerado abarca o problema com exatidão.

O problema ocorre quando todos os fenômenos que acabei de descrever são impulsionados por um modelo de negócio em que o incentivo é encontrar clientes dispostos a pagar para modificar o comportamento de alguém. Lembre-se: com a propaganda de antigamente era possível mensurar se um produto se saía melhor depois que era anunciado, mas agora as empresas estão medindo se *indivíduos* mudaram seus comportamentos, e os feeds de cada usuário são constantemente ajustados para atingir esse objetivo. Sua mudança de comportamento foi transformada em um produto. Um produto particularmente atraente não apenas para os usuários, mas para os clientes/manipuladores, porque temem que serão deixados de lado se não pagarem por ele.

O problema são *todas as opções anteriores* e mais uma coisa. Conforme explicado no primeiro argumento, o esquema que estou descrevendo amplifica mais as emoções negativas do que as positivas, sendo, portanto, mais contundente ao prejudicar a sociedade do que ao melhorá-la: clientes mais assustadores obtêm um retorno maior por seus investimentos.

Por fim, podemos traçar um círculo em torno do problema. Isso significa que somos capazes de eliminá-lo sem danos colaterais. Nossa questão aqui felizmente é bem específica.

Se formos capazes de nos livrar apenas desse modelo de negócio degradante, a tecnologia que o sustenta pode acabar não sendo tão ruim. Temos que tentar, senão seremos obrigados a jogar fora todo um universo da tecnologia digital. A tecnologia era o último "deus que não falhou",[26] o último bastião de otimismo. Não podemos nos permitir abandoná-la.

Nada neste livro invalida as boas experiências que você talvez tenha nas redes sociais. Na verdade, minha esperança é de que nós — tanto a indústria quanto as pessoas — encontremos uma maneira de manter e melhorar aquilo que amamos simplesmente sendo precisos em relação ao que deve ser rejeitado. Deletar suas contas agora aumentará suas chances de ter acesso a experiências melhores no futuro.

Alguns já compararam a mídia social à indústria do tabaco,[27] mas não farei isso. A melhor analogia é a da tinta que contém chumbo. Quando se tornou incontestável que o chumbo é prejudicial, ninguém declarou que as

casas nunca mais deveriam ser pintadas. Em vez disso, depois de pressões e da criação de novas leis, as tintas sem chumbo se tornaram o novo padrão.[28] Pessoas inteligentes simplesmente esperaram para comprar tinta até haver uma versão segura à venda. Da mesma forma, pessoas inteligentes devem deletar suas contas até que variedades que não sejam nocivas estejam disponíveis.

Falo como cientista da computação, não como cientista social ou psicólogo. Dessa perspectiva, vejo que o tempo está se esgotando. O mundo está mudando rapidamente sob nosso comando, portanto não fazer nada não é uma opção. Não existe ainda uma quantidade ideal de trabalhos científicos sérios que nos ajude a entender nossa situação, mas contamos com resultados suficientes para descrever o problema que precisamos resolver. Só não dispomos de muito tempo para solucioná-lo.

Acho que é hora de cunhar um acrônimo para que eu não tenha que ficar repetindo o mesmo conjunto de fatores que formam o problema. Podemos usar "Behaviors of User Modified, and Made into an Empire for Rent", que em português significa Comportamentos de Usuários Modificados e Transformados em um Império para Alugar. Ou seja: Bummer.*

Bummer é uma máquina estatística que vive nas nuvens da computação. Vale repetir: esses fenômenos são reais, ainda que estatísticos e indistintos. Mesmo em sua melhor forma, os algoritmos da Bummer só conseguem calcular as *chances* de uma pessoa agir de determinada maneira. Mas, em conjunto, probabilidades individuais acabam se aproximando de uma *média* de certeza quando falamos de um grande número de pessoas. A população geral pode ser afetada com maior previsibilidade do que um único indivíduo.

Como a influência da Bummer é estatística, sua ameaça se parece um pouco com a mudança climática. Não podemos dizer que a mudança climática é responsável por uma tempestade, enchente ou seca específica, mas temos condições de afirmar que ela muda as chances de um fenômeno acontecer. A longo prazo, as coisas mais horríveis — como a elevação do nível do mar, as migrações em massa e a necessidade de encontrar novas fontes de alimento — seriam atribuídas à mudança climática, mas até lá a briga teria sido perdida.

Da mesma forma, não posso provar que um babaca específico ficou ainda mais babaca por causa da Bummer, nem tenho como afirmar que qualquer degradação da nossa sociedade não teria acontecido de todo jeito. Não existe uma maneira correta de saber se a Bummer mudou seu comportamento, embora mais adiante eu ofereça estratégias para encontrar algumas pistas. Se você usa plataformas Bummer, provavelmente mudou pelo menos um pouco.

Mesmo que não possamos saber quais detalhes de nosso mundo seriam diferentes sem essa máquina, conseguimos traçar um panorama. Assim como a mudança climática, a Bummer nos levará ao inferno se não nos corrigirmos.

AS PARTES QUE FORMAM A MÁQUINA BUMMER

A Bummer é uma máquina com seis partes móveis.

Eis um recurso para memorizar os seis componentes da máquina, caso você tenha que se lembrar deles para algum teste:

A de Aquisição de Atenção que resulta na supremacia do babaca
B de meter o Bedelho na vida de todo mundo
C de Comprimir Conteúdo goela das pessoas abaixo
D de Direcionar o comportamento das pessoas da maneira mais sorrateira possível
E de Embolsar dinheiro ao deixar que os maiores babacas ferrem secretamente todas as outras pessoas
F de multidões Falsas e sociedade Falsificadora

Eis uma descrição de cada parte.

A *de Aquisição de Atenção que resulta na supremacia do babaca*

As pessoas com frequência adotam uma postura estranha e perversa na internet. Esse fenômeno bizarro surpreendeu todo mundo nos primórdios da rede, e tem tido um efeito profundo sobre nós. Ainda que nem toda

experiência on-line seja desagradável, a sensação de maldade colore e cerca a experiência on-line. A maldade se tornou também a matéria-prima de empresas de mídia social e outros impérios de manipulação de comportamento que rapidamente passaram a dominar a internet, porque impulsiona o feedback comportamental negativo.

Por que a maldade acontece? Esse assunto será explorado no próximo argumento. Em resumo, pessoas comuns são reunidas em um ambiente em que a principal — ou com frequência a única — recompensa disponível é a atenção. É razoável supor que elas não esperam ganhar dinheiro, por exemplo. Os usuários comuns ganham apenas poder e riqueza falsos, não poder ou riqueza reais. Portanto, os jogos mentais se tornaram dominantes.

Sem outra riqueza a ser conquistada além da atenção, as pessoas comuns tendem a se tornar imbecis, já que os holofotes sempre apontam primeiro para os mais babacas. Essa tendência inerente para a imbecilidade impregna a ação de todas as outras partes da máquina Bummer.

B *de meter o Bedelho na vida de todo mundo*

O componente B já foi apresentado no primeiro argumento.

Todo mundo é submetido a um nível de vigilância digno de um livro de ficção científica. Teoricamente, a espionagem que se infiltra poderia existir sem as plataformas geradoras de babacas do componente A, mas, pelo que se vê, o mundo que criamos na maior parte do tempo conecta os dois componentes.

A espionagem é realizada sobretudo por aparelhos pessoais conectados — por enquanto, o principal é o smartphone — que as pessoas mantêm praticamente colados ao corpo. Coletam-se dados sobre as comunicações, os interesses e os movimentos de cada indivíduo, contatos com outros, reações emocionais, expressões faciais, compras, sinais vitais: uma variedade de dados ilimitada e que não para de crescer.

Se você estiver lendo isso em um aparelho eletrônico, por exemplo, há uma boa chance de que um algoritmo mantenha um registro de dados como a velocidade com que você lê ou os intervalos que faz.

Os algoritmos correlacionam dados de todas as pessoas, individualmente e entre elas. As correlações são efetivamente teorias sobre a natureza de

cada um, e essas teorias são medidas e classificadas de maneira constante para que antevejam alguma coisa. Assim como toda teoria bem coordenada, elas melhoram com o passar do tempo por meio do feedback adaptativo.

C *de Comprimir Conteúdo goela das pessoas abaixo*

Por intermédio do aparelho, os algoritmos escolhem o que cada pessoa experimenta. Esse componente pode ser chamado de feed, sistema de recomendação ou personalização.

Percebe-se pelo componente C que cada pessoa vê coisas diferentes. A principal motivação é oferecer estímulos para uma modificação de comportamento *individualizada*.

A Bummer torna mais difícil entender por que os outros pensam e agem de determinada maneira. Os efeitos desse componente serão examinados com mais detalhes nos argumentos sobre o nosso acesso cada vez menor à verdade e sobre a diminuição da capacidade de empatia.

Nem toda personalização faz parte da Bummer. Quando a Netflix recomenda um filme ou o eBay sugere algum produto à venda, isso não é Bummer. Só se torna Bummer quando há conexão com outros componentes. Nem a Netflix nem o eBay estão sendo pagos por terceiros para influenciar seu comportamento à parte do negócio imediato que você faz com cada site.

D *de Direcionar o comportamento das pessoas da maneira mais sorrateira possível*

Os elementos anteriores estão conectados para criar uma máquina de medição e feedback que deliberadamente modifica o comportamento dos usuários. O processo foi descrito no primeiro argumento.

Caso você tenha esquecido: feeds customizados se tornam otimizados para "engajar" cada usuário, muitas vezes com iscas de forte apelo emocional, levando ao vício. As pessoas não percebem como estão sendo manipuladas. O propósito de manipulação padrão é grudar cada vez mais as pessoas ali e fazê-las passar cada vez mais tempo no sistema.[29] Mas a manipulação também é testada para outros propósitos.

Por exemplo, se você estiver lendo em um aparelho, seus comportamentos de leitura serão correlacionados com os de muitíssimas outras pessoas. Se alguém com um padrão de leitura semelhante ao seu comprou algo depois de receber uma abordagem de venda específica, tornam-se maiores as chances de você receber a mesma oferta. Pode ser que, antes de uma eleição, você tenha sido alvo de postagens estranhas que se provaram capazes de trazer à tona o interior cínico de pessoas semelhantes a você, a fim de reduzir suas chances de ir votar.

As plataformas Bummer têm relatado com orgulho experimentos em que deixam as pessoas tristes, influenciam a participação eleitoral e reforçam a lealdade a marcas. De fato, esses são alguns dos exemplos mais conhecidos de pesquisas que foram revelados nos tempos da formação da máquina Bummer.[30]

A iniciativa das redes digitais para a modificação de comportamento achata todos esses exemplos, todas essas diferentes camadas da vida, em uma só camada. Do ponto de vista do algoritmo, as emoções, a felicidade e a lealdade à marca são sinais ao mesmo tempo diferentes e semelhantes para otimizar.

Se certos tipos de postagem acabarem deixando você triste e um algoritmo estiver tentando entristecê-lo, haverá mais postagens dessa natureza. Ninguém necessariamente saberá por que as postagens provocaram esse efeito, e você talvez nem note que uma postagem específica o deixou um pouco para baixo, ou que estava sendo manipulado. O efeito é sutil, mas cumulativo. Embora cientistas às vezes se debrucem para tentar entender melhor, o processo acontece praticamente no escuro, funcionando no automático; é um novo tipo de cosmos imerso em sombras sinistras.

Os algoritmos raramente são investigados, muito menos por cientistas de fora e independentes, em parte porque é difícil entender por que eles funcionam. Eles melhoram automaticamente, por meio de feedback. Um dos segredos do Vale do Silício hoje em dia é que algumas pessoas parecem ser melhores do que outras em criar esquemas de aprendizado de máquinas que funcionem, e ninguém sabe por quê. O método mais automatizado de manipular o comportamento humano acaba sendo uma arte surpreendentemente intuitiva. Aqueles que conseguem transmitir com êxito

mensagens para os algoritmos mais recentes se tornam estrelas e recebem salários espetaculares.

E *de Embolsar dinheiro ao deixar que os maiores babacas ferrem secretamente todas as outras pessoas*

A máquina de modificação de comportamento em massa é alugada para gerar dinheiro. As manipulações da Bummer não são perfeitas, mas são bastante potentes, de modo que abrir mão delas é uma atitude suicida por parte de marcas, políticos e outras entidades competitivas. Ocorre uma chantagem cognitiva universal que resulta em um gasto global e cada vez maior com a Bummer.[31]

Se não estiver pagando em dinheiro a uma plataforma Bummer, o cliente precisa abastecê-la com dados para não ser esmagado por ela. Quando o Facebook enfatizou as "notícias" em seu feed, o mundo inteiro do jornalismo teve que fazer uma reformulação para se adequar aos padrões Bummer. Para não serem deixados de fora, jornalistas precisaram criar histórias que priorizavam os cliques e podiam ser removidas do contexto. Eles foram forçados a se tornar Bummer para não serem aniquilados pela máquina.

A Bummer não apenas enevoou a ética no Vale do Silício, mas também enlouqueceu o restante da economia. O lado econômico da Bummer será explorado no argumento nove.

* * *

Antes de passar para o componente F, é preciso explicar a função especial que o componente E exerce ao fornecer os incentivos financeiros para manter toda a máquina Bummer em movimento. Se você circular pelo Vale do Silício, ouvirá várias conversas sobre como estamos criando formas de poder e influência que transcendem o dinheiro, que está ficando obsoleto. Mas é engraçado porque todo mundo ainda parece correr atrás de dinheiro acima de qualquer coisa!

Se a estratégia de deixar o mundo mais assustador para ganhar a atenção de todos vier a ser a mais rentável, então é isso que acontecerá, mesmo que signifique a amplificação da voz de pessoas maldosas. Se quisermos que algo diferente aconteça, o modo como se ganha dinheiro precisa mudar.

Na esteira das eleições de 2016 nos Estados Unidos, o Facebook, o Twitter, o Google Search e o YouTube[32] anunciaram mudanças em suas políticas para combater anúncios obscuros, fake news maliciosas, discursos de ódio e assim por diante. Agências reguladoras também estabeleceram exigências, como identificar anunciantes que pertençam à esfera política. Quando eu estava terminando de escrever este livro, o Facebook anunciou que reduziria a ênfase em notícias em seu feed; a maior parte do mundo jornalístico comemorou, porque poderia ficar mais livre para se conectar com os públicos em seus próprios termos.

Essas mudanças podem muito bem ter um efeito anti-Bummer, pelo menos por algum tempo. Na verdade, ajustes na política de plataformas já amenizaram fenômenos sociais desagradáveis na internet. O Reddit proibiu alguns subreddits nocivos em 2015, e o fluxo de postagens de ódio diminuiu.

Os ajustes, no entanto, não desfazem os incentivos subjacentes, portanto é provável que pessoas maldosas inventem contramedidas ainda mais sorrateiras e sofisticadas para burlá-los. Isso também já aconteceu. Para afirmar o óbvio, há uma indústria vasta chamada otimização de mecanismos de busca, dedicada a ajudar clientes a manipular as constantes mudanças nas políticas que regem as buscas na internet.

Se os incentivos permanecem inalterados, será que reformas graduais podem resolver os problemas de vício, manipulação e indução de insanidade que a máquina Bummer produziu? Se reformas limitadas puderem fazer a diferença, dou meu total apoio a elas e espero que mudanças no feed do Facebook tornem o mundo um pouco melhor, mas temo que os ajustes sozinhos não cheguem tão longe assim. Esse é um dos motivos que me levaram a escrever este livro.

Os incentivos subjacentes tendem a sobrepujar as políticas. O modo como as pessoas contornam as regras para perseguir incentivos transforma o mundo, com frequência, em um lugar mais obscuro e perigoso. Mas proibições em geral não funcionam: quando os Estados Unidos tentaram proibir o consumo de álcool no início do século XX, por exemplo, o

resultado foi o aumento do crime organizado. Tiveram que voltar atrás na proibição. O mesmo aconteceu mais tarde, quando a maconha se tornou ilegal. Proibições são mecanismos de corrupção que dividem as sociedades em setores oficiais e criminosos. Leis funcionam melhor quando são alinhadas a incentivos de forma razoável.

Ajustar as regras da Bummer sem mudar os incentivos ocultos provavelmente levará a um fracasso semelhante. Modificações já deram errado: pioneiros de Bummer como o Google e o Facebook perseguiram avidamente elementos nocivos, falsificadores e manipuladores não autorizados, e o resultado foi o crescimento de máfias cibernéticas com competência técnica que florescem na clandestinidade e às vezes trabalham para Estados hostis.

O efeito colateral mais desanimador do ajuste de políticas da Bummer é que todo ciclo da corrida armamentista entre plataformas e pessoas nocivas motiva mais pessoas bem-intencionadas a exigir que as empresas Bummer tenham uma influência ainda maior em nossas vidas. Pedimos que empresas de tecnologia distantes, gigantes, controlem discursos de ódio, fake news maliciosas, intimidações, racismo, assédio, fraude de identidade e outras coisas ruins. Ativistas bem-intencionados exigem que as corporações controlem cada vez mais o comportamento. "Por favor, digam-nos o que podemos falar, ó, ricos e jovens programadores do Vale do Silício! Dê-nos disciplina!" Os maus indivíduos que querem desacreditar a democracia usando a máquina Bummer vencem mesmo quando perdem terreno para ativistas com boa intenção.

Há exemplos de incentivos Bummer infelizes ao longo deste livro. O argumento nove propõe uma estrutura de incentivos diferente que poderia tornar o mundo melhor. Avancemos para o componente F!

F *de multidões Falsas e sociedade Falsificadora*

Esse componente está quase sempre presente, embora normalmente não fizesse parte do projeto inicial de uma máquina Bummer. Embora o número de perfis falsos seja desconhecido, eles alcançam uma escala enorme e tomam conta do ambiente. Bots, inteligências artificiais, agentes,

comentaristas falsos, amigos falsos, seguidores falsos, cartazes falsos, perfis falsos automatizados: é uma miscelânea de fantasmas.

Isso tudo resulta em um vandalismo social invisível. A pressão social — tão influente na psicologia e no comportamento humanos — é sintetizada.

O papel crucial dos perfis falsos será explorado no argumento sobre a verdade, que vem depois do próximo, sobre os babacas.

O PROBLEMA É LIMITADO. LOGO, PODEMOS CONTÊ-LO

Quanto mais especificamente pudermos traçar uma linha em torno de um problema, mas solucionável ele é. Aqui formulo uma hipótese de que nosso problema não é a internet, os smartphones, os alto-falantes inteligentes ou a arte dos algoritmos. Em vez disso, o problema que ultimamente vem transformando o mundo em um lugar tão obscuro e louco é a máquina Bummer, e seu centro não é exatamente uma tecnologia, mas um *plano de negócio* que vomita incentivos perversos e corrompe pessoas.

Nem chega a ser um plano de negócio usado de forma ampla. Fora da China, os únicos gigantes de tecnologia que dependem totalmente da Bummer são o Facebook e o Google. As outras três grandes empresas de tecnologia se entregam à Bummer de vez em quando, porque isso está normalizado hoje em dia, mas não dependem disso. Algumas empresas Bummer menores também são influentes, como o Twitter,[33] embora com frequência tenham dificuldades. Um dos motivos pelos quais sou otimista é que a Bummer não é nenhuma maravilha como estratégia de negócio a longo prazo. Explicarei mais essa observação no argumento sobre economia.

Que empresas são Bummer? Isso está aberto a debates! Uma boa maneira de identificá-las é que as empresas Bummer de primeira linha atraem iniciativas ou gastos de agentes nocivos, como as unidades de guerra de inteligência do Estado russo. Esse teste revela que há serviços pseudo-Bummer que contêm apenas alguns dos componentes, como o Reddit e o 4chan, mas que ainda exercem papéis significativos no ecossistema Bummer.

Serviços de segunda ordem que podem se tornar Bummer, mas não se difundiram tanto, são operados por outros gigantes da tecnologia —

Microsoft, Amazon e Apple — e por empresas menores, como a Snap.

Mas esse segundo argumento não é sobre corporações, é sobre você. Como podemos traçar uma linha em torno da máquina Bummer, conseguimos isolar o que é necessário evitar.

O problema da Bummer não é incluir alguma tecnologia específica, mas se tratar dos delírios de poder de outra pessoa.

O behaviorismo metódico, descrito no primeiro argumento, não é um problema em si. Você pode escolher ser tratado por um terapeuta comportamental cognitivo e colher bons resultados. Com sorte, esse terapeuta fez um juramento de manter a ética profissional e vai ganhar sua confiança. No entanto, se seu terapeuta está comprometido com uma corporação gigante remota e é pago para levar você a tomar certas decisões que não são necessariamente de seu interesse, então isso seria uma Bummer.

Da mesma forma, o hipnotismo em si não é Bummer. Mas se seu hipnotizador for substituído por um desconhecido trabalhando para terceiros que você também não conhece, e se você não tem como saber o que a hipnose o está levando a fazer, então isso *seria* Bummer.

O problema não é uma tecnologia específica, mas o uso da tecnologia para manipular pessoas, para concentrar poder de maneira tão insana e sinistra a ponto de se tornar uma ameaça à sobrevivência da civilização.

Se quiser deixar o mundo mais são, não é preciso abrir mão de seu smartphone, dos serviços na nuvem ou dos sites. Você não precisa temer a matemática, as ciências sociais nem a psicologia.

Bummer é o que se deve evitar. Delete suas contas Bummer!

---

[23] Disponível em: <www.theatlantic.com/magazine/archive/2017/09/has-the-smart-phone-destroyed-a-generation/534198/>. Acesso em: 17 jul. 2018.

[24] Disponível em: <https://bits.blogs.nytimes.com/2011/12/03/how-the-internet-is-destroying-everything/>. Acesso em: 17 jul. 2018.

[25] Disponível em: <www.berkeleywellness.com/self-care/preventive-care/article/are-mobile-devices-ruining-our-eyes>. Acesso em: 17 jul. 2018.

[26] Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/The_God_That_Failed>. Acesso em: 17 jul. 2018.

[27] Disponível em: <www.forbes.com/sites/elizabethmacbride/2017/12/31/is-social-media-the-tobacco-industry-of-the-21st-century/#1cc668ae7011>. Acesso em: 17 jul. 2018.

[28] Disponível em: <www.hud.gov/sites/documents/20258_LEGISLATIVEHISTORY.PDF>. Acesso em: 17 jul. 2018.

* Palavra em inglês que, entre outros sentidos, pode significar decepção, chateação. (N. do T.)

[29] A era da televisão tentou ao máximo ser Bummer, mas sem circuitos de feedback diretos para os indivíduos. Por meio de um esforço heroico, a televisão foi capaz de ser levemente Bummer mesmo sem muitos dados. A "teoria do cultivo" estuda o fenômeno. Veja em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Cultivation_theory>. Acesso em: 18 jul. 2018.

[30] Essa história será contada em argumentos posteriores.

[31] Embora os gastos com propaganda e marketing digitais possam ainda ser um pouco menos da metade dos gastos globais nesses campos — lembre-se, a TV ainda é forte, em especial para as gerações mais velhas que cresceram com ela —, os investimentos totais estão aumentando, a maior parte dos gastos *novos* é para o meio digital e quase todos esses gastos são Bummer. Por que uma sociedade estaria gastando uma parte cada vez maior de sua riqueza em "propaganda"? Há um número imenso de relatórios da indústria sobre esse assunto e as estimativas variam, mas a maioria dos analistas concorda com essa interpretação geral.

[32] Por que o Google é considerado uma Bummer alfa? Em primeiro lugar, o Google inventou esse negócio antes da existência do Facebook. Ainda assim, se você está usando apenas alguns produtos do Google, como documentos, talvez não o experimente como Bummer. As buscas no Google, o YouTube e alguns outros serviços atendem, porém, aos critérios da Bummer, embora geralmente não sejam classificados como redes sociais. O YouTube usa um perfil adaptativo seu para lhe direcionar um feed de vídeos personalizado e projetado para provocar vício, incluindo uma seção de comentários com frequência desagradáveis, e ganha dinheiro quando terceiros pagam para interferir no que você vê a fim de mudar seu comportamento. Clássico Bummer. Além disso, o conteúdo de suas atividades no Google que aparentemente não são Bummer, como escrever e-mails, contribui com dados para o modelo que direciona a parte Bummer.

[33] Disponível em: <https://slate.com/technology/2018/03/twitter-is-rethinking-everything-at-last.html>. Acesso em: 18 jul. 2018.

ARGUMENTO TRÊS

As redes sociais estão tornando você um babaca

Deixe-me reformular o título deste argumento. Não conheço você. Não estou dizendo que você pessoalmente está virando um completo imbecil, mas muitas pessoas estão, e mesmo assim elas parecem acreditar que isso só está acontecendo com *os outros*. Eu vi que estava me tornando um babaca na internet e fiquei muito mal, foi assustador.

Portanto, o que eu deveria dizer é algo como "você corre o risco de se tornar aos poucos um babaca, ou, segundo as estatísticas, você pode muito bem se tornar um babaca. Assim sendo, não se ofenda, mas, por favor, leve a sério essa possibilidade".

NEVE ESCURA

Viciados podem tentar esconder um vício, sobretudo de si mesmos, mas com frequência ele aparece. As personalidades mudam.

A pessoa profundamente viciada tem um ritmo nervoso, um resmungar compulsivo diante de sua situação; ela se sente destituída, em uma busca desesperada por afirmação. Viciados se tornam ansiosos, dirigem um foco estranho a eventos obscuros que não são visíveis para os outros. Eles são egoístas, tão fechados em seus ciclos que não têm muito tempo para notar o que os outros sentem ou pensam. Há uma arrogância, um fetiche pelo exagero que, ao que tudo indica, compõe um disfarce para uma profunda insegurança. Uma mitologia pessoal domina os viciados, eles se veem com grandiosidade e — à medida que afundam no vício — de maneira cada vez menos realista.

Os muito viciados em redes sociais exibem essas mudanças, assim como os drogados ou apostadores que perderam tudo no jogo. Mais comumente, os usuários da Bummer se tornam *um pouco* assim, com uma probabilidade estatisticamente maior de se comportarem como viciados a qualquer momento. Assim como em tudo relacionado à Bummer, esse fenômeno tem nuances obscuras. Como resultado, toda a sociedade escureceu alguns tons.

A característica mais curiosa da personalidade do viciado é que no fim das contas parece que ele está em busca de sofrimento, já que o sofrimento faz parte do ciclo de cutucar a ferida. O apostador não é viciado exatamente em ganhar, mas em um processo em que perder é mais provável. Um drogado é viciado não apenas na onda, mas na diferença vertiginosa entre estar e não estar chapado.

Da mesma forma, um viciado em Bummer acaba ficando ofendido de maneira extraordinariamente rápida, como se estivesse ansioso para entrar em uma briga.

Viciados também se tornam agressivos, embora sintam que estão agindo por necessidade. A escolha é entre vitimizar ou ser uma vítima. Até viciados em Bummer bem-sucedidos e agradáveis, como grandes influenciadores nas redes sociais, relataram que não devem ser simpáticos demais com os outros, porque seria uma demonstração de fraqueza[34] em um ambiente muito competitivo. Para manter as aparências, o número de seguidores da pessoa deve ser maior que o de perfis que ela acompanha.

É difícil perceber ou reconhecer em si mesmo a mudança na personalidade; é mais fácil vê-la em outras pessoas, sobretudo quando não gostamos delas. Quando viciados em Bummer mais conservadores antipatizam com universitários progressistas com vícios Bummer, às vezes eles usam o insulto “pobre floco de neve”.[*]

No entanto, o mais pobre de todos os flocos de neve é justamente Donald Trump, que exibe o mesmo comportamento. Eu o encontrei algumas vezes ao longo de várias décadas e, mesmo ele não sendo um viciado em Bummer na época, não gostei dele. Trump era um personagem de Nova York, um manipulador, um ator, um mestre em livrar a cara de cupinchas e outros desgraçados. Mas, como personagem, ele estava por dentro da própria piada. Nem o reality show na TV o fez perder a cabeça.

Trump acabou se transformando com seu vício em Twitter. Ele exibe um padrão floco de neve e às vezes perde o controle. Não se comporta como a pessoa mais poderosa do mundo, porque seu vício é mais forte. Seja lá o que possa ser, qualquer que seja o tipo de vitimizador, ele também é uma vítima.

CONHECENDO MEU TROLL INTERIOR

Muitas coisas na mídia social mudaram ao longo dos anos, mas o básico já estava ali quando ingressei no mundo dos computadores, no fim dos anos 1970. As redes sociais que tínhamos na época não passavam de trocas de comentários, com apenas algumas pessoas postando textos. Não havia votação para as postagens favoritas, como no Reddit, e os algoritmos não customizavam seu feed. Era bem simples.

Mas notei uma coisa horrível já lá naquela época. Às vezes, do nada, eu começava a brigar com alguém, ou com um grupo de pessoas; era muito estranho. De início eram insultos, como se estivéssemos tentando marcar pontos e irritar uns aos outros. E as discussões se davam por razões incrivelmente idiotas, como marcas de pianos. Juro.

Eu ficava revoltado com as postagens. "Eu *não* sou ignorante! Eu entendo muito de piano! Como esse imbecil ousa dizer coisas horríveis assim a meu respeito? Vou arruinar a reputação desse babaca fazendo com que ele acabe falando alguma coisa bem idiota."

Isso acontecia com tanta frequência que se tornou normal, não apenas para mim, mas para todos. Era um clima caótico. A manhã estava bonita e de repente uma tempestade desabava.

Para evitar cair no comportamento babaca, você tinha que adotar uma falsa simpatia. Tinha que ser melosamente educado, escolhendo as palavras a todo instante e com muito cuidado, pisando em ovos.

Isso era ainda pior!

Parei de usar aquela rede primitiva porque não gostei da pessoa que eu estava me tornando. Você conhece o ditado de que se deve escolher um parceiro baseado em quem você se torna quando está com ele? Essa é uma boa maneira de escolher tecnologias também.

Quando alguns amigos iniciaram na internet uma comunidade pioneira chamada The Well, nos anos 1990, eles me deram uma conta, mas nunca

publiquei um único post. O mesmo aconteceu muito depois, quando ajudei alguns camaradas a iniciar um mundo on-line chamado Second Life.

No começo dos anos 2000, uma empreendedora chamada Arianna Huffington me arrumou um blog em seu *Huffington Post* durante algum tempo. Preciso lhe contar como ela fez isso.

Estávamos em uma conferência chique para pessoas ricas e influentes, em uma cidadezinha chique nas montanhas Rochosas do Colorado. Eu estava sentado em um banquinho, com o braço repousado sobre a borda de um muro de cimento que circundava uma lata de lixo. Arianna se aproximou e se sentou em cima do meu braço. "Arianna... ah, você não percebeu. Deixa só eu tirar aqui o braço."

Com seu sotaque grego carregado, ela respondeu: "Você sabe o que alguns homens pagariam por esse privilégio? Só vou soltar sua mão se você escrever para mim."

Então foi o que eu fiz. Fui um dos principais blogueiros do *HuffPost*, sempre na primeira página. Mas me vi caindo de novo naquele velho problema sempre que lia os comentários, e não conseguia me condicionar a ignorá-los. Sentia uma raiva estranha fervendo dentro de mim. Ou sentia um entusiasmo absurdo pela aprovação das pessoas, mesmo quando o que diziam indicava que não haviam prestado muita atenção no meu texto. Os autores dos comentários estavam em sua maior parte buscando atenção para eles próprios.

Estávamos todos no mesmo barco, manipulando uns aos outros, elevando a nós mesmos.

Pouco tempo depois, notei que escrevia coisas nas quais eu nem sequer acreditava só para obter uma reação maior dos leitores. Eu falava sobre assuntos que sabia que as pessoas queriam ouvir, ou o oposto, porque estava certo de que as provocaria.

Ah, meu Deus! Eu tinha voltado ao mesmo lugar; havia me tornado de novo um imbecil por causa de *alguma coisa* nessa tecnologia estúpida!

Abandonei tudo — mais uma vez.

De todos os argumentos deste livro, este é o que realmente me atinge com mais contundência. Não quero ser um babaca. Nem adotar uma falsa simpatia.

Quero ser simpático de verdade, e certos projetos on-line parecem lutar contra isso com uma força mágica. Esse é o principal motivo pelo qual não

tenho contas em Facebook, Twitter, WhatsApp,[35] Instagram, Snapchat ou qualquer um dos outros. Você verá perfis falsos em meu nome. Existe até um suposto @RealJaronLanier no Twitter, mas não tenho a menor ideia de quem seja. Só sei que não sou eu.

Não acho que sou melhor do que você por não ter contas nas redes sociais. Pode ser que eu seja pior; talvez você consiga lidar com isso melhor do que eu.

No entanto, observei que desde que a rede social decolou, os babacas estão tendo mais voz no mundo.

As experiências nas plataformas Bummer ricocheteiam entre dois extremos. Ou há uma *shitstorm* total de imbecis ou todos são supercuidadosos e dotados de uma simpatia artificial.

No entanto, os piores babacas recebem a maior parte da atenção e com frequência acabam determinando o tom da plataforma. Mesmo se houver algum recanto onde nem todo mundo é um imbecil o tempo todo, esse oásis parece encurralado, porque os imbecis estão à espreita do lado de fora. Em certa medida, é como o componente A da Bummer (Aquisição de Atenção que resulta na supremacia do babaca) força o tribalismo.

A NATUREZA MISTERIOSA DA TECNOLOGIA DE AMPLIFICAÇÃO DO BABACA

Ninguém me convenceu de que entendeu completamente por que o componente A faz aflorar o babaca interior das pessoas. Há muitas teorias,[36] mas aqui estão as ideias que melhor me serviram.

Não adianta pensar no mundo como sendo dividido entre imbecis e não imbecis ou, se achar melhor, entre trolls e vítimas.

Cada um de nós tem um troll interior. Antigamente, antes de todo mundo fazer isso, era mais fácil notar como é bizarro quando seu troll interior se manifesta. É como se um alienígena horrível — do qual você havia esquecido há muito tempo — vivesse dentro de você. Não deixe seu troll interior assumir o controle! Se isso sempre acontece em uma situação específica, evite essa situação! Não importa se é uma plataforma on-line, um relacionamento ou um trabalho. Seu caráter é como sua saúde, mais valioso do que qualquer coisa que se possa comprar. Não o jogue fora.

Mas *por que* o troll interior está ali?

Isso é um problema tão comum que deve ser um lance profundo, primitivo, uma tragédia de nossa herança, um defeito estúpido no cerne da condição humana. Mas dizer isso não nos leva a lugar nenhum. O que é exatamente o troll interior?

Primeiro de tudo, às vezes o troll interior assume o controle, às vezes não. A hipótese em que trabalho há muito tempo é a de que existe um interruptor no fundo de cada personalidade humana que pode ser ligado em dois modos. Somos como os lobos. Podemos ser solitários ou fazer parte de uma alcateia. Por isso chamo esse mecanismo de interruptor Solitário/Alcateia.

Somos mais livres na condição de lobos solitários. Somos cautelosos, mas também capazes de ter mais alegria. Pensamos por nós mesmos, improvisamos, criamos. Vasculhamos, caçamos e nos escondemos. Uivamos de vez em quando por pura exuberância.

Por outro lado, quando integramos uma alcateia, as interações com o outro se tornam a coisa mais importante do mundo. Não sei até que ponto isso acontece com os lobos, mas entre as pessoas é uma situação drástica. Quando estão fechadas em uma estrutura de poder competitiva, hierárquica, como uma corporação, as pessoas podem perder de vista a realidade daquilo que estão fazendo, porque a luta imediata pelo poder assume um vulto maior do que a própria realidade.

O exemplo que assume o maior vulto hoje é a negação das mudanças climáticas. Na comunidade científica e entre praticamente todas as nações do mundo, existe o consenso de que devemos confrontar as alterações do clima, e ainda assim um grupo pequeno, mas poderoso, de empresários e políticos não concorda. Eles encaram a ciência a respeito da mudança climática como uma trama para atacar sua riqueza e seu poder. É uma ideia absurda, uma insensatez que só é possível quando estamos fechados em uma compreensão do mundo que só leva em conta as lutas de poder, excluindo a realidade mais ampla.

Para uma criatura do mundo técnico, é reconfortante destacar um exemplo como esse, porque ele nos livra de suspeita, mas comunidades científicas também podem sofrer com o interruptor posicionado no modo Alcateia. Por exemplo, o físico Lee Smolin documentou o modo como teóricos das cordas exerceram um domínio coletivo durante algum tempo no

mundo da física teórica.[37] O padrão é encontrado sempre que pessoas formam grupos. Gangues de rua se valem apenas de conceitos de alcateia, como territorialidade e vingança, mesmo que estes destruam suas vidas, famílias e bairros. O modo Alcateia do interruptor faz você prestar tanta atenção nos colegas e inimigos no mundo de alcateias que isso o impede de ver o que está acontecendo na sua frente.

Quando o interruptor Solitário/Alcateia é posicionado em Alcateia, ficamos obcecados por uma hierarquia social, que passa a nos controlar. Agredimos aqueles que estão abaixo de nós, com medo de sermos rebaixados, e ao mesmo tempo fazemos o possível para bajular e criticar aqueles que estão acima. Nossos colegas oscilam entre "aliado" e "inimigo" tão rapidamente que deixamos de percebê-los como indivíduos. Eles se transformam em arquétipos de uma revista em quadrinhos. A única base constante de amizade acaba sendo um antagonismo compartilhado em relação a outras alcateias.

Sim, vou misturar metáforas de animais. Claro, acho que um gato "domesticado" moderno é mais parecido com um lobo solitário do que com um integrante de alcateia, embora os gatos também se preocupem muito com estruturas sociais hierárquicas. Talvez os gatos tenham um interruptor de Orgulho, e viver com humanos tenha lhes dado a liberdade de diminuir a importância dos orgulhos. Quanto mais rico o território de caça, mais fácil é não ser um imbecil com os colegas. Passar a morar com humanos pode ter sido para os gatos o que a tecnologia avançada tem sido para a gente. Mais opções significam mais chances de não ser um troll. Pelo menos é isso que a tecnologia avançada geralmente tem significado no panorama mais amplo da história humana. A Bummer é uma exceção infeliz, uma maneira de usar a tecnologia para reduzir a liberdade humana.

O interruptor das pessoas deve ser mantido no modo Lobo Solitário. Quando as pessoas atuam como lobos solitários, cada indivíduo tem acesso a informações ligeiramente diferentes sobre o mundo, e maneiras ligeiramente diferentes de refletir sobre essas informações. Venho falando sobre a relação entre a posição Solitário e o caráter pessoal, mas há outros motivos para manter o interruptor nessa configuração.

Considere uma demonstração que é feita com frequência no primeiro dia de aula de uma escola de administração: um professor mostra à turma um

grande pote de jujubas e pede a cada um que estime o número total de balas. A média de todas as estimativas geralmente resulta em uma cifra bastante precisa. Cada pessoa traz diferentes perspectivas, estilos cognitivos, habilidades e estratégias para resolver a charada, e a média chega a uma conformidade entre tudo isso. (A demonstração só funciona para respostas de um único número. Se você pede a uma comissão que crie um produto ou escreva um romance, o resultado sai como algo feito por uma comissão.)

Agora imagine que os estudantes só possam olhar para o pote por meio de fotos em um feed de alguma rede social. Diferentes grupos de pessoas com ideias divergentes sobre o número de balas se formariam e ridicularizariam uns aos outros. Serviços de inteligência russos postariam fotos de potes semelhantes com uma quantidade diferente de balas. Defensores das jujubas motivariam trolls a argumentar que não há balas suficientes e que é preciso comprar mais. E assim por diante. Já não haveria uma maneira de adivinhar o número de jujubas porque o poder da diversidade teria sido comprometido. Quando isso acontece, os mercados já não são capazes de oferecer utilidade ao mundo.

Você pode substituir o pote de balas por um candidato às eleições, um produto ou qualquer outra coisa. Mas isso cria problemas que abordarei nos argumentos sobre como a Bummer destrói nosso acesso à verdade e ao significado.

Por ora, pense no pote desse exemplo como se fosse sua identidade, conforme ela é apresentada nas redes sociais. Sua identidade é posta no modo Alcateia pela Bummer. Colocando-se ali, você está se apagando. Enquanto estiverem pensando por si mesmas, as pessoas adivinharão coletivamente o número de jujubas no pote, mas isso não funcionará se elas estiverem em uma alcateia e presas em uma identidade de grupo.

Há situações que demandam o interruptor no modo Alcateia. Unidades militares são o exemplo principal. Às vezes, as pessoas precisam se entregar a uma ordem hierárquica porque essa é a única maneira de sobreviver. Mas diminuir ao máximo esses momentos deveria ser um dos objetivos primordiais da civilização.

O capitalismo fracassa quando o interruptor está em modo Alcateia. Essa posição provoca bolhas e outras falhas de mercado. Certamente há empresários falastrões que preferem usar metáforas militares nos negócios; espera-se que você seja firme e implacável. Mas, como o modo Alcateia

também o deixa parcialmente cego, a longo prazo esse tipo de personalidade não é bom para os negócios, se definimos negócios como sendo a realidade para além das competições sociais.

Ao agir como lobo solitário, cada pessoa está em uma posição única na sociedade e pensa de maneira exclusiva. Outro exemplo: eleições democráticas são uma mistura genuína de ideias e historicamente têm ajudado sociedades a encontrar caminhos para seguir adiante apesar das controvérsias, mas somente se as pessoas forem postas no modo Solitário. A democracia fracassa quando o interruptor é posicionado em Alcateia. Votações tribais, cultos à personalidade e autoritarismo são as políticas do modo Alcateia.

De início pode parecer uma contradição, mas não é; processos coletivos fazem mais sentido quando os participantes agem como indivíduos.

O MAIS MAGISTRAL INTERRUPTOR MESTRE[38]

Vamos supor que você acredite na teoria do interruptor Solitário/Alcateia. Nas experiências on-line, o que muda o interruptor para a posição Alcateia? A resposta mais simples é provavelmente a correta. O interruptor muda para o modo Alcateia quando os benefícios da posição Lobo Solitário se tornam obscuros.

Quando o indivíduo é um lobo solitário, ele é forçado a entrar diretamente em contato com a realidade mais ampla que não se importa com o que a sociedade pensa. A personalidade muda. Ele precisa encontrar água e abrigo, senão perecerá. Deve vasculhar e caçar por conta própria. Precisa resolver problemas com base em evidências que reúne sozinho, em vez de prestar atenção à percepção de um grupo. Adquire, dessa forma, as qualidades de um cientista ou um artista.

Para quem está em uma alcateia, o status social e as intrigas se tornam mais prioritários do que a realidade mais ampla. Você fica mais parecido com um operador, um político ou um escravo.

Portanto, as situações em que você é privado do contato imediato com a realidade mais ampla, em que as interações sociais se tornam preeminentes, mudarão seu interruptor interno para Alcateia.

Além de soar verdadeira, essa teoria é compatível com evidências disponíveis. Entre as grandes redes sociais, por exemplo, a que tem menos babacas é o LinkedIn.[39] Isso não significa que o LinkedIn não tenha outros problemas da Bummer. Tristan Harris destaca a crítica relacionada à exploração de ansiedades sociais em nome do engajamento, por exemplo.[40]

E aqui uma revelação total: tenho uma relação profissional com o LinkedIn que pode prejudicar minha credibilidade (embora eu não tenha conta no site). Você não deve aceitar o que digo sem pensar de maneira crítica, e minha revelação de um conflito de interesse é um ótimo ponto de partida para fazer isso. Pense por conta própria!

De qualquer modo, embora as pessoas que conheço no LinkedIn sejam encantadoras, digo o mesmo a respeito das pessoas que conheço no Twitter e no Facebook. A diferença do LinkedIn é que seus usuários têm simplesmente *outra coisa* para fazer em vez de competir por aparências — há algo mais substancial em jogo. O site é conhecido como um lugar para promover a carreira. Ganha dinheiro principalmente conectando empregadores com empregados, em vez de manipular pessoas para que elas realizem compras ou mudem seus comportamentos de outras maneiras que não vêm ao caso.

Carreiras são processos concretos, reais, que geram sustento. Não apenas são verdadeiras, como também não são descartáveis. Cada carreira é única e indispensável a uma pessoa. Os usuários do LinkedIn não estão todos buscando exatamente o mesmo objetivo, portanto não são compelidos a entrar em conflito direto ou a negociar entre si. Eles não recebem um número que lhe confira popularidade, como os aspirantes das redes sociais que são empurrados para uma única competição global.

Os usuários do LinkedIn têm outra coisa para fazer em vez de posar socialmente, uma postura que tende a fomentar a imbecilidade; e a maioria das pessoas, *se puder escolher*, preferirá não se tornar um imbecil. A questão-chave é haver uma camada prevalecente de motivação para fazer *qualquer outra coisa* que não seja obter atenção ou buscar outras recompensas puramente psicológicas. Essa simples qualidade — de haver interesses para além de jogos mentais — eleva o nível de um ambiente on-line.

É simples. O caráter prático — que inclui o modo como ganhamos a vida — é o que no fim das contas nos une e, portanto, nos civiliza.[41]

Na Bummerlândia, parece que cada pequeno comentário ou se torna uma competição por completa invalidação e destruição pessoal ou todas as pessoas têm que ficar simpatiquinhas e falsas. O exemplo mais óbvio é que o presidente dos Estados Unidos viciado em Bummer, o "viciado em chefe" das redes sociais, transforma tudo em uma competição de quem pode destruir uma pessoa de maneira mais implacável com um tuíte, ou de quem recebe um bom tratamento em troca de lealdade total.

VÁ PARA ONDE VOCÊ É MAIS GENTIL

É claro que havia babacas no mundo pré-Bummer, mas não era difícil evitar se tornar um. Na Bummer você tem que lutar contra a gravidade só para ser uma pessoa decente.

O problema da supremacia do babaca on-line poderia ser resolvido de maneira um tanto simples desfazendo-se do modelo de negócio Bummer. Uma possibilidade é que as pessoas ganhem dinheiro com mais frequência e de maneira mais justa do que ganham na internet; essa ideia será explorada no argumento sobre como as redes sociais estão arruinando a economia.

O que precisamos é de *qualquer coisa* verdadeira, além das pretensões sociais, em que as pessoas possam focar em vez de se tornarem imbecis.

Enquanto isso, você, pessoalmente, pode fazer uma coisa. Se, ao participar de alguma plataforma on-line, você notar algo desagradável dentro de si mesmo, uma insegurança, uma sensação de baixa autoestima, uma ânsia de partir para o ataque, de bater em alguém, *saia dessa plataforma*. Simples.

O bullying on-line está sob os holofotes, como deveria estar, e pode ser que você já tenha sido vítima dele na internet. Muita gente já passou por isso.

Mas também estou pedindo para você tentar perceber, dentro de sua mente, em genuíno sigilo — não compartilhe isso —, se está sentindo a tentação de atacar *alguém* on-line. Talvez essa pessoa o tenha provocado, mas, seja o que for, não vale a pena. Saia da plataforma. Não poste aquele vídeo de insulto, não tuíte em retaliação.

Se o Twitter encerrasse as operações amanhã, não só Trump não seria capaz de tuitar, é claro, como também se tornaria uma pessoa mais

simpática e melhor, pelo menos até ele se agarrar a outra plataforma Bummer.

Não posso provar isso, e muita gente discordará de mim. Não importa. Olhe para dentro de si mesmo. Sério, você está sendo tão gentil quanto gostaria de ser? Em que momentos você é mais parecido com a pessoa que quer ser, e quando você fica irritável e desdenhoso?

Não deixe o seu caráter se degradar. Ele é a coisa mais preciosa em você.

---

[34] Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/12/30/business/hollywood-apartment-social-media.html>. Acesso em: 20 jul. 2018.

* Em inglês, *snowflake*, termo usado principalmente por conservadores em referência àqueles que, segundo eles, são emocionalmente vulneráveis e se ofendem facilmente. (N. do T.)

[35] O WhatsApp faz parte do Facebook; mesmo que às vezes pareça alguma outra plataforma de mensagens de texto, é, na verdade, uma fonte primária de dados para a Bummer. O Facebook tem enfrentado consideráveis reações legais por usar dados do WhatsApp dessa maneira na Europa (veja: <https://theverge.com/2017/12/18/16792448/whatsapp-facebook-data-sharing-no-user-consent>. Acesso em: 19 jul. 2018). Nos Estados Unidos, como as regras de Neutralidade da Rede estão sendo abrandadas, é possível que *todas* as mensagens de texto, até mesmo SMSs, tornem-se parte da Bummer, mas no momento em que estou escrevendo não parece que isso aconteceu.

[36] Hoje em dia, a mais proeminente abordagem acadêmica para o estudo da criação do babaca é SIDE Theory. Veja em <https://en.wikipedia.org/wiki/Social_identity_model_of_deindividuation_effects> (acesso em: 19 jul. 2018), mas, por favor, prometa-me que você não se tornará um idiota em uma guerra de edição sobre esse verbete, está bem? Se quiser ler pesquisas relevantes de um cientista trabalhando para o Facebook, confira o trabalho de Justin Cheng: <https://www.clr3.com/>. Acesso em: 19 jul. 2018.

[37] Disponível em: <http://leesmolin.com/writings/the-trouble-with-physics/>. Acesso em: 20 jul. 2018.

[38] Um oi para Tim Wu.

[39] Disponível em: <https://www.recode.net/2016/12/29/14100064/linkedin-daniel-roth-fake-news-facebook-recode-podcast>. Acesso em: 20 jul. 2018.

[40] Disponível em: <http://www.spiegel.de/international/zeitgeist/smartphone-addiction-is-part-of-the-design-a-1104237.html>. Acesso em: 20 jul. 2018.

[41] Quando você não está na Bummer, é possível ser firme sem ser um idiota. O que espero que esteja acontecendo neste livro é que, embora eu esteja usando uma linguagem mordaz e adotando um discurso acalorado, eu não esteja difamando nem condenando pessoas. “Bummer é uma droga, mas é principalmente um plano de negócio estúpido, e as pessoas por trás disso em geral são ótimas e apenas cometeram um erro, e todos nós precisamos superar isso.” Está vendo? Não é difícil ser firme e intenso sem ter que odiar. Na verdade, aqui fora, na realidade, é difícil até lembrar como é ter seu troll interior tentando assumir o controle. É por isso que estou escrevendo um livro em vez de fazer um post na internet.

ARGUMENTO QUATRO

As redes sociais minam a verdade

TODO MUNDO SABE

A noção de que nos últimos tempos a verdade morreu é um dos tropos mais difundidos de nossa época.[42] E o assassino acusado com mais frequência é a rede social, ou um certo presidente que é viciado nela. Artigos com títulos do tipo “Como a tecnologia destruiu a verdade”[43] são tão abundantes que nem preciso acrescentar nada.

Este capítulo contém explicações variadas sobre como e por que as redes sociais minam a verdade; as explicações são cruciais para todos os outros nove argumentos.

Além disso, cada componente da Bummer, de A a F, destrói a verdade à sua maneira.

A Os babacas da Alcateia transformam o discurso em uma forma de descarregar em cima dos outros. Eles põem o interruptor Solitário/Alcateia em modo Alcateia, o que faz as pessoas prestarem tanta atenção à competição por status social que podem não enxergar o restante, toda e qualquer verdade mais ampla ou mais fundamental.

B Empresas de tecnologia espionam você, metendo o Bedelho em sua vida. A percepção da verdade exige que as pessoas sejam autênticas, para que elas possam se perceber como tal. Esse princípio foi explicado na analogia do pote de jujubas: quando são constantemente incitadas por tecnologias espiãs, as pessoas perdem a autenticidade.

C Comprimir conteúdos goela abaixo. Quando “o que as pessoas são levadas a perceber” é o produto vendido por algumas das corporações mais ricas, obviamente quem sofre é a verdade. A perda da verdade é o produto.

D Direcionar vidas por meio da modificação ubíqua de comportamento. Quando vícios forjados tecnologicamente são aplicados para manipular

as massas em nome do lucro, fica óbvio que essas massas são afastadas da verdade. Esse é precisamente o objetivo.

E Embolsar dinheiro deixando que algumas pessoas, com frequência nocivas, modifiquem secretamente o comportamento dos outros. Incentivos econômicos tendem a prevalecer sobre regras, políticas e boas intenções, conforme será explicado no argumento sobre economia. Portanto, na melhor das hipóteses, incentivos na Bummer não estão em sintonia com a verdade, e com frequência a desfavorecem.

F Pessoas Falsas não têm motivo para dizer a verdade; seria, de fato, um suicídio para elas. Mas pessoas falsas têm sido geradas e amplificadas pela Bummer.

A verdade, no sentido de uma afirmação que pode ser testada ou de acontecimentos que são documentados com honestidade — a matéria que *todas* as pessoas podem ter em comum —, é, por definição, um anátema para as manipulações da Bummer. Afinal, essa máquina volta e meia contorna a verdade e tenta suprimi-la para prosperar.

QUANDO AS PESSOAS SÃO FALSAS, TUDO SE TORNA FALSO

É bastante claro que as pessoas falsas do componente F são as células-tronco para todas as outras falsidades que permeiam a máquina Bummer.

Deixando de lado pessoas explicitamente falsas, como Alexa, Cortana e Siri, você talvez pense que nunca interagiu com uma pessoa falsa na internet, mas isso certamente já aconteceu, e muitas vezes. Você decidiu comprar alguma coisa porque havia um monte de críticas positivas, mas muitos desses comentários eram de pessoas falsas. Usando um mecanismo de busca, você encontrou um médico, mas o motivo pelo qual esse médico apareceu no topo dos resultados é que havia uma grande quantidade de perfis falsos ligados ao consultório dele. Você viu um vídeo ou leu uma matéria porque muitas outras pessoas haviam feito o mesmo, mas a maioria delas era falsa. Você tomou conhecimento de tuítes porque eles foram retuitados primeiro por exércitos de bots.

Nossos grupos de colegas nos influenciam profundamente quando somos jovens, mas isso continua acontecendo ao longo da vida. Se seu grupo de

colegas estendido contém muitas pessoas falsas, calculadas para manipulá-lo, é provável que você seja influenciado sem sequer perceber.

Trata-se de uma verdade difícil de aceitar, mas, por causa da importância da percepção social, é fato, pelo menos em um pequeno grau, que você mesmo tem vivido uma vida falsa. A Bummer está tornando *você* parcialmente falso.

O que quer que você possa fazer, bots fazem um milhão de vezes em um piscar de olhos. Pessoas falsas são um ataque de negação de serviço *cultural*.

Em um ataque de negação de serviço, hackers põem um exército de bots para bombardear um site com tanto tráfego que nenhuma pessoa de verdade consegue acessá-lo. É um uso clássico de vírus de computador por parte de maus elementos do mundo virtual. Elas infectam milhões de computadores com um vírus e depois fazem esses computadores, todos de uma vez, contatarem um site-vítima. Ou, o que é mais comum, eles vendem essa habilidade como um serviço.

Da mesma maneira, exércitos de pessoas falsas em uma plataforma Bummer ocupam bastante espaço e direcionam as circunstâncias em favor de seus mestres.

Os perfis falsos em geral não são operados pelas mesmas pessoas que regem plataformas Bummer; são fabricados em um novo submundo. Existe hoje uma indústria que vende humanos falsificados.

De acordo com uma reportagem do *The New York Times*, o preço médio no Twitter no início de 2018 era de 225 dólares pelos primeiros 25 mil seguidores falsos.[44] As contas falsas podem ser um mix de contas de pessoas reais; em uma inspeção desatenta, elas parecem de verdade. Celebridades, empreendimentos, políticos e um pool de clientes cibernéticos inescrupulosos fazem uso de fábricas de pessoas falsas. As empresas que vendem pessoas falsas com frequência são falsas também. (O *Times* apurou que um proeminente serviço de bots registrava um endereço falso.)

Alguns sites nem sequer existiriam se não fossem as pessoas falsas. O exemplo mais conhecido talvez seja o Ashley Madison, um suposto serviço de encontros para adúlteros. O site, segundo consta, usou mulheres falsas para atrair homens a se inscrever em contas mais caras.[45] Chegou até a ser acusado de criar críticos falsos para gerar controvérsias e se autopromover.[46]

As principais empresas Bummer não são de todo inocentes quando o assunto é bots. Para importantes operadores Bummer, é difícil se livrar por completo das pessoas falsas, porque eles se tornam dependentes delas, assim como animais que precisam de bactérias da flora intestinal. O componente F fornece impulso e energia gratuitos. Os intrusos se tornam parte da máquina.

Todas as empresas de tecnologia combatem contas falsas, mas também se beneficiam delas. Embora pessoas que trabalham no Twitter possam, em um nível emocional ou ético, preferir que a plataforma esteja livre de bots, eles também amplificam a atividade e a intensidade do serviço. Grandes atividades sociais falsas acabam por influenciar pessoas de verdade. Indiretamente, criam uma realidade social genuína, o que significa que elas geram dinheiro. Pessoas são manipuladas com êxito por elas. Especialistas em tecnologia podem inventar argumentos para justificar a situação para si próprios, falando sobre como os robôs aumentam a diversidade da liberdade de expressão, ou algum absurdo semelhante,[47] embora os bots possam afugentar discursos autênticos.

Outro fenômeno relacionado com o componente F é o modo como alguns veículos de mídia antiga, como a Fox News nos Estados Unidos, tornaram-se mais esquisitos e tendenciosos (mídia antiga significa TV, rádio e impressos no jargão do Vale do Silício). Por que isso está acontecendo de maneira tão avassaladora na era da mídia social se antes era mais suave, pelo menos nos tempos modernos? Há muitas razões para explorar, mas uma delas é certamente que a Bummer pode ser usada para criar uma atmosfera social que torna concebível o que antes era impensável. Por exemplo, as mais loucas teorias da conspiração começam com frequência na Bummer, amplificadas por pessoas artificiais, antes de aparecerem na mídia antiga hiperpartidária.[48]

Veículos hiperpartidários como a Fox News podem, portanto, ser pensados como parte do componente F. Eles são pedaços de mídia antiga que foram improvisados para se transformarem em parte da máquina Bummer.[49]

O componente F torna a máquina Bummer robusta em seu horror, de modo que ajustes na tentativa de melhorá-la pouco adiantam. Nos Estados Unidos, por exemplo, agências reguladoras pediram a empresas de mídia

social que começassem a identificar quem pagou por determinado anúncio, mas como há multidões sem fim de entidades falsas energizando a máquina Bummer, como é que alguém tem condição de saber o que uma identificação dessas significará?

Os bots determinam sua rota em torno de tentativas de ajustar ou regular a Bummer. Se os anúncios nessa máquina passassem a ser regulados com rigidez, os bots poderiam fazer uma retaliação, como provocar uma chuva de *shitposts*[50] para realizar o que já não poderia ser feito com anúncios. Esse é um dos motivos que explicam por que a Bummer precisa ser removida do nosso mundo.

Em depoimento diante do Senado dos Estados Unidos, advogados de empresas de mídia social alegaram que não podiam detectar as pessoas falsas.[51] Eles não têm meios para tal.

Isso é um tipo de humor sombrio. Presume-se que os algoritmos da Bummer estão tentando manipular as pessoas falsas, assim como manipulam você; mas, diferentemente de você, os bots são imunes a isso.

É preciso enfatizar que o tipo de pessoa falsa que estou ridicularizando é uma fraude produzida em massa com a intenção de manipular. Definitivamente, não é meu papel julgar o que é autêntico para você ou como você constrói sua imagem on-line. Estou criticando uma relação de poder, não propondo uma teoria sobre autenticidade. Quando um adolescente faz uma conta fake no Instagram, isso não é necessariamente ruim. Passar a conhecer os costumes de uma sociedade é essencial para alguém que vai se tornar um cidadão exemplar; se a sociedade é baseada em pessoas falsas, é melhor você aprender como construir uma pessoa falsa.

A BUMMER MATA

Grande parte dos problemas causados pela Bummer pode ser desfeita ao deletar suas contas, mas a degradação social da verdade ultrapassa os limites da máquina e fere até pessoas que não estão nem um pouco engajadas diretamente com ela. Há muitos exemplos desse perigo, em especial na política, mas focarei aqui na saúde pública.

Sou pai, e quero que as crianças com as quais minha filha interage sejam vacinadas. A imunização é um bem comum, um presente que podemos dar

uns aos outros. É uma das maiores invenções da história humana.

Quando eu era garoto, ainda havia muita gente se contorcendo ao andar nas calçadas, sofrendo de deformações da poliomielite. As pessoas que sobreviveram e podiam andar, na verdade, eram as que tinham sorte. Não importava se fosse rica ou pobre, negra ou branca. Qualquer um podia contrair pólio.

Qual foi a última vez que você viu uma vítima da pólio? E essa enfermidade está longe de ser o único exemplo. A geração dos meus pais passou por epidemias que mataram milhões — dezenas de milhões — de pessoas.

As vacinas são melhores do que a eletricidade, o vaso sanitário com descarga e a exploração espacial juntos. E olha que eu adoro todas essas invenções.

No entanto, conheço pais — americanos instruídos, de classe média alta — que nem sequer consideram vacinar os filhos. Alguns deles são de "esquerda" e outros são de "direita". Eles não só consideram a vacinação ruim; eles acreditam que é maligna, alienígena, repulsiva. Acham que causa autismo. Essas pessoas não conseguem parar de pensar nessas teorias conspiratórias. Você talvez pense que estou sendo elitista quando fico mais estarrecido por pais "instruídos" — que têm uma probabilidade maior de serem mais abastados — fomentarem um absurdo perigoso desse, mas o objetivo da educação não deveria ser justamente diminuir a suscetibilidade das pessoas a absurdos perigosos?

Tentei me relacionar com esse pais, e foi aí que eles me mostraram seus feeds Bummer. Todos os dias eles digerem memes, fake news assustadoras e links questionáveis para atrair cliques que parecem[52] provir de bots, embora ninguém saiba realmente até que ponto.[53] Uma atmosfera de paranoia e rejeição tomou conta desses viciados em Bummer enquanto eles buscam uma nova fixação em forma de estímulos sociais positivos e negativos todos os dias.

Sempre houve ondas estranhas de inverdade na sociedade, mas, de algum modo, com a intenção de progredir para nossa modernidade confortável, aos poucos encontramos juntos um caminho para o que é verdadeiro. O que está diferente nos últimos anos é que muitos de nós já não investigamos diretamente o pote de jujubas.

Em nossa era Bummer, a informação que chega às pessoas é resultado do modo como anunciantes manipuladores e empresas de tecnologia loucas por poder se encontram em competições por status desvairadas, maquinadas. Isso significa que há menos autenticidade na exploração social para nos ajudar a encontrar a verdade.

As pessoas estão aglomeradas em grupos paranoicos porque podem ser mais fácil e previsivelmente influenciadas. A aglomeração é automática, estéril e, como sempre, estranhamente inocente. Não havia ninguém em uma empresa de tecnologia que decidiu promover a retórica antivacina como tática. Poderia ter sido igualmente fácil bolar uma retórica anti-hamster, por exemplo. O único motivo pelo qual a máquina Bummer reforça algo é porque a paranoia acaba sendo, como de costume, uma maneira eficiente de reunir a atenção.

A capacidade dos humanos de aproveitar nossos luxos modernos, como a diminuição das epidemias mortais, e também, mesmo que temporariamente, rejeitar os benefícios de verdades duramente conquistadas é uma evidência de como fomos longe como espécie tecnológica. Alguns podem, por um breve período, escapar impunes achando que as pessoas serão saudáveis sem vacinações, como se a saúde fosse o estado natural das coisas.

As medidas de saúde pública e a medicina moderna dobraram nossa expectativa de vida. Dobraram! O resultado não intencional é que agora alguns podem crer em absurdos e não pagar pela crença com a própria vida. Pelo menos por algum tempo.

Para nos beneficiarmos a longo prazo, à medida que a tecnologia se aperfeiçoa, precisamos encontrar uma maneira de não deixar nosso conforto e segurança aprimorados se transformarem em um disfarce para nos deixarmos levar por uma fantasia arriscada. Formas de mídia que promovem a verdade são essenciais para a sobrevivência, mas a mídia dominante da nossa época não faz nada disso.

Estou batendo nessa tecla porque, como pai, esse exemplo me irrita; trata-se de um nível profundo de incômodo. É enlouquecedor dirigir pelo Vale do Silício e perceber que muitos amigos meus que trabalham por trás daquelas janelas de vidro verde das empresas de tecnologia que se estendem

até o horizonte podem estar contribuindo para um processo que vem ressuscitando doenças infantis já superadas.[54]

Salve as crianças; delete suas contas.

---

[42] Disponível em: <https://backissues.time.com/storefront/2017/is-truth-dead-/prodTD20170403.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

[43] Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2016/jul/12/how-technology-disrupted-the-truth>. Acesso em: 23 jul. 2018.

[44] Disponível em: <www.nytimes.com/interactive/2018/01/27/technology/social-media-bots.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

[45] Disponível em: <www.reuters.com/article/us-ashleymadison-cyber/indifelity-website-ashley-madison-facing-ftc-probe-ceo-apologizes-idUSKCN0ZL09J>. Acesso em: 23 jul. 2018.

[46] Disponível em: <www.forbes.com/sites/kashmirhill/2011/02/11/ashley-madison-lessons-in-promoting-a-sleazy-business/>. Acesso em: 23 jul. 2018.

[47] Disponível em: <https://slate.com/technology/2018/01/robots-deserve-a-first-amendment-right-to-free-speech.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

[48] Disponível em: <http://money.cnn.com/2017/05/24/media/seth-rich-fox-news-retraction/index.html>. Acesso em: 23 jul. 2018.

[49] Isso não quer dizer que haja uma conspiração entre empresas da nova e da velha mídia. Tem havido mais tensão do que cooperação. Lembre-se, Bummer é um sistema automático que foi posto em funcionamento para otimizar a si mesmo. Ele encontra padrões que funcionam, mesmo quando estes estão em conflito com as tendências emocionais ou políticas daqueles que ganham dinheiro com os padrões. As tensões entre a Fox News e o Facebook são bem conhecidas: a plataforma de Zuckerberg está absorvendo dinheiro que antes teria sido destinado à velha mídia.

[50] Veja em: <www.dailydot.com/unclick/shitposting/>. Acesso em: 23 jul. 2018.

[51] Disponível em: <www.theguardian.com/us-news/2017/oct/31/facebook-russia-ads-senate-hearing-al-franken>. Acesso em: 23 jul. 2018.

[52] Disponível em: <https://respectfulinsolence.com/2017/09/28/antivaxers-on-twitter-fake-news-and-twitter-bots/>. Acesso em: 23 jul. 2018.

[53] Disponível em: <www.forbes.com/sites/robertglatter/2017/12/23/bot-or-not-how-fake-social-media-accounts-can-jeopardize-your-health/>. Acesso em: 23 jul. 2018.

[54] Disponível em: <www.usatoday.com/story/news/nation/2014/04/06/anti-vaccine-movement-is-giving-diseases-a-2nd-life/7007955/>. Acesso em: 23 jul. 2018.

ARGUMENTO CINCO

As redes sociais transformam o que você diz em algo sem sentido

O que você diz não faz sentido sem contexto.

É fácil não perceber esse simples fato no dia a dia, cara a cara, porque nesses casos o contexto geralmente é óbvio. Vamos supor que eu diga: “Saia daqui! Não posso lhe dar mais atenção agora!” Vai soar estranho ou cruel, a não ser que você me veja dizendo isso para o nosso gato Loof, que realmente exige minha atenção de forma nada razoável.

O princípio se torna mais claro em situações extremas. Se você vê alguém dentro de um carro cujo capô está em chamas e grita “fogo!”, a vida dessa pessoa pode ser salva. Se gritar o mesmo em uma boate lotada, você pode fazer com que as pessoas sejam pisoteadas e mortas em meio a uma correria desenfreada, exista ou não um incêndio.

Quando estamos conectados, com frequência temos pouca ou nenhuma condição de saber ou influenciar o contexto em que nossa manifestação será entendida. A maneira mais fácil de entender esse princípio é observar exemplos extremos.

Os exemplos “extremos” *mais bem documentados* são aqueles em que o agente que se expressa tem alguma influência e é capaz de forçar uma mudança. Considere o seguinte problema dos anunciantes do YouTube: durante algum tempo, não era incomum que um anúncio de alguma coisa inofensiva, como um sabonete, fosse transmitido na sequência de um vídeo horrível de recrutamento de terroristas. Quando anunciantes reclamaram — e só depois desse fato —, o Google começou a retirar conteúdos terroristas.[55] Como compensação, os anunciantes afetados receberam um bom dinheiro. Eles são os verdadeiros clientes, portanto têm voz. Será que

usuários comuns podem se manifestar da mesma forma sobre o contexto em que são colocados por esquemas Bummer?

Os exemplos extremos *mais comuns*, porém, podem surgir quando mulheres e meninas que tentam se expressar na internet constatam que suas palavras e imagens são sexualizadas ou incorporadas a uma estrutura violenta ou manipuladora. A presença de mulheres on-line tem sido com frequência transformada de maneira grotesca para propósitos de humilhação, constrangimento e assédio.[56] Mulheres proeminentes enfrentam assédio há anos — por exemplo, as mulheres afetadas pelo "Gamergate" —, mas agora isso está acontecendo com mulheres jovens comuns.[57]

Esses exemplos extremos só ocorrem porque as regras do jogo na Bummer são as seguintes: não conhecer o contexto em que está expressando qualquer coisa e não ter qualquer maneira confiável de saber como isso será apresentado a outra pessoa.

Esse problema está tão arraigado que é quase invisível, como o ar. Abrimos mão de nossa conexão com o contexto, e a mídia social mistura todo o significado. O que quer que se diga será contextualizado e receberá um sentido de acordo com o modo como algoritmos, grupos e multidões de pessoas falsas — que na verdade são algoritmos também — misturam o que é dito com o que outras pessoas dizem.

Ninguém nunca sabe exatamente como o que é dito será recebido, mas em geral, em situações que não são Bummer, podemos fazer suposições razoáveis. Falo em público às vezes e instintivamente ajusto minha apresentação de acordo com a plateia. Não digo para estudantes de ensino médio, por exemplo, as mesmas coisas que falo para *quants*.[58] Isso é apenas uma parte natural da comunicação.

Falar nas redes sociais não é realmente falar. Depois que você diz alguma coisa, um contexto é aplicado ao que foi expressado segundo os propósitos e a busca por lucro de outra pessoa.

Isso muda o que pode ser expressado. Quando o contexto é dominado pela plataforma, a comunicação e a cultura se tornam insignificantes, rasas e previsíveis. Você tem que se tornar uma pessoa totalmente louca se quiser dizer algo que sobreviverá, ainda que por um breve período, em um contexto imprevisível. Só uma comunicação imbecil pode alcançar isso.

SIGNIFICADO “PARCIALMENTE ABERTO”

A Bummer substitui seu contexto pelo contexto dela. Do ponto de vista dos algoritmos, você já não é um nome, mas um número: o número de seguidores, curtidas, cliques ou outras medidas da sua contribuição para a máquina em tempo real.

As ficções distópicas com frequência imaginam um império do mal que substitui nomes por números. Prisões da vida real fazem isso com os detentos. Há um motivo: tornar-se um número é estar na condição explícita de subserviência a um sistema. Um número é uma verificação pública de liberdade, status e pessoalidade reduzidos. Para mim isso é especialmente assustador porque minha mãe sobreviveu a um campo de concentração, no qual um número foi tatuado no seu braço. Fazer isso hoje seria caro demais. Os nazistas apenas guardariam o número na nuvem, juntamente com a biometria.

Tudo isso pode parecer um pouco obscuro demais para pessoas que fazem o jogo de números da rede social. Eu me deparo com um dilema completamente moderno: se as pessoas *querem* ser subordinadas, quem sou eu para dizer “você deve lutar por sua dignidade individual”? Será que isso não faz de mim aquele que não está respeitando a vontade dos outros?

Por causa desse dilema, não quero criticar pessoas que parecem gostar da situação — por exemplo, jovens que estão tentando ser influenciadores digitais. Em vez disso, focarei em pessoas que desejam fazer outra coisa em vez de ser um número, mesmo que estejam subordinadas à nova realidade da supremacia do número.

Fontes de conteúdo, como sites de notícias, são descobertas pelas pessoas principalmente por meio da Bummer, então esses portais precisam entrar no jogo de modo a serem favorecidos por algoritmos e públicos.

Havia, em uma redação que visitei recentemente, enormes telas espalhadas, como se fosse uma sala de controle da Nasa, mas elas exibiam estatísticas atualizadas segundo a segundo sobre cada postagem criada por algum funcionário. Presumivelmente, espera-se que os jornalistas e outros realizadores estejam grudados nesses números para maximizar o “engajamento”. Eles são forçados a se tornar componentes da máquina Bummer, e isso me dá pena.

Esse problema tem sido associado ao feed do Facebook, mas é uma falha mais ampla em relação à Bummer. Isso já era uma questão antes da criação do Facebook.[59] Agora que a plataforma de Zuckerberg anunciou que dará menos ênfase às notícias em seu feed, talvez as coisas melhorem um pouco; entretanto, é difícil imaginar que as notícias estarão agora instantaneamente livres do colapso de contexto provocado pela Bummer. Para que as notícias recuperem contexto, as pessoas terão que descobri-las por meio de sistemas que não fazem parte da máquina. O que serão esses sistemas? Com sorte, as pessoas vão desenvolver relações diretas — e, melhor ainda, se for por meio de assinaturas — com fontes de notícias e outros conteúdos.

Enquanto isso, há muitos problemas com a submissão do jornalismo ao deus das estatísticas. Algumas críticas são conhecidas: o excesso de conteúdo apenas para garantir cliques (o chamado *clickbait*) diminui o nível do discurso público; jornalistas não têm espaço para assumir riscos.

Lembra-se de como os algoritmos da Bummer estão constantemente se otimizando, exceto aqueles que caem em rotinas? O processo foi descrito no primeiro argumento. Todo mundo, inclusive os jornalistas, é compelido a entrar no jogo da otimização na esperança de obter o máximo da Bummer. Uma fonte de notícias continuará se ajustando até que novas modificações deixem de render resultados melhores. Depois disso, é só repetição. É por isso que tantos *clickbaits* são semelhantes. Só existe esse truque para otimizá-los.[60]

Não são os ajustes, mas é o ambiente Bummer que deixa as pessoas presas. No mundo real, fora da máquina, há complexidade e sutileza suficientes para que os ajustes não levem todo mundo a ficar preso no mesmo lugar. Feedback é uma coisa boa, mas enfatizar demais o feedback imediato dentro de um ambiente on-line artificialmente limitado gera resultados ridículos.[61]

Eis uma versão menos nerd da mesma ideia: e se escutar uma voz interior ou levar em consideração uma paixão por ética ou beleza proporcionasse um trabalho mais importante a longo prazo, mesmo que considerado menos bem-sucedido no momento? E se atingir profundamente um pequeno número de pessoas for mais importante do que atingir todo mundo com nada?

Algumas outras perguntas precisam ser feitas. Primeiro, por que acreditar nos números? Conforme discutido no argumento anterior, grande parte do mundo on-line é falso. Leitores, referências e comentaristas falsos. Percebo que sites de notícias que estão tentando cortejar anunciantes diretamente parecem, com frequência, mostrar números *espetacularmente* maiores de leitores para artigos sobre produtos que podem ser anunciados — como escolher sua próxima máquina de jogos — do que para artigos sobre outros assuntos.

Isso não significa que o site está falsificando números. Em vez disso, um gerente provavelmente contratou uma firma de consultoria que usou um algoritmo para otimizar a escolha de serviços de medição a fim de relatar o tipo de estatística que o site deveria utilizar para atrair anunciantes. Em outras palavras, os donos do site não falsificaram conscientemente, mas de certa forma sabem que suas estatísticas fazem parte de um grande esquema de falsificação.

Não culpe o site. São muito poucos os sites de notícias independentes, e eles são preciosos. Eles têm sido acuados pela Bummer e são incrivelmente vulneráveis. As organizações de notícias — em especial aquelas que apoiam um jornalismo investigativo dispendioso — têm ouvido há vinte anos que cabe a elas ter a esperteza para apresentar novos planos de negócio que enfrentem as "perturbações" das grandes empresas de tecnologia, mas ninguém jamais apresentou bons conselhos de verdade.

Então as notícias têm diminuído, mesmo que estejam cada vez mais nos noticiários. Há uma constante obsessão da Bummer por notícias, e ainda assim não resta quase nenhuma organização regional de jornalismo investigativo nos Estados Unidos. Nossa imensa nação está a apenas algumas organizações de não ter mais nenhuma redação independente com recursos e respaldo.

Quando se tornam menos motivados pelo desejo de alcançar as pessoas diretamente e, em vez disso, estão determinados, por necessidade, a apelar a um sistema de distribuição de números não exatamente confiável, os jornalistas perdem sua conexão com o contexto. Quanto mais bem-sucedido o jornalista é nesse sistema, menos ele sabe o que está escrevendo.

Mesmo quando os leitores são de verdade, os algoritmos os encaminham para conteúdos específicos, de modo que suas escolhas não são realmente independentes. Por definição, as medições não são válidas. Não podemos

dizer a alguém aonde ir e depois alegar que descobrimos algo novo porque sabemos para onde essa pessoa foi. Esse é mais um problema onipresente tão difícil de enxergar quanto o ar.

Eis um ponto de vista positivo: o fato de o jornalismo independente estar em apuros à sombra da Bummer é um sinal de sua integridade. Jornalistas têm conseguido manter padrões mais elevados do que influenciadores digitais, mas também têm pagado um preço. Agora a notícia real é chamada de "fake news" porque, pelos padrões da Bummer, o que é real é falso; na máquina, a realidade foi substituída por números imbecis.

O POVO DO *POD*

Outra maneira de esclarecer a degradação enganosa do contexto é notar situações on-line que não passam por esse problema, pelo menos não ainda. Uma parte do mundo on-line que não destruiu seu próprio contexto — ao menos enquanto escrevo isto, em 2018 — é o *podcasting*. Ele ainda não é Bummer.

Os *podcasters* são pessoas de verdade, conhecidas do ouvinte. Os podcasts são episódicos, portanto desenvolvem uma sensação de pessoalidade e contexto. O ouvinte não pode — ainda — mudar de um conteúdo de áudio para outro tão facilmente quanto faz com conteúdos visuais, como em um site ou vídeo. Ou seja, a experiência de um ouvinte é mais parecida com a experiência imaginada pelo *podcaster* do que com o que acontece quando alguém usa um feed da Bummer.

Para tornar a distinção mais clara, inventarei uma maneira de destruir o *podcasting*. Não faça isso, está bem?

Uma pessoa qualquer poderia fazer um aplicativo que transcreve todos os podcasts disponíveis em uma loja e sintetiza um novo, "artificialmente inteligente", que combina fragmentos de muitos podcasts diferentes que — como exemplo — contêm o mesmo conjunto de palavras-chave. Você poderia dizer "quero saber das opiniões sobre o candidato político x", ou talvez sobre alguma celebridade.

Então você ouviria uma sequência rápida de pessoas falando a respeito do assunto. Você *não* ouviria o que vem antes de cada fragmento nem o que vem em seguida. Os fragmentos passariam tão rapidamente, e seriam

tantos, que mesmo que uma voz de computador identificasse a origem de cada um deles você não seria capaz de captar isso.

Os *podcasters* se esforçariam para produzir fragmentos atrativos o bastante para serem apanhados e utilizados nessa grande mistura. Haveria muitos xingamentos patéticos, armadilhas, além de gritos e risadas esquisitos, nenhum dos quais significando muita coisa.

Pesquisadores de inteligência artificial (IA) mostrariam com orgulho como fazer com que a voz de um *podcaster* seja falada por outro. Você poderia ter todos os seus podcasts lidos pelo ator que escolhesse. O conteúdo de Ezra Klein entoado por Gilbert Gottfried, por exemplo.

Além disso, mensagens pessoais do seu correio de voz seriam colocadas na fila de reprodução, só para aumentar seu engajamento; talvez essa fosse até a única maneira de ouvir as mensagens da sua caixa.

Ah, e haveria anúncios misturados. A voz de seu cônjuge falando sobre aquela nova roupa, com sensor de internet das coisas, que relata sua postura para serviços desconhecidos de propaganda direcionada. No meio de uma maçaroca de fragmentos de podcasts de política, uma voz falaria sobre como um político está reunindo uma rede de prostituição infantil no porão de uma pizzaria.

Exércitos de trolls e falsos trolls manipulariam o sistema e acrescentariam fragmentos cruéis à mistura, e seu material se tornaria um horror. Até os fragmentos mais suaves virariam meros enfeites de um emaranhado sonoro cruel, paranoico, enfurecido e enlouquecedor.

Ou, talvez, seu podcast agregado esteja em uma bolha dos filtros. Ele incluirá apenas as vozes com que você concordar — porém não serão realmente vozes, porque o conteúdo será todo misturado em um fluxo de fragmentos, uma caricatura do que os ouvintes supostamente têm em comum. Você nem sequer viveria no mesmo universo de alguém que estivesse ouvindo um apanhado diferente.

O aplicativo agregador de podcast poderia ter um nome arrogante de IA, como *Podcast Meta-genius*, ou talvez algo infantil e engraçadinho, como *Poddytraining*.

Se esse cenário parece absurdo e bizarro, veja o que já aconteceu com texto, imagem e vídeo. Como o *Poddytraining* é diferente ou pior do que aquilo que as pessoas que dependem de feeds de redes sociais para se conectar com o mundo já aceitam?

Os podcasts ainda dependem de assinaturas e lojas de aplicativos, então mantêm uma estrutura de pessoa para pessoa, e não uma estrutura de pessoa para público/algoritmo/manipulador oculto.

Aproveite os podcasts enquanto for possível. Por favor, permaneça alerta, e se os podcasts forem arruinados, pare de fazê-los e de ouvi-los. Por ora, lembre-se de que você tem apenas a mais tênue conexão com o *significado* das coisas que acrescenta ao monstro Bummer.

---

[55] Disponível em: <www.telegraph.co.uk/technology/2017/07/03/youtube-refunds-advertisers-terror-content-scandal/>. Acesso em: 23 jul. 2018.

[56] Disponível em: <www.theverge.com/2015/2/4/7982099/twitter-ceo-sent-memo-taking-personal-responsability-for-the/>. Acesso em: 23 jul. 2018.

[57] Disponível em: <http://www.bbc.com/news/uk-england-41693437>. Acesso em: 23 jul. 2018.

[58] Matemáticos que trabalham em finanças.

[59] Escrevi sobre isso em meu livro *Gadget — Você não é um aplicativo!*, de 2010.

[60] Disponível em: <www.slate.com/articles/business/moneybox/2013/07/how_one_weird_trick_conquered_the_internet_what_happens_when_you_click_on.html>. Acesso em: 24 jul. 2018.

[61] Lembra-se da nota de rodapé sobre paisagens de energia no primeiro argumento? Se sim, leia esta nota! Ajustar seu projeto para otimizá-lo dentro de um sistema que não se baseia no caráter sem limites da natureza, mas que, em vez disso, baseia-se em uma construção humana limitada, abstrata, matará inevitavelmente a criatividade e o progresso, estancando você em um pequeno vale da paisagem de energia.

ARGUMENTO SEIS

As redes sociais destroem sua capacidade de empatia

Este argumento é o outro lado daquele sobre as redes sociais tornarem você sem sentido. As outras pessoas também estão perdendo o sentido; você entende menos o que está acontecendo com *elas*.

Relembre que o componente C da Bummer — Comprimir conteúdo goela abaixo das pessoas — significa que os algoritmos determinam o que você vê. Isso quer dizer que você não sabe o que as outras pessoas estão vendo, porque o componente C calcula resultados diferentes para cada um. Não dá para saber o quanto a visão de mundo dos outros está sendo induzida e moldada pela Bummer. Buscas, feeds e transmissões personalizados estão na raiz do problema.

Vamos supor que um behaviorista dos velhos tempos tenha posto uma fileira de cachorros engaiolados em um laboratório, cada qual recebendo agrados ou choques elétricos, dependendo do que acabou de fazer. O experimento só funcionaria se cada cachorro recebesse estímulos ligados a seu comportamento específico. Se os fios fossem cruzados, de modo que um cachorro recebesse o estímulo de outro, o experimento deixaria de funcionar.

A mesma coisa acontece com os usuários na plataforma Bummer. No entanto, as implicações para as pessoas são ainda mais profundas do que para os cachorros, porque elas não estão em gaiolas separadas e, portanto, dependem fundamentalmente da *percepção social*.

Isso significa que prestamos atenção às reações uns dos outros para que isso nos ajude a tomar nossas atitudes. Se todos ao redor estão nervosos com alguma coisa, você ficará nervoso também, porque algo deve estar acontecendo. Quando todo mundo está tranquilo, tendemos a relaxar.

Quando eu era pequeno, uma peça que todo mundo pregava era ir para um lugar onde houvesse outras pessoas e simplesmente começar a olhar para o céu. Logo todos estavam olhando para cima, embora não houvesse nada para ver.

Uma maneira maravilhosa de notar a percepção social é viajar para um país que fala outra língua. Você se verá subitamente sintonizado com o que as pessoas estão fazendo e com aquilo no qual estão prestando atenção, porque essa é a única maneira de saber o que está acontecendo.

Certa vez, em uma selva na Tailândia, percebi que as pessoas estavam atentas a uma certa direção, então fiz isso também, justo a tempo de sair do caminho de jipes velozes do Exército que vieram do nada. A percepção social salvou minha vida. Na verdade, ela sempre fez parte do modo como a humanidade sobreviveu.

Mas quando todos nós estamos vendo mundos diferente, privados, nossos sinais que vão de um para outro perdem o sentido. Nossa percepção da realidade — para além da plataforma Bummer — sofre.

Há muitos exemplos recentes, como quando uma pessoa disparou um tiro em uma pizzaria por causa de uma crença desvairada nascida na internet. O agressor acreditava que uma rede de prostituição infantil estava operando a partir do porão do estabelecimento.[62] Antes da Bummer, a loucura social contribuiu para espalhar falsas crenças, como aquelas que inspiraram a caça às bruxas de Salém, mas os ataques graves eram mais raros do que são hoje. A velocidade, o idiotismo e o crescimento exponencial das falsas percepções sociais têm sido amplificados a ponto de as pessoas com frequência parecerem já não estar vivendo no mesmo mundo, o real.

Esse é mais um daqueles problemas óbvios que se aproximaram de nós sorrateiramente. Não só o espaço público perdeu dimensão, mas as características em comum vêm diminuindo no geral.

Um exercício de raciocínio pode nos ajudar a expor como nossa situação se tornou estranha. Já imaginou se a Wikipédia mostrasse diferentes versões de verbetes para cada usuário, com base em um perfil de dados secreto? Visitantes pró-Trump veriam um artigo completamente diferente daquele mostrado a pessoas anti-Trump, mas não haveria qualquer esclarecimento sobre o que seria diferente ou a respeito do motivo.

Pode parecer distópico ou bizarro, mas isso é semelhante ao que você vê em seu feed Bummer. O conteúdo é escolhido e os anúncios são customizados, e você não sabe o quanto foi alterado por sua causa nem por quê.

Outra maneira de encarar o problema é pensar em espaços públicos. Se você compartilha um espaço com indivíduos que não estão olhando para seus smartphones, todos estão juntos. Todos têm uma base comum de experiências. Isso pode ser uma sensação incrível, e é um grande motivo pelo qual as pessoas vão a casas noturnas, eventos esportivos e espaços de oração.

Mas quando todos estão usando o celular, você não tem qualquer noção do que está acontecendo com eles. As experiências deles são selecionadas por algoritmos distantes. Você e eles não podem desenvolver em paz suas características em comum, a menos que os celulares sejam deixados de lado.

Traços do velho mundo compartilhável permanecem. Podemos assistir a noticiários antiquados na TV que outras pessoas — sejam elas parecidas ou não conosco — veem. Não gosto da Fox News nos Estados Unidos, por exemplo, porque acho tudo paranoico, tendencioso e irritadiço demais. Mas às vezes assisto, o que me ajuda a entender o que as pessoas que acompanham o canal estão pensando e sentindo. Eu valorizo essa capacidade.

Não tenho, porém, como ver seus feeds nas redes sociais. Por conseguinte, tenho menos capacidade para mostrar empatia pelo que você pensa ou sente. Não precisamos todos ver a mesma coisa para entendermos uns aos outros, afinal, somente regimes autoritários obsoletos tentam fazer com que todos pensem da mesma forma. Mas precisamos ter condições de dar uma olhada no que outras pessoas veem.

A empatia[63] é o combustível que move uma sociedade decente. Sem ela, só restam regras áridas e competições por poder.

Posso ter sido responsável por levar o termo “empatia” para o marketing de alta tecnologia, porque comecei a falar sobre realidade virtual como ferramenta para desenvolver a empatia nos anos 1980. Ainda acredito que é possível a tecnologia servir ao propósito de nos colocarmos no lugar do outro. Se no futuro uma sociedade melhor envolver uma tecnologia melhor, a empatia fará parte desse processo.

Mas a Bummer está precisamente sintonizada para arruinar a capacidade de empatia.

DORMÊNCIA SOCIAL IMPOSTA DIGITALMENTE

Uma crítica comum e correta à Bummer é que ela cria "bolhas dos filtros".[64] Suas visões são suavemente reforçadas, exceto quando você é apresentado às mais irritantes versões de visões opostas, conforme calculado por algoritmos. Suave ou selvagem: o que for mais eficaz para manter sua atenção.

Somos atraídos para um curral com outras pessoas que podem estar engajadas ao máximo junto a nós como grupo. Os algoritmos da Bummer gravitam intrinsecamente no sentido de encurralar as pessoas dentro de bolhas, porque engajar um grupo é mais eficaz e econômico do que fazer isso com uma pessoa de cada vez.

(Mas, vale relembrar, o termo na verdade deveria ser "manipular", já que isso é feito a serviço de terceiros desconhecidos que pagam a empresas Bummer para mudar seu comportamento. Senão, pelo que eles estão pagando? Pelo que mais o Facebook poderia dizer que está recebendo dezenas de bilhões de dólares para fazer?)

Diante disso, as bolhas dos filtros são ruins, pois nos fazem enxergar o mundo com uma visão limitada. Mas elas são de fato novas? Com certeza são formas prejudiciais e irritantes de comunicação social excludente que antecedem a Bummer, incluindo o uso de insinuações racistas em política.

Por exemplo, na eleição presidencial americana de 1988, políticos ficaram conhecidos por usar a história de um negro chamado Willie Horton, que cometera crimes após ser solto durante um fim de semana em um programa de liberdade assistida. A intenção era evocar o racismo latente no eleitorado. Mas, nesse caso, todo mundo viu o mesmo anúncio, de modo que dava para ter pelo menos uma ideia do que fez um eleitor responder àquilo de maneira racista, mesmo que você discordasse totalmente.

Mas agora nem sempre podemos ver esses anúncios racistas. Isso às vezes acontece por causa das chamadas *dark ads*, propagandas obscuras, que aparecem no feed de notícias de uma pessoa mesmo que tecnicamente não sejam publicadas como notícia.[65] Muitas propagandas obscuras extremistas com viés político no Facebook só vieram à luz como resultado de

investigações judiciais sobre o que aconteceu nas eleições de 2016.[66] Elas eram flagrantes e venenosas, e o Facebook anunciou planos de reduzir seus danos, embora essa política esteja incerta enquanto escrevo.

Ainda que ninguém fora do Facebook — ou talvez nem mesmo dentro — saiba quão comuns e eficazes os anúncios obscuros e mensagens semelhantes têm sido,[67] a forma mais corriqueira de miopia on-line é que a maioria das pessoas só consegue encontrar tempo para ver o que é posto diante de si por feeds algorítmicos.

Tenho mais medo da regulagem algorítmica dos feeds do que dos anúncios descaradamente obscuros. Antes era inviável enviar mensagens customizadas para milhões de pessoas de maneira instantânea. Era impossível testar e criar avalanches de mensagens customizadas, baseadas em observação detalhada e feedback de pessoas que eram mantidas sob constante vigilância sem saber.

Pode acontecer de, certo dia, um determinado tipo de letra junto à foto de alguém levar um pequeno percentual de pessoas a confiar um pouco menos nessa pessoa. Talvez o mesmo tipo de fonte tenha aparecido naquele mesmo dia em um vídeo popular sobre um assunto desagradável. Ninguém, no entanto, jamais saberá por que a letra provocou esse efeito. É tudo estatístico.

Os resultados são pequenas mudanças no comportamento das pessoas no decorrer do tempo. Mas pequenas mudanças se somam, como se fossem juros compostos.

Esse é um motivo pelo qual a Bummer promove de forma natural o tribalismo e está dilacerando a sociedade, mesmo que os especialistas em tecnologia de uma empresa Bummer sejam bem-intencionados. Para se otimizar, o código da Bummer se apodera natural e automaticamente de qualquer tribalismo e racismo latentes, porque essas são as hashtags neurais à espreita na psique de todo mundo, o que pode ser acentuado pelo propósito de monopólio de atenção (abordarei esse problema com mais detalhes no argumento sobre como as redes sociais eliminam a esperança de uma melhoria social).

Não apenas sua visão de mundo está distorcida, como você tem menos consciência da visão das outras pessoas. Somos banidos das experiências dos outros grupos que estão sendo manipulados em separado. As experiências

deles são tão opacas para você quanto os algoritmos que estão direcionando suas experiências.

Esse é um desenvolvimento significativo. A versão do mundo que você está vendo é invisível para as pessoas que o entendem mal, e vice-versa.

A TEORIA PERDIDA EM SEU CÉREBRO

A capacidade de teorizar sobre as experiências de outra pessoa como parte do processo de entender essa pessoa é chamada de teoria da mente. Ter uma teoria da mente é construir uma história em sua cabeça sobre o que está se passando na cabeça do outro. Essa teoria está no cerne de todo sentimento de respeito ou empatia e é um pré-requisito para qualquer esperança de cooperação inteligente, civilidade ou política que traga benefícios.

Você já deve ter ouvido expressões como "não julgue uma pessoa sem ter estado na pele dela". Não dá para entender as pessoas sem saber um pouco sobre o que passaram.

A maioria dos animais se vira sem a teoria da mente, mas esse é um recurso importante para os seres humanos.

Quando você consegue ver apenas como alguém se comporta, mas não as experiências que influenciaram tal comportamento, fica mais difícil elaborar uma teoria da mente sobre esse indivíduo. Vamos supor que você tenha observado alguém batendo em uma pessoa, mas não viu que fez isso para defender uma criança. Nesse cenário, você pode interpretar mal o que está vendo.

Da mesma forma, se você não entrar em contato com os anúncios obscuros, os sussurros no ambiente, os memes cruéis e o feed customizado cheio de zombarias que outra pessoa vê, essa pessoa parecerá louca para você.

E esse é o nosso novo mundo Bummer. Parecemos loucos uns para os outros, porque a máquina está roubando as teorias da mente de todo mundo.

Mesmo quando as experiências de outras pessoas são captadas de maneira sincera em uma câmera, talvez por um smartphone ou uma *dashcam*, a Bummer provoca ruídos suficientes para destruir as

características em comum. A opacidade direcionada pela Bummer acontece o tempo todo no ambiente on-line. Um vídeo mostra, por exemplo, os momentos anteriores a um tiroteio da polícia, mas a Bummer faz as pessoas enviarem versões intermináveis do vídeo com diferentes edições, superposições e ofuscações. Os ruídos acabam com a empatia.

Para mim, os apoiadores de Trump parecem malucos que, por sua vez, dizem que os progressistas parecem malucos. Mas é errado dizer que simplesmente nos afastamos e não conseguimos entender uns aos outros. O que está realmente acontecendo é que sabemos menos do que nunca o que os outros veem, então temos menos oportunidades de entendermos uns aos outros.

Claro, podemos monitorar pelo menos alguns dos conteúdos típicos que outras pessoas provavelmente estão vendo. Acompanho sites de notícias conservadores, por exemplo. Sempre procuro entrar em contato com pessoas que discordam de mim quando elas se dispõem a conversar.[68] Há até uma simpática comunidade no Reddit dedicada a essa missão,[69] mas ela se afogou em um oceano caótico de puro veneno.

Não há como saber o grau de diferença entre o que é mostrado a outra pessoa e o que posso supor que está sendo mostrado. A opacidade de nossos tempos é ainda pior porque o próprio grau de opacidade é difuso. Eu me lembro de quando se esperava que a internet viabilizasse uma sociedade mais transparente. Aconteceu justamente o inverso.

---

[62] Disponível em: <www.snopes.com/pizzagate-conspiracy/>. Acesso em: 24 jul. 2018.

[63] Aqui estou usando o termo "empatia" significando uma capacidade de entender o que outras pessoas estão experimentando e por quê; de se imaginar no lugar do outro. O termo pode significar coisas diferentes em épocas diferentes. Quando entrou na língua inglesa, há mais ou menos um século, significava o modo como uma pessoa poderia imaginar ser qualquer outra parte do universo, como uma montanha ou uma uva, que eram dois exemplos dos primeiros exercícios de raciocínio; era um termo de arte para as premonições estéticas e psicológicas de realidade virtual. Veja: <www.theatlantic.com/health/archive/2015/10/a-short-history-of-empathy/409912/>. Acesso em: 24 jul. 2018.

[64] Veja em: <https://penguinrandomhouse.com/books/309214/the-filter-bubble-by-eli-pariser/9780143121237/>. Acesso em: 24 jul. 2018.

[65] Disponível em: <www.theguardian.com/technology/2017/jul/31/facebook-dark-ads-can-swing-opinions-politics-research-shows>. Acesso em: 24 jul. 2018.

[66] Disponível em: <www.forbes.com/sites/jaymcgregor/2017/07/31/why-facebook-dark-ads-arent-going-away/>. Acesso em: 24 jul. 2018.

[67] Disponível em: <https://slate.com/technology/2018/02/no-a-study-did-not-claim-that-fake-news-on-facebook-didnt-affect-the-election.html>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[68] A cidade onde moro, Berkeley, volta e meia é invadida por pessoas da extrema-direita que querem se manifestar. O que me impressiona é que várias vezes homens com adesivos conservadores nos para-choques de suas caminhonetes lançaram olhares desagradáveis para mim e minha família, e eles não sabiam nada sobre nós. Certa vez, um deles fez um desvio repentino, como se dissesse zombando: "Talvez eu atropele você." Se eu tivesse como saber o que aquele motorista havia visto, teria uma chance de demonstrar empatia. Uma conversa teria sido possível. A máquina Bummer nos roubou essa possibilidade.

[69] Disponível em: <www.wired.com/story/free-speech-issue-reddit-change-my-view/>. Acesso em: 25 jul. 2018.

ARGUMENTO SETE

As redes sociais deixam você infeliz

POR QUE TANTOS TUÍTES FAMOSOS TERMINAM COM A PALAVRA "TRISTE"?

A retórica alegre das empresas Bummer é toda sobre fazer amigos e tornar o mundo mais conectado. E ainda assim a ciência revela a verdade.[70, 71, 72] Pesquisas[73] mostram um mundo que *não* está mais conectado,[74] em vez disso, sofre de uma sensação maior de isolamento.[75]

O padrão[76] se tornou tão claro[77] que até pesquisas publicadas por plataformas de rede social mostram que deixam você triste. Pesquisadores do Facebook praticamente se gabaram[78] de que podiam deixar as pessoas infelizes sem que elas percebessem.[79]

Por que promover uma coisa dessas como se fosse um ótimo resultado de pesquisa? Não prejudicaria a imagem de marca do Facebook? Talvez o motivo tenha sido a ótima publicidade que isso representa para alcançar os verdadeiros clientes, aqueles que pagam para manipular. Aqueles que são manipulados — quer dizer, *você* — são o produto, não o cliente.

Mais recentemente, pesquisadores do Facebook finalmente reconheceram[80] o que outros estudiosos haviam constatado: seus produtos podem causar danos reais.

O que mais me chateia no modo como as redes sociais abordam esse problema é que elas dizem: "Sim, claro, deixamos você triste, mas fazemos mais bem do que mal para o mundo." Contudo as coisas boas das quais elas se gabam são todas intrínsecas à internet, que podiam — pelo que sabemos — ser obtidas sem o que há de ruim, sem a Bummer. Sim, é ótimo as pessoas poderem estar conectadas,[81] mas por que elas têm que aceitar uma manipulação por parte de terceiros como preço dessa conexão? E se a manipulação, não a conexão, for o verdadeiro problema?[82]

No início deste capítulo, compartilhei algumas referências sobre como as redes sociais deixam você triste, mesmo quando se conectar a pessoas na internet poderia deixar você feliz em outras circunstâncias, mas a

quantidade de dados a respeito disso é esmagadora. Faça uma pesquisa. (Esteja ciente de que, ao fazê-la, isso pode ter um impacto em seus feeds; você pode ser rotulado — não necessariamente de maneira explícita, mas implícita, por associação — como uma pessoa com potencial para se deprimir. Manipuladores on-line podem usar algoritmos que tentam se beneficiar disso automaticamente, e isso é capaz de deixá-lo mal.)

Leia os artigos das notas de rodapé para se aprofundar em pesquisas que sustentam a tese de que as redes sociais o deixam triste. Você também encontrará uma variedade de hipóteses sobre por que isso acontece: o estabelecimento de padrões disparatados de beleza e status social, por exemplo, ou a vulnerabilidade a trolls.

Por que a variedade? Só uma maneira de deprimir as pessoas já não seria suficiente? Como a estratégia central do modelo de negócio Bummer é deixar o sistema se adaptar de forma automática para engajar você o máximo possível, e uma vez que as emoções negativas podem ser utilizadas mais prontamente, é claro que um sistema assim tende a encontrar uma maneira de fazer você se sentir mal. Vai lançar feitiços esparsos[83] também entre uma depressão e outra, já que o piloto automático que move nossas emoções descobrirá que o contraste entre agrados e punições é mais eficaz do que qualquer agrado ou punição sozinho. O vício é associado à anedonia, a redução da capacidade de sentir prazer na vida a não ser no que a pessoa esteja viciada, seja lá o que for, e os viciados em redes sociais parecem propensos à anedonia a longo prazo.[84]

É claro que a Bummer deixará as pessoas infelizes. Mas como? A forma específica de infelicidade será feita sob medida para você, como de costume. Os agentes que dirigem as empresas Bummer nunca descobrem o que deprimiu o usuário. Cabe a você saber, sua última privacidade. Talvez você fique aflito por não ser tão atraente ou bem-sucedido quanto as pessoas às quais é exposto, mesmo sendo usado pelo sistema para fazer terceiros se sentirem da mesma maneira.

Com base nas pesquisas, existem algumas tendências para as formas que a infelicidade assume, de modo que seria possível supor o que está havendo com você. Talvez você faça menos sexo do que procura *em proporção* à quantidade de tempo que gasta em aplicativos para procurar sexo, sentado, deslizando o dedo pela tela.[85] Você pode passar menos tempo com sua

família em proporção à fofura com que apresenta sua vida familiar nas redes sociais.[86] Pode ser que você esteja em risco de se automutilar em proporção ao seu uso das redes sociais, sobretudo se for uma mulher jovem.[87] Você pode estar agravando experiências traumáticas usando as redes sociais.[88] Você pode estar perdendo autoestima mesmo quando se expressa.[89]

Eu poderia supor, mas não é essa a abordagem que quero usar aqui. Não conheço você. Pesquisas só revelam tendências estatísticas e você pode muito bem ser a exceção. Não é meu trabalho fazer suposições sobre o que é certo para sua vida.

A FINALIDADE ERRADA DA BUMMER

O que farei é me aprofundar nas razões que me fizeram constatar que certos projetos on-line, incluindo a maior parte da mídia social, me deixam infeliz. Meu descontentamento está relacionado a todos os argumentos já apresentados, porque a Bummer me coloca em uma posição subordinada. É uma forma estrutural de humilhação.

O que me deprime não é algum padrão aparente em particular — como ver todas as outras pessoas criarem representações falsas das próprias vidas como sendo mais saudáveis, felizes e livres de problemas do que são —, mas, em vez disso, o cerne do sistema Bummer. Ser viciado e manipulado faz com que eu me sinta mal, só que há mais do que isso. A máquina Bummer faz com que eu me sinta julgado em uma competição injusta e degradante, e sem nenhum propósito mais elevado.

Comecei a notar os sentimentos ruins desde os primeiros protótipos de rede social, que remontam aos anos 1980. Mesmo em serviços antigos, como o Usenet, constatava, depois de acessá-lo, que havia em mim um buraco estranho, desconhecido. Era algo que eu não sentia desde criança. Uma insegurança, um sentimento de não estar à altura, um medo de rejeição, tudo isso vindo do nada.

Pensei que era um problema meu, porque ali estava uma tecnologia mais avançada, e certamente isso significava que ela era melhor do que a mídia analógica primitiva, como telefones e jornais.

Esse sentimento coincidiu com a descoberta de meu troll interior, que descrevi no argumento sobre babacas, mas também podia ser sentido de

maneira distinta. Usei uma abordagem experimental comigo mesmo. Se eu me sentia mal depois de usar um projeto de internet, quais eram suas qualidades? Quais eram as diferenças em relação aos projetos que me deixavam feliz? Eis uma coisa que descobri sobre mim mesmo: não me importo de ser julgado se os juízes se empenham de verdade e se isso está servindo de forma honesta a um propósito mais elevado, mas *realmente* não gosto quando uma multidão me julga de qualquer maneira, ou quando um algoritmo estúpido tem poder sobre mim.

Não gosto quando um programa contabiliza se tenho mais ou menos amigos do que os outros, se as pessoas gostam de mim, ou se de algum modo sou melhor, mais legal, se tenho uma probabilidade maior de ficar rico etc. Os algoritmos da Bummer *devem* categorizá-lo e classificá-lo para fazerem a máquina funcionar. O único propósito da Bummer é transformar você e as mudanças em seu comportamento em um produto. Os algoritmos essencialmente trabalham para favorecer os donos da plataforma e os anunciantes, e essas partes precisam de abstrações suas para manipulá-lo.

Os algoritmos da Bummer por trás de empresas como Facebook e Google estão armazenados em alguns dos poucos arquivos do mundo que não podem ser hackeados; são mantidos em *total* segredo. Os maiores segredos da NSA[90] e da CIA[91] vazaram diversas vezes, mas não conseguimos encontrar uma cópia do algoritmo de busca do Google ou do algoritmo do feed do Facebook nos desvãos da internet.[92]

Em grande medida, não temos acesso porque, se todos pudessem ver como a inteligência artificial e outros programas de nuvem reverenciados realmente funcionam, ficariam alarmados. Eles perceberiam como os resultados podem ser arbitrários (essa aleatoriedade foi explorada no primeiro argumento). Os algoritmos só são úteis de maneira fracionada, estatisticamente, e ainda assim esse mínimo vestígio de utilidade tem construído as maiores fortunas do nosso tempo.

Mas para mim a questão não são os programas, por mais venerados que sejam, mas as relações de poder que surgem porque as pessoas aceitam e implicitamente respeitam os programas.

Sempre houve fontes de informação e opiniões exageradas — completamente ridículas — a seu respeito, mas elas não importavam tanto. Um exemplo são os velhos horóscopos dos jornais. Não havia como uma

empresa rastrear seus cliques ou seu olhar, portanto ninguém sabia o que você lia. Se você acompanhava o seu horóscopo (que — me desculpe se você acredita — a mim parece ridículo), e daí?

Talvez você de fato acreditasse em astrologia, talvez achasse interessante ter coisas aleatórias ditas a seu respeito, ou talvez fosse só uma diversão. Tanto faz. O importante é que era entre você e um objeto inanimado, ou no máximo entre você e alguma pessoa para quem você contava de vez em quando o que lia sobre o seu signo.

O horóscopo do jornal não fazia nada fora de sua cabeça, não fazia nada que afetasse as relações de poder entre você e outras pessoas.

As coisas são diferentes na era Bummer. Digamos que em vez de um jornal de papel seja um serviço on-line, e que em vez de horóscopos os julgamentos sobre você digam respeito a sua saúde, sua ética no trabalho, sua atratividade ou alguma outra coisa. O Facebook, por exemplo, põe você em categorias baseadas em seu posicionamento político e muitos outros fatores.[93] Essas categorias são a versão da Bummer dos horóscopos.

Os julgamentos dos algoritmos da Bummer que o classificam podem não ser significativos ou confiáveis em um sentido científico, mas realmente fazem diferença na vida real. Eles interferem nas notícias que você vê, em quem lhe é apresentado para um potencial encontro, em quais produtos lhe são oferecidos. Julgamentos baseados nas redes sociais podem determinar os empréstimos que você pode obter,[94] que países pode visitar,[95] se consegue um emprego,[96] que educação pode receber,[97] o resultado de seu pedido de indenização do seguro do carro[98] e sua liberdade para se congregar com outros.[99] (Em muitos desses exemplos, terceiros estão aplicando os próprios algoritmos julgadores aos dados da máquina Bummer em vez de depender de categorias criadas diretamente por empresas que a compõem.)

Pela primeira vez, seus caprichos e suas peculiaridades estão sob o escrutínio de poderes maiores do que você, a não ser que você tenha morado em um Estado policial como a Alemanha Oriental ou a Coreia do Norte.

A incapacidade de estabelecer um espaço para se inventar sem um julgamento constante: é *isso* que me deixa infeliz. Como ter autoestima se esse já não é o tipo de estima que mais importa?

Como encontrar felicidade sem uma autoestima autêntica? Como ser autêntico se tudo o que você lê, diz ou faz está alimentando uma máquina de julgamento?

Para ser claro, há dois níveis de julgamento ocorrendo na máquina Bummer. Um tipo pode ser entendido e visto pelos seres humanos. A internet está cheia de opiniões sobre você — você mesmo — neste exato momento. Quantos amigos, quantos seguidores? Você é atraente? Quantos pontos você recebeu? Você obteve uma estrela dourada virtual ou talvez confetes virtuais de uma loja porque convenceu outros a usá-la?

O outro nível de julgamento é baseado em correlações matemáticas que as pessoas nem sempre veem ou não são capazes de interpretar. Elas de vez em quando são chamadas interpretações da camada intermediária, por causa do modo como são geradas dentro dos algoritmos de aprendizado da máquina. São usadas para otimizar a dissimulação da Bummer: quais são os anúncios com maior probabilidade de provocar certo efeito em você, quais notícias, quais fotos de gatinhos fofos misturadas no feed de notícias que você recebe de parentes?

Quaisquer que sejam os detalhes, perceba o que está acontecendo. De repente, você e outras pessoas estão sendo postos em um monte de competições idiotas nas quais ninguém pediu para entrar. Por que não lhe enviam tantas fotos legais quanto mandam para o seu amigo? Por que você não tem tantos seguidores quanto ele? Essa constante dosagem de ansiedade social só deixa as pessoas mais grudadas ali. Mecanismos profundos nas partes sociais de nosso cérebro monitoram nossa posição social, e ficamos morrendo de medo de sermos deixados para trás, como um animalzinho à mercê dos predadores na savana.

Percebi há muito tempo que não quero ser classificado, a menos que seja para algo específico escolhido por mim. Se eu quiser obter um financiamento para um projeto de pesquisa, sei que tenho que competir por isso, e sei que meu projeto será avaliado e posto em uma lista de classificação. Mas como um algoritmo vagabundo ousa difundir uma classificação não solicitada a meu respeito?

No entanto, por mais ridículo que seja, quando acontece algo assim, percebo que não consigo tirar isso da cabeça. Minha mente hospeda um diabinho competitivo. A maioria de nós provavelmente tem essa criatura dentro de si.

Vejo que fulano foi julgado como sendo mais popular/inteligente/conectado/valioso/seja lá o que for, e o diabinho diz: “Ah, é?” E então sinto que preciso fazer alguma coisa: ou ganhar o jogo ou encontrar um jogo diferente.

Mas, se permanecer dentro da Bummer, você jamais poderá escapar. Há um milhão de jogos Bummer acontecendo o tempo todo, e você é um perdedor em quase todos, porque está competindo com o planeta inteiro. Os vencedores são, na maioria das vezes, aleatórios.

É como se, em vez de uma partida de futebol sendo jogada em determinada hora, houvesse o tempo todo uma disputa global que toma o planeta inteiro, com todos contra todos e a maioria sempre perdendo. O pior esporte já inventado.

Pior ainda: há algumas pessoas, indivíduos do Vale do Silício como eu, olhando-o com desprezo, vendo mais do que você e seus amigos podem ver e manipulando você.

CASTELO ELEVADO

Essa verdade me bateu certa vez quando o Google ainda era novo e pequeno. Eu estava em seus diminutos escritórios pré-Googleplex, e um amigo meu, um dos primeiros programadores da empresa, me contou sobre um e-mail que eles haviam recebido de uma mulher que estava muito chateada. Sempre que alguém digitava o nome dela no Google, a primeira coisa que aparecia era uma postagem idiota dizendo que ela era obcecada por urina.

Foi um momento interessante para a equipe dos primórdios do Google. Será que eles deveriam atender ao pedido desesperado da mulher e fazer alguma coisa a respeito da situação, ou deveriam ter a confiança de que, no contexto geral, o dano seria sobrepujado por um bem maior?

Esse tipo de problema não é novidade hoje em dia, mas infelizmente vidas ainda podem ser arruinadas. A Uber, que é pseudo-Bummer, chamou a capacidade de espionar pessoas de “visão de Deus”.[100]

Da incrível perspectiva divina do Vale do Silício, pessoas ou algoritmos podem sempre ver quem escreveu o quê, e quando; quem procurou e leu, e quando. Podemos ver todo o processo como se estivéssemos observando o

interior de um formigueiro. E as formiguinhas sabem disso. Elas sabem que estão sendo observadas. A mulher fez apelos cada vez mais emocionados por ajuda. Algumas pessoas no escritório sentiram pena, enquanto outras riram dela.

Essa sensação de ser uma formiga observada por seres supostamente superiores — que na verdade não estão nem um pouco acima de nós: não passam de pessoas normais que por acaso conseguiram empregos Bummer... —, essa sensação é degradante e deprimente.

É preciso lembrar mais uma vez que as emoções negativas, mais do que as positivas, são ímãs Bummer mais acessíveis e lucrativos para as pessoas.

Se ficassem todas felizes e satisfeitas, as pessoas comuns poderiam se distanciar por um momento da obsessão por números das redes sociais e se divertir mais ou prestar atenção umas às outras. Mas se todas estão ansiosas para saber se são populares o bastante, preocupadas se o mundo está implodindo ou furiosas com os idiotas enfiados no meio de suas conexões com amigos e família, então elas não ousam sair de perto das redes sociais. Elas estão presas ali por causa da vigilância natural provocada.

Nós, no Vale do Silício, gostamos de ver as formigas cavarem cada vez mais fundo na terra. Elas nos mandam dinheiro enquanto observamos.

A relação de poder desequilibrada está na sua cara o tempo todo. Você não acha humilhante usar uma das marcas do Facebook, como o Instagram ou o WhatsApp? O Facebook é a primeira empresa pública controlada por uma pessoa.[101] Quer dizer, pessoalmente não tenho nada contra Mark Zuckerberg. A questão não é ele. Mas por que você deveria subordinar grande parte de sua vida a *qualquer* estranho?

Quando eu era garoto, havia grandes políticos, pessoas ricas, cantores famosos, capitães de indústria e tal, mas nenhum deles era capaz de dirigir minha vida de maneira substancial. Eles me influenciavam de vez em quando dizendo algo que chamava minha atenção, mas era só isso. Eles permaneciam distantes de minha vida pessoal.

Tenho a suspeita de que, embora você talvez diga que isso não o incomoda, em algum nível sabe que é um incômodo, e não faz sentido ficar com raiva por não conseguir ver uma maneira de fazer alguma coisa em relação a isso. Mas há. Delete suas contas.[102]

[70] Disponível em: <https://arxiv.org/abs/1408.3550>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[71] Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2886783>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[72] Disponível em: <http://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0069841>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[73] Disponível em: <https://academic.oup.com/aje/article-abstract/185/3/203/2915143>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[74] Disponível em: <https://rsos.royalsocietypublishing.org/content/3/1/150292>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[75] Disponível em: <www.ajpmonline.org/article/S0749-3797(17)30016-8/fulltext>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[76] Disponível em: <www.theguardian.com/technology/2017/may/01/facebook-advertising-data-insecure-teens/>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[77] Disponível em: <www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563214001241>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[78] Disponível em: <www.nytimes.com/2014/07/01/opinion/jaron-lanier-on-lack-of-transparency-in-facebook-study.html>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[79] Disponível em: <www.pnas.org/content/111/24/8788.full>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[80] Disponível em: <https://newsroom.fb.com/news/2017/12/hard-questions-is-spending-time-on-social-media-bad-for-us/>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[81] Disponível em: <https://slate.com/human-interest/2018/01/the-facebook-moms-group-that-has-helped-me-raise-kids-without-going-crazy.html>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[82] Eis um estudo que detecta efeitos positivos e negativos do uso da mídia social e é capaz de caracterizá-los: <https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(15)00214-1/abstract/>. (Acesso em: 25 jul. 2018.) O aspecto de conexão da rede social foi útil a mulheres em idade universitária que se preocupavam com seu peso, ao passo que o aspecto de mútua classificação não foi. Esse resultado reforça a hipótese de que as conexões possibilitadas pela internet podem ser positivas, mas certas estruturas adicionais, normalmente enfatizadas pela mídia social comercial, causam danos.

[83] Há efeitos positivos das redes sociais em certas circunstâncias, é claro. Porém, o efeito geral sobre indivíduos e sobre o mundo é negativo. Uma boa revista acadêmica sobre o assunto é a *Media Psychology*, publicada por Taylor e Francis: <http://www.tandfonline.com/loi/hmep20/>. Uma pesquisadora confiável a serviço do Facebook que destaca exemplos de positividade nas redes sociais é Moira Burke: <http://www.thoughtcrumbs.com/>.

[84] Disponível em: <www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563216302941>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[85] Disponível em: <www.eurekalert.org/pub_releases/2015-05/sdsu-caa050415.php>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[86] Disponível em: <http://annenberg.usc.edu/news/around-usc-annenberg/family-time-decreasing-internet-use>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[87] Disponível em: <www.theguardian.com/society/2017/sep/23/stress-anxiety-fuel-mental-health-crisis-girls-young-women>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[88] Disponível em: <www.pnas.org/content/pnas/early/2017/10/16/1708518114.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[89] Disponível em: <www.smh.com.au/technology/smartphone-apps/fuelling-a-mental-health-crisis-instagram-worst-social-network-for-young-peoples-mental-health-20170520-gw9fvq.html>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[90] Disponível em: <www.cbsnews.com/news/nsa-breach-shadow-brokers-michael-morell/>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[91] Disponível em: <www.theguardian.com/media/2017/mar/07/wikileaks-publishes-biggest-ever-leak-of-secret-cia-documents-hacking-surveillance>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[92] Você pode acrescentar a declaração de imposto de renda de Trump a essa lista seleta.

[93] Disponível em: <www.nytimes.com/2016/08/24/us/politics/facebook-ads-politics.html>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[94] Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2475265>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[95] Disponível em: <www.reuters.com/article/us-usa-immigration-visa/trump-administration-approves-tougher-visa-vetting-including-social-media-checks-idUSKBN18R3F8>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[96] Disponível em: <www.forbes.com/sites/adp/2016/10/24/how-to-legally-use-social-media-to-recruit/#1fd4ebce29f4>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[97] Disponível em: <www.tuition.io/2014/04/social-media-shocker-twitter-facebook-can-cost-scholarship-admissions-offer/>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[98] Disponível em: <www.edmunds.com/auto-insurance/car-insurance-companies-use-facebook-for-claims-investigations.html>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[99] Disponível em: <www.theguardian.com/technology/2016/oct/11/aclu-geofeedia-facebook-twitter-instagram-black-lives-matter>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[100] Disponível em: <www.forbes.com/sites/kashmirhill/2014/10/03/god-view-uber-allegedly-stalked-users-for-party-goers-viewing-pleasure/>. Acesso em: 25 jul. 2018.

[101] Disponível em: <http://fortune.com/2016/04/27/zuckerberg-facebook-control/>. Acesso em: 26 jul. 2018.

[102] Disponível em: <www.theguardian.com/media/2016/sep/21/does-quitting-social-media-make-you-happier-yes-say-young-people-doing-it>. Acesso em: 26 jul. 2018.

ARGUMENTO OITO

As redes sociais não querem que você tenha dignidade econômica

BUMMER DUPLA

Desde que a Bummer apareceu, a vida econômica de muitas pessoas no mundo desenvolvido adquiriu uma característica desconfortável. Uma quantidade cada vez maior da população depende da economia dos bicos,* o que dificulta na hora de planejar a vida. Os trabalhadores da economia dos bicos raramente alcançam a segurança financeira, mesmo depois de anos de trabalho. Em outras palavras, independentemente de quanto os trabalhadores alcançam, o nível de risco de sua vida financeira parece não dar trégua. Nos Estados Unidos, onde a segurança social é escassa, isso significa que até pessoas qualificadas, que trabalham duro, podem não ter onde morar por causa de despesas médicas, mesmo depois de anos dedicados a suas profissões.

Enquanto isso, um pequeno número de empreendedores — que por acaso estão sempre perto de algum centro de computação — ficou inacreditavelmente rico criando um fosso cada vez maior entre ricos e pobres, em uma situação que lembra a Era Dourada do século XIX. O risco tem sido irradiado para as pessoas comuns, ao passo que aqueles que estão próximos aos maiores computadores vivem presos à riqueza, como donos de cassino.

Será que essa mudança insustentável no contrato econômico/social está relacionada à Bummer ou os dois desenvolvimentos aconteceram ao mesmo tempo por acaso? A resposta é que a Bummer não apenas tornou muitas pessoas emocionalmente inseguras; graças a ela, a insegurança de muita gente também é financeira.

Qual é a ligação? Para explicar, preciso primeiro lhe contar sobre a política digital nos anos em que a Bummer nasceu.

BABY BUMMER

A Bummer foi, em parte, uma consequência não intencional de um movimento contundente, quase religioso, para promover softwares gratuitos e abertos na década anterior à concretização da internet. Ironicamente, a pressão social e política de hippies da tecnologia foi o que levou empreendedores a focar quase exclusivamente em modelos de negócio baseados em anúncios quando a internet se tornou realidade.

Seja lá o que as empresas Bummer tenham acrescentado ao mundo, a característica que provavelmente mais cativou a imaginação do público no começo foi sua gratuidade. Não era preciso pagar ao Google para fazer uma pesquisa, ou para enviar um arquivo ou para assistir a um vídeo no YouTube; não havia qualquer taxa para ingressar no Facebook ou no Twitter.

A gratuidade foi o que impulsionou esses serviços a se tornarem tão grandes tão rapidamente. É também a base do plano de negócio Bummer que tem sido tão destrutivo, que transformou a maior parte da raça humana em ratos de laboratório de meio expediente. (É também o motivo pelo qual pessoas maldosas têm condições de lançar um número ilimitado de pessoas falsas no mundo.)

A noção de oferecer de graça um serviço de informação de alta tecnologia e ganhar dinheiro com anúncios não era nova. Nas primeiras décadas do século XX, não houve outra escolha além de disponibilizar gratuitamente o rádio e a TV transmitidos pelo ar, porque não havia como a estação saber quem estava sintonizando seus programas. Quem deveria receber uma cobrança? Os planos de negócio têm, entretanto, uma tendência de se perpetuar, mesmo quando estão obsoletos. Afinal, os anúncios não sumiram quando os clientes passaram a usar TV a cabo paga.

No caso dos serviços de internet, houve uma escolha desde o início. Na verdade, o primeiro projeto de rede digital, que remonta ao trabalho de Ted Nelson como estudante nos anos 1960, presumia que as pessoas pagariam e seriam pagas em pequenos incrementos por coisas boas na rede. Mas essa ideia foi jogada no esquecimento virtual — ainda que com a melhor das intenções — pelo movimento por softwares gratuitos.

O movimento para produzir softwares gratuitos foi fundamentado em um erro bem-intencionado. Tornou-se um dogma a ideia de que, se o

software não fosse gratuito, não poderia ser aberto, o que significa que ninguém além do dono poderia ver o código-fonte, então ninguém entenderia o que o software realmente fazia. Para ser justo, essa preocupação não se baseava em especulação; as empresas que vendiam softwares normalmente não revelavam o código-fonte. O motivo era que, se o código-fonte fosse revelado, programadores poderiam fazer ligeiras modificações e revendê-lo como um novo software, o que acabaria com as vendas do programador original.

Todo mundo sabia que os softwares acabariam se tornando mais importantes do que as leis, então a perspectiva de um mundo funcionando com um código oculto era obscura e sinistra. Portanto, pensou-se que a transparência que deveria ser a base da democracia, da alfabetização e da decência era incompatível com qualquer modelo de negócio que não fosse o gratuito. Os conceitos "gratuito" e "aberto" estariam ligados para sempre. Mas como os programadores ganhariam a vida se seus códigos fossem livremente copiados? Talvez eles pudessem entregar o código e ganhar dinheiro resolvendo problemas que aparecessem. Eles entrariam em uma economia de bicos, e não em uma economia de royalties. Seriam operários, em vez de acumuladores de capital. Mas pelo menos o código-fonte permaneceria visível, então floresceria uma sociedade aberta e democrática.

Era uma ideia bonita, mas que não funcionou. Na época em que ativistas começaram a exigir que os softwares fossem abertos, os computadores ainda não estavam conectados. Agora estão. Há décadas. Isso significa que uma empresa Bummer pode construir um modelo de você em software — e controlar o que você vê em um feed manipulador — executando programas exclusivamente *nos computadores dela*. Esses computadores são postos em locais superseguros, que você nunca visitará, e seu software é super-hipersecreto. Todos os outros tipos de arquivo têm sido violados por hackers, mas não os algoritmos de busca ou feed das grandes empresas Bummer. O código secreto para manipular você é guardado como as joias da Coroa.

O software mais importante é o mais escondido. Adivinha por quê? O software Bummer geralmente funciona sobre uma base de software gratuito e aberto, mas ninguém tem condições de saber o que é feito acima dessa base. O movimento pelo software aberto fracassou na busca por fomentar abertura e transparência no código que agora dirige nossa vida.

As coisas poderiam ter se resolvido melhor. Agora que os computadores estão conectados, é possível imaginar uma ferramenta de colaboração que rastreie de onde veio cada linha de código, cada imagem digital e cada som em um jogo, por exemplo: saber quem fez o quê. Assim, todos que contribuem para um projeto de desenvolvimento colaborativo poderiam ser pagos conforme suas contribuições e o número de vezes que o jogo é rodado. Permitir que outra pessoa ajuste seu código não significaria mais que você não seria pago por seu trabalho. Deixamos de explorar um mundo de possibilidades.

BUMMER EM CONFLITO

Nos anos anteriores ao nascimento do Google — a primeira grande empresa Bummer —, hippies da tecnologia eram temíveis defensores da gratuidade de tudo que fosse relacionado à informação, mas esse não era o único ideal que eles amavam.

Os tecnólogos também praticamente veneravam empreendedores-heróis como Steve Jobs. Os líderes de negócios de tecnologia talvez não fossem tão espertos quanto os hackers, do ponto de vista dos últimos, mas ainda eram considerados visionários. Nós *gostamos* quando eles ficaram ricos. Quem iria querer um futuro concebido por algum tipo de governo chato ou por algum processo cheio de comissão para lá e para cá? Veja os computadores lisinhos e reluzentes que Steve Jobs trouxe ao mundo!

Portanto, duas paixões colidiram. Tudo deve ser grátis, mas nós adoramos mega-heróis fundadores de tecnologias.

Consegue perceber a contradição? Espera-se que tudo seja gratuito, mas espera-se também que tudo gire em torno de empreendedores heroicos que estão ganhando dinheiro. Como essas duas diretrizes podem ser conciliadas?

Houve muito disse me disse nesse momento, por volta da virada do século. No fim das contas, apenas um método de conciliação foi identificado: o modelo de negócio baseado na propaganda. Os anúncios permitiriam que as buscas, a música e as notícias fossem gratuitas. (Isso não significou que músicos ou repórteres receberam uma fatia do bolo, porque

os tecnólogos os consideraram substituíveis.) A propaganda se tornaria o negócio dominante na era da informação.

No começo, isso não pareceu distópico. Os anúncios originais no Google eram bonitinhos e inofensivos. Mas, à medida que a internet, os aparelhos e os algoritmos evoluíram, a propaganda inevitavelmente se metamorfoseou em modificação de comportamento em massa.

Foi assim que a Bummer nasceu. Como acontece frequentemente com as pessoas, esquecemos que fizemos uma escolha. Agora nos sentimos impotentes. Mas a escolha permanece, e podemos refazer isso.

CEGUEIRA BUMMER

A coisa mais perigosa relacionada à Bummer é a ilusão disseminada de que essa máquina é a única possibilidade. Há pessoas no Vale do Silício que acreditam que tudo no mundo pode ser reinventado/transformado por start-ups de tecnologia. Vamos transformar a medicina, a educação, o transporte e até o ciclo de vida e morte, mas temos um ponto cego em nosso método básico de operação. Sacralizamos a crença de que a única maneira de financiar uma conexão entre duas pessoas é por meio de uma terceira que está pagando para manipulá-las. Nós nos sentimos presos a essa certeza, mas a armadilha está apenas em nossa mente.

É inerente ao modelo de negócio Bummer a afirmação de que só há uma maneira possível de os serviços digitais funcionarem: você, o usuário individual, se tornar subserviente. Isso não é verdade. A prevalência dessa mensagem é um dos melhores motivos para largar as redes sociais.

A ideia Bummer se infiltra tanto que chega a afetar negócios sem relação com a máquina. Tomamos como natural que, se quiser os benefícios de um aplicativo como o da Uber — usando a mais recente tecnologia para melhorar a coordenação entre motoristas e pessoas que precisam se locomover —, você deve aceitar que algumas pessoas serão donas da Uber e algumas delas se tornarão oligarcas odiosos, enquanto os motoristas terão menos estabilidade do que os taxistas tradicionais e os passageiros serão espionados de maneiras humilhantes. Nenhum desses aspectos negativos precisa ocorrer para que se obtenham os benefícios. O único motivo para essa ligação é que temos sido condicionados pela Bummer.

Em algum universo alternativo — um universo que devemos construir se quisermos sobreviver —, haverá a conveniência de um aplicativo como o da Uber *e* um tecido social e econômico sustentável em que muita gente conquista a segurança financeira com dignidade.

O produto comercial fundamental da Bummer é absurdo, deletério. Não se pode enriquecer uma sociedade tornando-a louca. A única saída é mudar o modelo de negócio de modo que as empresas Bummer de hoje possam ganhar dinheiro de uma forma diferente. Isso abrirá as portas para que outras empresas como a Uber, que dependem de serviços de nuvem semelhantes e aparelhos pessoais, adotem modelos de negócio sustentáveis e dignos. E elas têm condição de fazer isso!

MELHOR QUE A BUMMER

Uma maneira é monetizar diretamente serviços como buscas e mídia social. Você pagaria uma pequena taxa mensal para usá-los, mas, se contribuísse muito — se suas postagens, vídeos etc. fossem populares —, você também poderia ganhar algum dinheiro. Muita gente — em vez do pequeno número de estrelas simbólicas do sistema atual — ganharia dinheiro. (Reconheço, é claro, que teria que haver uma maneira de tornar os serviços disponíveis para aqueles que não teriam condições de pagar nem mesmo uma tarifa pequena.)

Estou fazendo um escarcéu com o potencial de ganhar dinheiro porque um sistema como esse ajudaria a lidar com perdas de emprego crescentes devido à IA e à automação. Estamos falando de uma indústria que sustenta algumas das empresas mais ricas que o mundo já conheceu, e todas elas são movidas por dados que provêm de pessoas que com frequência ouvem falar que estão prestes a se tornar obsoletas, que precisarão recorrer ao seguro-desemprego ou um sistema de renda básica. Não é certo dizer às pessoas que elas já não têm valor para a sociedade quando as maiores empresas só existem por causa de dados que vêm dessas mesmas pessoas.

Por exemplo, considere a tradução de idiomas. É ótimo ter traduções automáticas de memorandos e páginas da internet entre, digamos, inglês e chinês. Mas não existe nos bastidores um cérebro digital autossuficiente que gere essas traduções.

Em vez disso, dezenas de milhões de traduções de novas frases precisam ser colhidas todos os dias de pessoas de verdade que não sabem quais dados estão sendo tirados delas. Como eles estão sendo tomados de nós? Um grande número de indivíduos bilíngues traduz frases o tempo todo como parte de sua atividade Bummer, talvez para legendar um programa de TV estrangeiro para seus amigos. Qualquer coisa que você faz na Bummer pode ser utilizada pelas empresas Bummer.

As frases traduzidas são comparadas a novas frases que outras pessoas querem traduzir, e uma combinação estatística dessas correspondências produz um texto em geral legível em outra língua. Novos exemplos de tradução precisam ser colhidos todos os dias porque as línguas são vivas. Cada dia traz novos eventos, traços da cultura popular e gírias.

É maravilhoso que essa tecnologia funcione, mas o que não é maravilhoso é que as pessoas que estão fornecendo os dados que a fazem funcionar — humanos de verdade, biológicos, bilíngues — têm ficado inseguras. Tradutores humanos vêm sofrendo uma perda de perspectivas de carreira semelhante à que aconteceu com jornalistas investigativos, músicos de estúdio, fotógrafos e assim por diante.

Estamos fingindo que as pessoas que sabem traduzir são obsoletas, quando na verdade elas ainda são necessárias. Não seria uma espécie de pecado dizer a alguém que ele é obsoleto quando isso não é verdade?

O que chamamos de IA jamais deveria ser entendido como uma alternativa às pessoas, mas como um mal rotulado novo canal de valor *entre* pessoas de verdade.

O plano de negócio Bummer é retirar seus dados sorrateiramente e ganhar dinheiro com isso. Veja como as empresas Bummer são ricas e lembre que essa riqueza é feita totalmente dos dados que você lhes deu. Acredito que as empresas *deveriam* ganhar dinheiro e prosperar se fizerem coisas que as pessoas querem, mas acho que você não deveria ter cada vez menos estabilidade como consequência. Não se espera que o capitalismo seja um jogo de soma zero.

A Bummer é economicamente insustentável, o que talvez seja uma característica ainda pior do que a sua injustiça. Derrubar uma sociedade para ficar rico é uma jogada estúpida, e a estupidez é exatamente o que permeia as ações no Vale do Silício.

Se reconhecemos que um programa de tradução precisa de dados de pessoas reais, essas pessoas podem até ser incentivadas a fornecer informações melhores, mais úteis. Podem ser valorizadas honestamente, receber por isso e ter uma sensação maior de dignidade. O serviço de tradução pode funcionar melhor! A fantasia da obsolescência humana não apenas desvaloriza as pessoas como, com frequência, torna supostos programas de IA menos funcionais porque ninguém está motivado a melhorar os dados que lhe servem de base.

A estupidez da abordagem Bummer para o valor humano transcende a insustentabilidade econômica; é uma violação da nossa dignidade. Essa dimensão será explorada no décimo argumento, sobre preocupações espirituais.

A Bummer foi apresentada originalmente como um acordo de permuta. "Vamos espionar você e em troca lhe ofereceremos serviços gratuitos." Pode parecer um acordo razoável a curto prazo, mas a longo prazo é terrível.

Os serviços gratuitos que você obtém são versões disfarçadas de serviços que alguém em outras circunstâncias seria pago para fornecer. Músicos usam a Bummer para se promover de graça, e ainda assim um percentual menor de músicos está se saindo bem o bastante para planejar a construção de famílias — uma definição razoável de "segurança financeira" — do que na época em que a música era vendida em discos físicos.[103] Músicos de estúdio, tradutores... Quem será o próximo?

Antes da era Bummer, toda vez que surgia uma nova tecnologia que tornava um conjunto de funções humanas obsoleto, apareciam novas funções humanas menos físicas. *Motoristas em vez de cavaleiros*. De fato, as novas funções que passavam a existir por causa de rupturas tecnológicas eram, com frequência, mais criativas e profissionais do que as antigas. *Programadores de robótica em vez de ferreiros*. Isso significava que um número cada vez maior de pessoas ganhava prestígio e dignidade econômica.

A Bummer reverteu essa tendência. Agora, quem traz insights, criatividade ou expertise para o mundo fica sabendo que mais cedo ou mais tarde a Bummer canalizará seu valor através de um serviço de nuvem — provavelmente um suposto serviço de IA — e acabará com sua segurança financeira, embora seus dados ainda sejam necessários. Pode-se criar arte de forma automática a partir de dados roubados de multidões de artistas reais,

por exemplo. Os chamados programas de criação de arte de IA já são praticamente venerados. Então, enfermeiros robóticos poderão funcionar com dados arrancados de milhões de enfermeiros reais, mas esses mesmos enfermeiros trabalharão por menos, porque competirão com robôs.

Todos estão alimentando a Bummer de dados porque estão viciados e presos em armadilhas dos efeitos de rede, conforme descrito no primeiro argumento.

No argumento sobre como a Bummer está tornando você um babaca, sugeri que produzir algum nível de sistema de recompensa para além dos jogos mentais coletivos pode inspirar dignidade em relações na esfera on-line. Sugeri o LinkedIn como um exemplo de como o engajamento econômico, em vez de um engajamento puramente social, pode ter um efeito civilizador.

Essa hipótese precisa de mais testes, mas é possível que, quando entrarmos em uma nova era em que as pessoas serão pagas pelo valor que seus dados trazem para o mundo on-line, esse mundo se torne menos obscuro e louco.

O esboço acima de um modelo de negócio alternativo para o que são hoje serviços Bummer, como as redes sociais e as buscas, é apenas uma possibilidade, mas tenho a suspeita de que existem outras. Essa ideia em particular foi lançada em um livro meu chamado *Bem-vindo ao futuro*. Recentemente, essa abordagem para o futuro da economia digital se tornou conhecida como "Data as Labor" [Dados como Trabalho], ou DaL.[104]

O DaL ganhou força em círculos econômicos e certamente merece ser mais explorado. Não será perfeito, mas será melhor do que a máquina Bummer.[105]

A PERSPECTIVA DA CORPORAÇÃO

As empresas Bummer não devem temer uma transição para um plano de negócio contrário à natureza delas. Será melhor assim!

Não sou anti-Google, por exemplo, embora eu tenha discordâncias filosóficas com algumas pessoas de lá. Eu e meus companheiros vendemos uma start-up ao Google e passei muitos dias circulando pela pequena semente do conglomerado que brotava. Não acho que as pessoas que

trabalham no Google tenham ido para o lado do mal, embora isso tenha ocorrido com seu plano de negócio.

Ouço com frequência que o Google e o Facebook jamais mudarão porque o modelo de negócio Bummer é tão bem-sucedido que os acionistas não vão permitir. Discordo.

Um dos problemas com esse modelo é que ele funciona como petróleo para um Estado sem outra fonte de renda. Uma empresa que depende da Bummer pode diversificar suas atividades — seus centros de custo — tanto quanto quiser, mas nunca pode diversificar seus centros de lucro, porque precisa priorizar sempre serviços gratuitos a fim de obter mais dados e executar os serviços de manipulação. Os consumidores estão viciados, mas os impérios Bummer também estão.

A Bummer fragiliza as empresas de tecnologia, que ficam estranhamente estagnadas. Das cinco grandes companhias de tecnologia, apenas duas *dependem* do modelo Bummer. A Apple, a Amazon e a Microsoft cedem um pouco à máquina, mas se saem bem sem depender dela. As grandes empresas de tecnologia não Bummer se diversificaram com sucesso. Há motivos de sobra para querer criticar e mudar essas três empresas, mas a quantidade de práticas Bummer que elas fomentam não é uma ameaça existencial à civilização.

Os dois gigantes de tecnologia ligados à Bummer — o Google e o Facebook — estão *bem* presos. Produzem a maior parte de seus lucros com a Bummer, apesar de investimentos maciços na tentativa de abrir outros tipos de negócio. Independentemente da escala, uma empresa baseada em um único truque está vulnerável. Mais cedo ou mais tarde alguma ruptura virá, e então uma empresa Bummer, não importa seu tamanho, entrará rapidamente em colapso.

Então, mais uma vez, por que a Bummer é uma estratégia de longo prazo tão boa para empresas de tecnologia? Na verdade, não é. Essa máquina negocia o curto prazo em troca do longo prazo, assim como um Estado que depende só do petróleo. Em vez de tentarmos fechar as empresas Bummer, devemos pedir a elas que inovem seus modelos de negócio, para seu próprio bem.

A PERSPECTIVA DO USUÁRIO

Pode parecer indesejável ter que pagar no futuro por coisas que atualmente são gratuitas, mas, lembre-se, você também seria capaz de ganhar dinheiro com isso. E, às vezes, pagar por coisas realmente torna o mundo melhor para todos. Especialistas em tecnologia que defendiam um futuro grátis/aberto argumentavam que pagar por filmes ou TV era uma coisa terrível, e que a cultura do futuro seria feita de voluntariedade, com a distribuição digital financiada pela propaganda, é claro. Isso era praticamente uma crença religiosa no Vale do Silício quando as grandes empresas Bummer foram fundadas. Contestar essa ideia era um sacrilégio.

Mas então empresas como Netflix e HBO convenceram as pessoas a pagar uma taxa mensal, e o resultado é o que com frequência é chamado de "*peak TV*" ["auge da TV"]. Por que não poderia haver também uma era do "auge da mídia social" e um "auge da busca" em que pagássemos por esses serviços?

Veja os créditos finais de um filme na Netflix ou na HBO. É um bom exercício para prolongar a duração de sua atenção! Veja todos aqueles nomes passando. Todas aquelas pessoas que não são estrelas pagam as contas trabalhando para levar aquele programa até você.

A Bummer só sustenta as estrelas. Se você é uma daquelas raras pessoas que estão vivendo de maneira decente à custa da Bummer como influenciador, por exemplo,[106] precisa entender que faz parte de um pequeno clube e está em uma posição vulnerável. Por favor, tenha um plano B! Odeio estragar sonhos, mas se você pensa que está *prestes* a ganhar a vida como influenciador ou algo semelhante, as estatísticas são totalmente desfavoráveis, não importa o tamanho do seu merecimento nem quantas histórias de ganhe-dinheiro-fácil lhe contaram.[107] O problema não é que haja apenas algumas estrelas; por definição, isso é sempre verdade. O problema é que a economia Bummer não leva em conta quase nenhuma função remunerada para quase-estrelas. Em uma economia genuína, profunda, há muitas funções. Você talvez não se torne um jogador de futebol profissional, mas pode chegar à gerência, à mídia esportiva ou a uma série de profissões relacionadas. Mas restam muito poucas funções econômicas adjacentes para um influenciador digital. Tenha um plano B.

Quando empresas de mídia social forem pagas diretamente por usuários, não por terceiros ocultos, elas servirão a esses usuários. É muito simples:

alguém será capaz de pagar para ver propaganda venenosa, mas não conseguirá pagar para ter esse veneno direcionado para *outra* pessoa. O incentivo para envenenar o mundo será desfeito.

Só terei uma conta no Facebook, no Google ou no Twitter quando puder pagar por isso — *e*, de maneira inequívoca, ter e determinar o preço pelo uso de meus dados, e também for fácil e normal ganhar dinheiro se meus dados forem valiosos. Pode ser que eu tenha que esperar um pouco, mas valerá a pena.

---

* Adaptação em português para a expressão *gig economy*, também conhecida como *freelance economy* ou economia sob demanda, que é o nome dado às relações de trabalho entre trabalhadores temporários, sem vínculo empregatício (freelancers ou autônomos), e empresas que contratam estes trabalhadores independentes para serviços pontuais e ficam isentas de regras como número de horas trabalhadas. (N. do T.)

[103] Defendi essa alegação em meus livros anteriores *Gadget — Você não é um aplicativo!* e *Bem-vindo ao futuro*.

[104] Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3093683/>; <www.economist.com/news/finance-and-economics/21734390-and-new-paper-proposes-should-data-providers-unionise-should-internet>. Acesso em: 26 jul. 2018.

[105] Alguns sites que podem ter se tornado Bummer estão flertando com o modelo de assinatura: <https://mobile.nytimes.com/2017/05/20/technology/evan-williams-medium-twitter-internet.html>. Acesso em: 26 jul. 2018.

[106] Disponível em: <www.cbsnews.com/news/social-media-influencers-brand-advertising/>. Acesso em: 27 jul. 2018.

[107] Disponível em: <https://news.vice.com/enca/article/8xmmb4/what-does-it-take-to-make-a-living-on-social-media>. Acesso em: 27 jul. 2018.

ARGUMENTO NOVE

As redes sociais tornam a política impossível

QUEIMA DE ARCO[108]

Havia um arco moral na história, evidenciado por Martin Luther King, Jr.; a justiça se tornou mais ampla com o passar do tempo. Em determinado período, escravos foram libertados; em outro, mulheres passaram a votar; depois, a população LGBTQ conquistou direitos e respeito. A democracia se espalhou por um número cada vez maior de países.

Recentemente, na era Bummer, o arco está mostrando sinais de que vai desmoronar de maneira fragorosa. Não há apenas retrocessos à medida que subimos no arco, mas quedas impensáveis, catastróficas.

Nos últimos anos, Turquia, Áustria, Estados Unidos, Índia e outras democracias elegeram líderes de tendência autoritária cujo poder se apoia em tribalismo. Os eleitores estão escolhendo votar contra eles mesmos. Em cada caso, a Bummer exerceu um papel proeminente. Espero, sinceramente, que os nossos tempos sejam lembrados como um pequeno erro de trajeto em uma progressão até então suave para um mundo mais democrático.

Mas por enquanto enfrentamos uma crise assustadora e repentina. Antes da era Bummer, o raciocínio geral era de que, depois de se tornar democrático, um país não apenas continuava democrático como fortalecia cada vez mais seus valores em prol da democracia, porque seu povo exigia isso.

Infelizmente, isso deixou de ser verdade, e esse fenômeno só foi ocorrer há bem pouco tempo.[109] Algo está afastando os jovens da democracia. Apesar das autocongratulações otimistas das empresas de mídia social, parece que quando a democracia enfraquece, o mundo on-line se torna um antro de feiura e desonestidade.

A correlação pode ser ainda mais forte em regiões em desenvolvimento. O simples acesso à tecnologia de informação, como a capacidade de enviar mensagens por telefone, provavelmente contribuiu para a maravilhosa e

histórica redução da pobreza extrema no mundo ao longo das últimas décadas. Porém, mais recentemente, a mídia social comercial apareceu e os telefones se tornaram propagadores de uma violência social maníaca.

Uma das maiores catástrofes dos direitos humanos no mundo — que se desenrola enquanto escrevo — é o drama da população rohingya em Mianmar. Pelo que se constata, essa crise correspondeu à chegada do Facebook, que foi rapidamente inundado por posts ofensivos direcionados contra os rohingya.[110] Ao mesmo tempo, mentiras sobre rapto de crianças — nesse caso principalmente no WhatsApp, do Facebook — desestabilizaram partes da Índia depois que viralizaram.[111] De acordo com um relatório das Nações Unidas, as redes sociais também são uma arma maciçamente mortal, literalmente, no sul do Sudão — por causa dos *shitposts*.[112]

Autores misteriosos enchem os feeds das redes sociais de alegações bizarras de maldades — como se fossem variações do libelo de sangue — supostamente perpetradas por um grupo-alvo. Os memes para estimular genocídio com frequência relatam algo terrível que dizem ter sido feito a crianças. Como sempre acontece com a Bummer, as mensagens mais horríveis e mais paranoicas recebem mais atenção, e as emoções crescem de maneira desordenada como um subproduto do engajamento que cresce descontroladamente.

Todas essas regiões tiveram problemas antes. A história está repleta de políticos estranhos, maus ou loucos. Também está cheia de histerias coletivas e ilusões de turbas violentas. E de países que fracassam. Estamos realmente em tempos excepcionais?

Só futuros historiadores poderão dizer. A mim parece que algo deu errado e ganhou um caráter sinistro em nosso mundo, e isso aconteceu de repente, nos últimos anos, com a chegada da Bummer. Não é que estejamos vendo horrores sem precedentes — eles têm precedentes —, mas que o precioso arco da melhora se reverteu. Estamos degringolando de maneira terrível e repentina.

A história típica das redes sociais na política é assim: um grupo de jovens modernos e instruídos entra em uma plataforma primeiro, porque essas coisas saem do mundo moderno, jovem, instruído. Eles são idealistas. Podem ser progressistas, conservadores ou qualquer coisa. Eles querem

sinceramente que o mundo seja melhor. Isso vale tanto para os tecnólogos que fazem uma plataforma Bummer quanto para as pessoas no mundo que a usam.

São bem-sucedidos no começo, com frequência obtêm sucessos espetaculares, maravilhosos, mas depois tudo azeda, como em um passe de mágica. A Bummer acaba alimentando mais imbecis gritalhões e trapaceiros do que para os grupos iniciais de idealistas modernos, jovens e instruídos, porque a longo prazo a Bummer é mais apropriada à manipulação sorrateira e malevolente do que a qualquer outro propósito.

Por sua própria natureza, sem que haja um plano maligno em marcha, a Bummer estuda os idealistas do início e cataloga suas peculiaridades. Os resultados têm o efeito não intencional de alinhar os idealistas de modo que a eles possam ser direcionados *shitposts* que estatisticamente os tornam só um pouco mais irritáveis, um pouco menos capazes de se comunicar com pessoas diferentes, portanto um pouco mais isolados e, depois de tudo isso, um pouco menos capazes de tolerar políticas moderadas ou pragmáticas.

A Bummer está minando o processo político e machucando milhões e milhões de pessoas, mas muitas dessas mesmas pessoas estão tão viciadas que tudo o que elas podem fazer é exaltar a Bummer porque podem usá-la para reclamar das catástrofes que a própria plataforma acabou de provocar na vida delas. É como a síndrome de Estocolmo ou como estar preso a um relacionamento abusivo por cordas invisíveis. Os idealistas amáveis do início perdem, o tempo todo agradecendo à Bummer por como ela os faz se sentir e por como os uniu.

PRIMAVERA ÁRABE

A Primavera Árabe foi uma ocasião para autocongratulações sinceras no Vale do Silício. Na época, reivindicamos aquilo como sendo uma glória nossa. A “Revolução do Facebook” e a “Revolução do Twitter” foram tropos comuns na época.[113]

Nós nos juntamos diante de telões para assistir aos jovens na praça Tahrir, no Cairo, enfrentando um governo despótico e nos apaixonamos. Comemoramos quando cidadãos comuns usaram as redes sociais para dizer

às forças da Otan onde mirar seus ataques aéreos. As redes sociais puseram um exército moderno na ponta dos dedos de usuários comuns.

Outras revoluções já haviam acontecido, mas algo era diferente dessa vez.

Não havia nenhuma figura carismática em particular, por exemplo. Não havia nenhum George Washington ou Vladimir Lenin. Achamos que ali estava uma revolução verdadeiramente do povo. Não havia generais debruçados sobre grandes mesas com mapas enquanto subordinados ao redor se movimentavam apressados. Não havia nenhum manifesto unificado, nenhum acordo geral nem mesmo uma discussão especialmente focada no que viria depois da revolução. O termo "democracia" foi lançado, mas houve pouca discussão sobre o que significava. A democracia foi confundida com uma tênue fé de que a dinâmica coletiva on-line levaria a um mundo melhor. Uma revolução auto-organizada não poderia dar errado. Achamos que ali estava a realização de nossa fé nas redes de comunicação.

Eu, particularmente, não tive tanta certeza assim. Alguns amigos ficaram irritados comigo quando perguntei: "Onde todos esses garotos vão conseguir emprego?" Ou, ainda pior: "Será que o Twitter ou o Facebook vão arrumar emprego para esses garotos?" Também reclamei que uma revolução pertencia àqueles que a realizavam e que era errado associá-la a nomes de empresas do Vale do Silício.

Bem, ninguém arranjou emprego para eles e, de fato, não havia ninguém por perto para reivindicar o poder no Egito com coerência além de extremistas teocratas, que em seguida foram expulsos por um golpe militar. E quase nenhum dos jovens inspiradores que protestaram tem um emprego decente.

O que as redes sociais fizeram na época, e o que sempre fazem, foi criar ilusões: de que é possível melhorar a sociedade apenas pela vontade; de que as pessoas mais sãs serão favorecidas em disputas difíceis; e de que, de algum modo, o bem-estar material simplesmente surgirá.

O que na verdade acontece, sempre, é que as ilusões se desfazem quando já é tarde demais, e o mundo é herdado pelas pessoas mais rudes, mais egoístas e menos informadas. Quem mais se machuca é qualquer pessoa que não seja uma babaca.

Portanto, eu era o cético, mas o que se constatou foi que meu ceticismo nem de longe era o bastante. Ninguém quis associar a marca de sua empresa de tecnologia ao que aconteceu em seguida.

Já houve reações a revoluções antes, bem como apropriação e corrupção de revoluções, reinados de terror e muitas outras disfunções. Mas algo foi diferente dessa vez.

Um fenômeno disseminado de terror niilista em rede se espalhou violentamente.[114] Jovens estavam assistindo aos vídeos mais horríveis, sádicos, transmitidos para eles por empresas do Vale do Silício, e a dinâmica foi como pornografia. Os garotos se tornaram viciados em atrocidades. Isso com certeza já acontecia com bastante frequência, mas antes era organizado. Gangues já haviam controlado muitos campos de extermínio da história, mas agora indivíduos estavam se "autorradicalizando".

Um personagem masculino solitário se tornou familiar, empertigando-se em um mundo inventado, limitado pelas ilusões mais mesquinhas, cheio de uma raiva insegura.

Mas a fé do Vale do Silício na rede social como ferramenta de melhoria da sociedade não foi abalada. Ela ainda vive em mim. Enquanto escrevo, no primeiro dia do ano de 2018, o regime iraniano está bloqueando as redes sociais para suprimir protestos que estão estourando no país. Uma voz dentro de mim clama: "Isso! Isso! A tecnologia on-line está ajudando pessoas a se organizar, e elas terão a inteligência de contornar as tentativas de impedi-las."

Não quero desistir dessa esperança. Nenhum de nós quer. Mas as evidências até agora não são animadoras.

GAMERGATE

Fiquei animado quando mulheres começaram a falar na comunidade dos games. O mundo dos games é maravilhoso em muitos aspectos, mas realmente não está fazendo jus ao seu potencial. Os games deveriam estar se tornando a nova maneira de aprendermos e falarmos sobre questões complicadas. Isso até acontece em uma pequena proporção, mas as maiores produções tendem a mirar repetidamente no mesmo grupo demográfico.

Você recebe armas, atravessa um terreno e atira em alguma coisa. Vez após outra. A indústria precisa expandir seus horizontes.

Programadores que acharam que os games deveriam se ampliar dessa maneira fizeram uso das redes sociais para comunicar suas ideias e criaram um movimento vibrante, distribuído. Eles ganharam atenção e dava para sentir a atmosfera mudar um pouco. Muitos desses programadores eram mulheres.

O que aconteceu em seguida foi uma versão "primeiro mundo" daquilo que ocorreu com a Primavera Árabe. A reação foi impressionantemente extrema e desagradável, de uma ordem de grandeza diferente daquilo ao qual estavam reagindo.

Mulheres que falavam sobre games foram atacadas de maneiras cruéis que se tornaram, desde então, uma rotina pavorosa. Elas foram bombardeadas com imagens falsas delas próprias e de suas famílias sendo assassinadas, estupradas e assim por diante.[115] Suas informações pessoais foram divulgadas, forçando algumas mulheres a se esconder.[116]

O movimento para destruir os críticos do mundo dos games foi chamado de "Gamergate". É impossível falar com algum apoiador dessa iniciativa, porque eles vivem em um universo alternativo de teorias da conspiração e em emaranhados densos de argumentos estúpidos fomentados pelas ilusões mais mesquinhas, explodindo de uma raiva que é puro fruto da insegurança.

O Gamergate se tornou um estímulo e um modelo para a direita alternativa.[117]

LGBTQ

Nos anos imediatamente anteriores à eleição de 2016 nos Estados Unidos, leis sobre questões LGBTQ começaram a mudar. O casamento de pessoas do mesmo sexo foi legalizado, transexuais se expuseram mais e foram mais aceitos. As redes sociais sem dúvida desempenharam um papel nisso.

Mas esse foi apenas o primeiro estágio do processo de degradação Bummer. Pode-se dizer que foi a lua de mel da máquina. Pessoas bem-intencionadas venceram uma etapa historicamente suave da luta, e parecia que qualquer nível de melhoria da sociedade com o qual se pudesse sonhar seria de fácil alcance.

Isso é como uma onda de heroína, conforme me foi descrita; uma explosão de êxtase incrível, fácil, depois da qual você inevitavelmente desaba de maneira catastrófica.

O estágio seguinte da política Bummer é aquele em que os babacas percebem que são favorecidos pela máquina. Aparece todo tipo de idiota. Eles recebem tanta atenção que passam à frente das pessoas bem-intencionadas que acabaram de conquistar suas vitórias. Desenterram preconceitos e ódios que passaram anos sem ver a luz do dia e tornam esses ódios a tendência dominante.

Depois acontece de babacas ainda maiores manipularem os babacas do início. A partir daí, coisas terríveis entram em cena. Imbecis pavorosos, gigantes, são eleitos, projetos xenofóbicos estúpidos são exaltados, pessoas comuns sofrem enormes perdas materiais desnecessárias, em uma conjuntura propensa a conflitos e guerras.

No caso dos Estados Unidos, figuras anti-LGBTQ incrivelmente radicais foram alçadas aos mais altos cargos,[118] embora a dignidade e as questões de direitos LGBTQ nem sequer tenham sido discutidas durante as eleições.

Não é que a Bummer desfavoreça os LGBTQ. Na verdade, ela não se importa nem um pouco, apenas favorece trapaceiros e imbecis. Esses são os componentes A e F, o vento nas velas da Bummer.

NEM ESQUERDA NEM DIREITA, PARA BAIXO

A Bummer não é progressista nem conservadora; é apenas a favor da paranoia e da imbecilidade generalizadas.

Lembre-se, a Bummer não é assim *no começo*. No início, os primeiros membros, ainda na fase de estruturação, parecem receber um impulso. Porém, *depois* que essas pessoas decentes são categorizadas, investigadas pelos algoritmos, testadas e preparadas para a manipulação, os babacas tomam conta.

Quem se importa se eu sou progressista? Se você é um conservador com princípios, acha que tem sido realmente bem servido pela Bummer? Meus amigos conservadores evangélicos se veem de repente enfiados em comunidades nas redes sociais que apoiam um mulherengo ofensivo

obsceno e abusador que ganhou fortunas em apostas e falências e que afirmou, oficialmente, que não precisa nem busca o perdão de Deus.[119] Enquanto isso, meus amigos conservadores linha-dura, patriotas, veem-se agora alinhados com um líder que quase certamente não estaria no poder se não fosse por intervenções cínicas e ilegais de uma potência estrangeira hostil. Veja o que a Bummer fez com o seu conservadorismo.

A mesma coisa acontece com progressistas. Você se lembra dos Bernie Bros e de como se tornou bacana, em alguns círculos de esquerda, ridicularizar cruelmente Hillary Clinton, como se fazer isso fosse uma religião? Na era Bummer, não dá para saber o que foi orgânico e o que foi maquinado.[120]

É uma questão aleatória que a Bummer tenha favorecido os republicanos em detrimento dos democratas nos Estados Unidos, mas não é aleatório que essa máquina tenha favorecido os republicanos mais irritáveis, autoritários, paranoicos e tribais.[121] Todos esses atributos estão igualmente disponíveis na esquerda. Uma versão americana de Hugo Chávez, se tivesse existido, poderia ter se tornado presidente. Talvez isso aconteça no futuro. Eca.

Mesmo mais alinhado com a pauta progressista, não acho que um líder estilo Bummer de esquerda seria melhor do que Trump. Degradação é degradação, qualquer que seja a direção de onde venha.

As maneiras como um candidato "artista do desastre" pode ser preferido pelo Facebook são bem conhecidas, embora os detalhes permaneçam difusos. Quando um candidato, ou qualquer outro cliente, compra acesso à atenção do usuário por meio da plataforma, o número de acessos não é determinado apenas pelo quanto é gasto, mas pelo modo, determinado por algoritmos, como o cliente *também* está promovendo e aumentando o uso do Facebook. Pessoas que trabalharam na estratégia de mídias sociais da campanha de Trump alegaram[122] que ele ganhou *centenas de vezes* mais acesso[123] por um determinado gasto do que a campanha de Clinton, embora o Facebook alegue que não foi bem assim, sem revelar o suficiente para aclarar a história.[124] Se *havia* um multiplicador, este provavelmente foi aplicado a compras de acesso realizadas tanto por agentes russos e outros grupos pró-Trump quanto pela campanha de Trump diretamente. Os algoritmos não podem se importar e não se importam.

Um detalhe interessante que veio à tona um ano depois da eleição é que o Facebook oferecera às campanhas de Clinton e Trump equipes presenciais para ajudá-los a maximizar o uso da plataforma, mas só a campanha do republicano aceitou a oferta.[125] Se houvesse concordado em ter funcionários do Facebook em seu escritório, talvez Clinton tivesse vencido. A eleição foi tão apertada que qualquer coisinha que pendulasse para sua direção poderia ter modificado o resultado.

O Facebook e outras empresas Bummer estão se tornando o *ransomware* da atenção humana. Eles têm tanto controle sobre a atenção de tanta gente e por tanto tempo do dia que se tornaram os guardiões do cérebro.

A situação me lembra a prática medieval das indulgências, em que a Igreja Católica da época às vezes exigia dinheiro para uma alma entrar no céu. As indulgências foram uma das principais reclamações que motivaram a separação dos protestantes. É como se o Facebook estivesse dizendo: "Pague-nos ou você não existe."

É o início de uma máfia existencial.

BLACK LIVES MATTER

Depois que a polícia norte-americana perpetrou uma série de mortes horríveis de cidadãos negros desarmados, a reação de usuários sensibilizados das redes sociais, em sua maior parte, começou de maneira sábia, estoica e construtiva. É preciso dizer que, sem as redes sociais, correríamos o risco de nem sequer ouvir falar sobre essas mortes, sua prevalência ou suas similaridades.

De início, as redes sociais engendraram um sentido universal de comunidade. O slogan "Black Lives Matter" [Vidas Negras Importam] me pareceu no começo incrivelmente astuto e cuidadoso, por exemplo. Não uma maldição nem uma pancada, apenas um lembrete: nossos filhos importam. Suspeito de que muitas pessoas tiveram a mesma impressão, embora muitas delas viessem a ridicularizar o slogan não muito tempo depois.

"Black Lives Matter" apareceu e ganhou proeminência durante a típica fase de lua de mel do ativismo Bummer, e, como sempre, essa fase inicial foi promissora e parecia substancial. A máquina estava dando aos ativistas

negros um novo canal de influência e poder. Mais dinheiro e poder para as empresas Bummer, é claro, mas também mais empoderamento para novos exércitos de usuários da Bummer. Os dois lados saem ganhando, certo?

No entanto, durante essa mesma lua de mel, um jogo de poder mais profundo e mais influente estava sendo armado nos bastidores. O jogo que mais importava não estava à vista, ocorrendo na maquinaria algorítmica de imensos centros de dados ocultos espalhados pelo mundo.

Ativistas negros e simpatizantes foram cuidadosamente catalogados e estudados. Que palavras os estimulavam? O que os irritava? Que histórias, vídeos — qualquer coisa — mantinham-nos grudados na Bummer? O que os tornaria flocos de neve para isolá-los, pouco a pouco, do restante da sociedade? O que os levou a se tornarem mais sujeitos a mensagens de mudanças comportamentais com o passar do tempo? O propósito não era reprimir o movimento, mas ganhar dinheiro. O processo era automático, rotineiro, estéril e implacável.

Nesse meio-tempo, automaticamente, testou-se a capacidade de o ativismo negro preocupar, perturbar e até mesmo cativar outras populações, que foram elas próprias catalogadas e estudadas em seguida. Uma fatia inativa de supremacistas brancos e racistas que antes não eram bem identificados, conectados ou que não tinham adquirido poder foi descoberta e cultivada em meio à cegueira da máquina, de início apenas para ganhos comerciais automáticos, inconscientes — mas isso teria sido impossível sem primeiro cultivar uma fatia do ativismo negro da Bummer e calcular de modo algorítmico como enquadrá-la como uma provocação.

Por sua natureza, a Bummer foi aos poucos separando as pessoas em blocos e promovendo babacas, antes que os russos ou qualquer outro cliente aparecessem para tirar vantagem. Quando apareceram, os russos se beneficiaram de uma interface de usuário projetada para ajudar "anunciantes" a se dirigir a populações com mensagens testadas para ganhar atenção. Tudo o que os agentes russos precisaram fazer foi pagar à Bummer pelo que a máquina já fazia naturalmente.

O "Black Lives Matter" se tornou mais proeminente como provocação e objeto de zombaria do que como um grito por ajuda. Qualquer mensagem pode ser forjada para incitar uma determinada população se vândalos virtuais seguirem a tendência dos algoritmos. É um amálgama dos componentes A e F.

Pouco a pouco, o racismo adquiriu na Bummer um grau de organização sem precedentes nas últimas gerações.

Quisera eu não ser obrigado a reconhecer esse desgosto. Grande parte do que acontece *em um nível de usuário para usuário* na Bummer é maravilhoso, desde que olhemos para isso e ao mesmo tempo ignoremos o quadro mais geral em que as pessoas estão sendo manipuladas *pela* Bummer. Para quem consegue traçar uma moldura pequena o bastante de modo a incluir apenas as coisas das quais as pessoas estão diretamente conscientes na máquina, isso vai parecer um arranjo excelente.

O Black Twitter é um ótimo exemplo. Trata-se de um meio e uma literatura distintos por si sós. É maravilhosamente inventivo e expressivo. E virtuoso. O Black Twitter é muito melhor do que Trump, como se viu depois que diversos jogadores negros da NFL se ajoelharam durante a execução do hino nacional. Enquanto isso, as coisas fora da moldura de consciência do usuário são totalmente direcionadas a manter a subordinação do Black Twitter e a diminuir seu poder.

Quero celebrar o Black Twitter porque ele é brilhante. Mas preciso observar que é uma armadilha cruel. Espera-se que algum dia venha a existir algo semelhante ao Black Twitter que não seja subserviente à Bummer e não seja criado para estudar secretamente as pessoas a fim de manipulá-las.

Quero estar errado sobre tudo isso, mas até agora a Bummer parece cada vez pior quanto mais se revela.

Um ano depois da eleição, a verdade começou a vazar. Constatou-se que algumas contas de ativistas “negros” proeminentes eram, na realidade, frentes falsas para uma guerra de informação russa. Componente F. O propósito russo aparentemente era irritar ativistas negros a ponto de reduzir o entusiasmo para votar em Hillary. Suprimir o voto, estatisticamente.

Isso não significa que os russos tenham posto pensamentos na cabeça das pessoas de maneira clara ou consistente. Não significa que os indivíduos que foram alvo dessas campanhas tenham sido menos atentos, menos inteligentes ou menos determinados do que quaisquer outros. A maior parte do que aconteceu foi provavelmente a promoção “discriminada” do cinismo, uma atitude desdenhosa e uma sensação de desesperança (“discriminada” se refere a uma maneira sorrateira com que os bancos dos Estados Unidos historicamente induziram os algoritmos da credibilidade para crédito a fim

de desfavorecer bairros negros). Não estou dizendo que as críticas a Hillary eram inválidas, ou que o eleitor era desinformado; o que quero dizer é que a emoção do eleitor foi ajustada só um pouquinho, o suficiente para aumentar o número de abstenções.

Não esqueça que o Facebook já publicou com estardalhaço uma pesquisa provando que a plataforma pode mudar o comparecimento às urnas.[126] Na pesquisa, o Facebook usou o alegre exemplo de estimular o comparecimento nos dias de votação. Mas, como tudo no Facebook se trata de direcionar e como a plataforma é capaz de calcular a afiliação política do usuário, entre muitas outras coisas,[127] e como ela também já mostrou que consegue deixar as pessoas tristes,[128] é provável que as redes sociais também possam ser usadas para suprimir eleitores visados por causa do modo provável que eles tendem a votar.

Nada disso implica que o Facebook prefere um tipo ou outro de eleitor. Isso depende dos clientes da plataforma, que não são vocês, os usuários. O Facebook não necessariamente sabe o que está acontecendo. Uma rede social está em posição mais vantajosa quando não sabe o que está acontecendo, porque assim ela apenas ganha muito dinheiro e lida com menos culpa.

Jamais saberemos quais foram os testes algorítmicos feitos tanto pela abstenção quanto pela participação do eleitor em qualquer eleição específica, ou quais foram as lições aprendidas. Talvez certas palavras nos títulos, ou a substituição de certos anúncios adjacentes a determinadas notícias sobre celebridades, tenham melhorado as chances de deixar uma pessoa irritadiça, mas só se ela gostar de certos carros, por exemplo.

Tudo o que podemos supor é que uma empresa estatisticamente direcionada fez contínuas adaptações para otimizar seu desempenho.

Nem a Bummer nem os agentes russos precisavam se importar com o ativismo negro, de um jeito ou de outro. (Por acaso, indivíduos que trabalham em empresas Bummer tendem a ser progressistas e provavelmente são, em sua maioria, simpáticos ao ativismo negro, mas isso é de uma total irrelevância para o efeito deles sobre o mundo quando se adere ao modelo de negócio de manipulação em massa.)

A Bummer ganha mais dinheiro quando as pessoas estão irritadas, obcecadas, divididas e com raiva — e isso serviu perfeitamente aos

interesses russos. A Bummer é uma fábrica de merda, transformando organizações sinceras em rupturas cínicas. É, em sua essência, uma trapaça cruel.

Ativistas negros têm todos os motivos para se sentir bem em relação a suas interações imediatamente perceptíveis na Bummer; nesse nível, há beleza e profundidade genuínas. Afinal, esse outro jogo nos bastidores não invalida o que é visível. Observar o panorama mais amplo só faz diferença quando observamos e entendemos os resultados finais.

Ativistas podem se sentir confiantes de que estão transmitindo sua mensagem, mas é incontestável que os ativistas negros sofreram sérias perdas de terreno nas esferas política e material e de todas as maneiras que importam fora da Bummer.

Como de hábito, após uma catástrofe induzida por algoritmo, muitas pessoas que foram traídas e usadas continuam a elogiar a Bummer.

Um exemplo do componente F na eleição americana de 2016 foi uma conta chamada Blacktivist, mantida pelos russos. Um ano depois das eleições, o verdadeiro poder por trás de Blacktivist foi revelado e repórteres perguntaram a ativistas negros o que eles achavam disso.[129] Alguns, felizmente, ainda se ultrajavam. Consta que um ativista respondeu: "Eles estão usando a nossa dor para o ganho deles. Estou profundamente indignado." Trata-se de uma declaração bem informada, razoável e corajosa, porque não é fácil aceitar ter sido enganado.

As pessoas tendem a racionalizar. Por exemplo, um advogado de direitos civis disse ao mesmo repórter: "Se alguém está organizando um evento que beneficia a responsabilidade e a justiça, não me importa quais são os seus motivos ou quem ele é." É uma racionalização típica de alguém que não olha para além da experiência familiar, em direção ao quadro mais geral onde o jogo da Bummer é disputado.

No fim das contas, o lucro da Bummer levou as redes sociais negras a elevarem, sem querer, uma nova ferramenta otimizada para a abstenção de eleitores. Como se já não houvesse ferramentas de supressão de eleitores suficientes lá. Como se o estabelecimento de distritos eleitorais que favorecem determinados candidatos, os postos de votação inacessíveis e as regras de registro tendenciosas não fossem suficientes.

Incutiu-se em muitos potenciais eleitores um sentimento não muito bom a respeito de Hillary Clinton ou de votar. Você foi um deles? Se foi, por favor, relembre. Viu alguma informação customizada para você antes da eleição? Usou o Twitter ou o Facebook? Fez muitas buscas on-line?

Você foi iludido. Enganado. Suas melhores intenções foram usadas contra você.

SE PELO MENOS ESSE JOGO JÁ TIVESSE ACABADO

Mesmo que a atmosfera de hoje em dia — esse inferno de insultos e mentiras — tenha começado a parecer normal,[130] não era assim antes. Eu me preocupo com os jovens que estão crescendo nessa bagunça e acreditando que as coisas sempre foram dessa forma.

Enquanto escrevo este livro, surgiu um novo movimento social conhecido como #metoo, anunciando uma rejeição ao assédio sexual de mulheres. Os algoritmos da Bummer estão devorando tudo sobre o #metoo no exato momento em que digito. Como isso pode ser transformado em combustível para dar a algum imbecil, em algum lugar, o poder de perturbar alguém para que todos sejam mais engajados/manipulados? Como os ativistas serão incitados a se tornar menos solidários? Que possibilidades serão descobertas por manipuladores/anunciantes que estão peneirando/pescando maneiras de arruinar o mundo?[131]

---

[108] Este capítulo é sobre política. Antes de ir adiante, tenho que lhe dizer uma coisa óbvia. Esse assunto é vital e vi um lado dele que provavelmente você não viu, portanto quero lhe falar a respeito. Ao mesmo tempo, sou um tecnólogo branco, mas para prosseguir preciso falar sobre coisas que não posso conhecer tão bem quanto conheço meu próprio mundo, como a experiência negra nos Estados Unidos. Provavelmente vou cair nas armadilhas do discurso de branco, homem, tecnólogo etc. Será que podemos apenas estipular que isso é verdade? Tenho certeza de que é. Por favor, aproveite de mim o que você puder usar. Eu sei que não sei tudo.

[109] Disponível em: <www.weforum.org/agenda/2017/06/millennials-are-rapidly-losing-interest-in-democracy/>. Acesso em: 27 jul. 2018.

[110] Disponível em: <www.nytimes.com/2017/10/29/business/facebook-misinformation-abroad.html>. Acesso em: 27 jul. 2018.

[111] Disponível em: <www.washingtonpost.com/world/asia_pacific/indias-millions-of-new-internet-users-are-falling-for-fake-news%E2%80%94sometimes-with-deadly-

consequences/2017/10/01/f078eaee-9f7f-11e7-8ed4-a750b67c552b_story.html>. Acesso em: 27 jul. 2018.

[112] Disponível em: <www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BFCF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/s_2016_963.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2018.

[113] Disponível em: <www.nytimes.com/2012/02/19/books/review/how-an-egyptian-revolution-began-on-facebook.html>. Acesso em: 27 jul. 2018.

[114] Disponível em: <www.wired.com/2016/03/isis-winning-social-media-war-heres-beat/>. Acesso em: 27 jul. 2018.

[115] Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-4858216/Victim-Gamergate-s-horrific-online-abuse-reveals-trauma.html>. Acesso em: 27 jul. 2018.

[116] Disponível em: <http://time.com/3923651/meet-the-woman-helping-gamergate-victims-come-out-of-the-shadows/>. Acesso em: 27 jul. 2018.

[117] Disponível em: <http://www.zero-books.net/books/kill-all-normies>. Acesso em: 27 jul. 2018.

[118] Disponível em: <https://transequality.org/the-discrimination-administration>. Acesso em: 30 jul. 2018.

[119] Disponível em: <www.washingtonpost.com/news/acts-of-faith/wp/2016/06/08/trump-on-god-hopefully-i-wont-have-to-be-asking-for-much-forgiveness/>. Acesso em: 30 jul. 2018.

[120] Disponível em: <www.rawstory.com/2017/03/russians-used-bernie-bros-as-unwitting-agents-in-disinformation-campaign-senate-intel-witness/>. Acesso em: 30 jul. 2018.

[121] Disponível em: <www.vox.com/policy-and-politics/2018/2/24/17047880/conservatives-amplified-russian-trolls-more-often-than-liberals>. Acesso em: 30 jul. 2018.

[122] Disponível em: <www.wired.com/story/how-trump-conquered-facebookwithout-russian-ads/>. Acesso em: 20 jul. 2018.

[123] Brad Parscale, diretor de mídias sociais da campanha de Trump, tuitou: "Aposto que tínhamos de cem a duzentas vezes mais acessos que ela. Tivemos custos por minuto que eram centavos em alguns casos. É por isso que @realDonaldTrump foi um candidato perfeito para o Facebook."

[124] Disponível em: <https://slate.com/technology/2018/03/did-facebook-really-charge-clinton-more-for-ads-than-trump.html>. Acesso em: 30 jul. 2018

[125] Disponível em: <www.cbsnews.com/news/facebook-embeds-russia-and-the-trump-campaigns-secret-weapon/>. Acesso em: 30 jul. 2018.

[126] Disponível em: <www.nature.com/news/facebook-experiment-boosts-us-voter-turnout-1.11401>. Acesso em: 30 jul. 2018.

[127] Disponível em: <http://dailycaller.com/2016/08/24/facebook-is-determining-your-political-affiliation-tracks-your-activity/>. Acesso em: 30 jul. 2018.

[128] Disponível em: <www.pnas.org/content/111/24/8788.full>. Acesso em: 30 jul. 2018.

[129] Acesso em: <www.theguardian.com/world/2017/oct/21/russia-social-media-activism-blacktivist>. Acesso em: 30 jul. 2018.

[130] Eleitores italianos dão grande apoio a um partido político cuja ÚNICA característica é ser Bummer, pura e simplesmente: <www.nytimes.com/2018/02/28/world/europe/italy-election-davide-casaleggio-five-star.html>. Acesso em: 30 jul. 2017.

[131] Pouco antes da impressão deste livro, houve um tiroteio assustador em uma escola de ensino médio na Flórida, e a Bummer estava bem ali, como sempre, sondando maneiras de prejudicar a sociedade: <www.wired.com/story/pro-gun-russian-bots-flood-twitter-after-parkland-shooting/>. Acesso em: 30 jul. 2018.

ARGUMENTO DEZ

As redes sociais odeiam sua alma

ENCONTREI UMA METÁFORA METAFÍSICA

Os nove argumentos anteriores expuseram uma teia de padrões nas pessoas e entre elas que tem sido rompida pela Bummer.

Vale repetir: sua compreensão sobre os outros vem sendo prejudicada porque você não sabe o que eles viram em seus feeds. O inverso também se aplica: a empatia que os outros podem lhe oferecer é deficiente porque você não tem como saber o contexto em que será compreendido. Você provavelmente está se tornando um babaca, mas também está menos feliz; outra dupla de transtornos da Bummer que se refletem. Sua capacidade de conhecer o mundo, de saber a verdade, tem sido degradada, assim como a capacidade do mundo de conhecê-lo. A política e a economia ultrapassaram os limites da realidade; a primeira assumiu uma condição assustadora, enquanto a segunda se tornou insustentável: dois lados da mesma moeda.

Todas essas díades formam uma teia de mudanças na condição humana. Uma teia tão abrangente que precisamos voltar ao primeiro argumento e perguntar se a metáfora explicativa que ele propôs não teria sido modesta demais. O primeiro argumento assinalou que os usuários da Bummer estão presos em dispositivos de modificação de comportamento viciantes. Essa é a figura que alguns fundadores da Bummer escolheram para emoldurar seus arrependimentos, e as partes se encaixam dentro dessa moldura. Ela é útil. Mas será adequada?

Gaiolas de mudança comportamental só podem manipular uma criatura de cada vez, mas quando toda a sociedade é manipulada de maneira coordenada, devemos buscar uma estrutura maior que sirva de explicação. Não há muitas escolhas. A mais clara provavelmente é a religião.

Cada argumento para deletar suas contas é, à primeira vista, uma questão prática, como confiança. Mas, em uma inspeção mais detalhada, os

argumentos confrontam as preocupações mais profundas e delicadas sobre o que significa ser uma pessoa.

Ao usar a Bummer, você aceita implicitamente uma nova estrutura espiritual. É como o contrato de licença do software — o acordo do usuário — que você clicou para aceitar sem ter lido. Você concordou em mudar algo íntimo de sua relação com sua alma. É bem provável que quem usa a Bummer — em algum grau, estatisticamente falando — tenha renunciado de fato ao que considera sua religião, mesmo que essa religião seja o ateísmo. Foi induzido a entrar em uma nova estrutura espiritual.

Não estou falando retoricamente nem tentando ser engraçadinho. Isso é um esforço sincero para esclarecer o que está acontecendo.

OS QUATRO PRIMEIROS PRINCÍPIOS DA ESPIRITUALIDADE BUMMER

Vamos reconsiderar os quatro primeiros argumentos, agora em termos espirituais.

O primeiro argumento é sobre livre-arbítrio, uma ideia misteriosa, uma crença. Faz sentido pelo menos? Talvez não haja livre-arbítrio; talvez seja apenas uma ilusão. Mas as religiões geralmente propõem que o livre-arbítrio é real. Ele deve existir para você escolher mudar seu carma para melhor, ou para fazer escolhas morais que o levem para o céu. Até o budista mais etéreo precisa começar com o livre-arbítrio para buscar com liberdade um estado que o transcende.

O livre-arbítrio pode parecer antiquado. Filósofos nerds inovadores, engenheiros e revolucionários o vêm desafiando há séculos.

Por que não conceber as pessoas como máquinas naturalmente evoluídas, mas ainda assim máquinas? Elas poderiam, então, ser programadas para se comportar bem, e o projeto humano poderia florescer. Os behavioristas, os comunistas e, agora, os engenheiros sociais do Vale do Silício têm tentado alcançar esse fim.

Mas toda vez que um nerd tenta retirá-lo de cena, o livre-arbítrio aparece ainda mais concentrado em um novo local. Ao mesmo tempo que proclama que os algoritmos comunais ou a inteligência artificial superarão a criatividade humana individual, um entusiasta exclamará inevitavelmente que um empreendedor do Vale do Silício, um programador de IA ou um

ideólogo é um visionário que está mudando o mundo, deixando uma marca no universo (em frase de Steve Jobs) e mapeando o futuro.

O ritual de envolvimento com a Bummer parece, de início, um enterro do livre-arbítrio. Entrega-se grande parte de nosso poder de escolha a uma empresa distante e aos clientes dela. Eles assumem uma porção estatística do fardo de seu livre-arbítrio, de modo que este já não está a seu alcance. Eles começam a decidir quem você conhecerá, no que está interessado, o que deve fazer. Mas não é nenhum segredo que as pessoas que executam o esquema concentraram uma quantidade impressionante de riqueza e poder em um intervalo de tempo ridiculamente curto. Elas têm poder, mas como pode existir poder se o livre-arbítrio não existe?

Portanto, a Bummer realiza intrinsecamente uma mudança *estrutural*, e não ontológica, na natureza do livre-arbítrio. Ele continuará a existir, ainda que sob um bombardeio de insultos. A mudança importante é que você agora tem menos livre-arbítrio, e algumas pessoas desconhecidas têm mais. Parte de seu livre-arbítrio, que se tornou uma espécie de dinheiro em uma era dourada, foi transferida para elas.

Essa mudança transcende a economia e a política; é a base daquelas religiões que propuseram que apenas os líderes têm um mandato determinado pelos céus.

* * *

O segundo argumento delineou um problema específico digno de preocupação, uma estrutura que chamei de Bummer. Meu propósito era identificar um alvo bem delimitado, em vez de cair em desespero por tudo na modernidade. Essa estrutura se revelou ser menos um conjunto de tecnologias do que um plano de negócio que vomitava incentivos perversos.

Outra semelhança com religiões? Talvez minha objeção à Bummer seja similar à dos protestantes às indulgências. Há uma longa história de pessoas rejeitando determinada estrutura ligada a uma religião, mas sem rejeitar sua essência.

Se a teoria Bummer estiver certa, o projeto geral da internet não falhou. Ainda podemos aproveitar sua essência. A Bummer quer que você pense que, sem ela, não haveria nenhum aparelho, nada de internet, nenhum

grupo de apoio para ajudá-lo em momentos difíceis. Mas isso é mentira. Uma mentira que você celebra e reforça quando usa a Bummer, assim como alguém que frequenta uma igreja corrupta está apoiando sua corrupção.

* * *

O terceiro argumento é sobre se tornar um babaca. Lembre-se de que a ideia não é que você vira um babaca para todos o tempo todo, mas que seu interruptor Solitário/Alcateia está posicionado em Alcateia. Você se concentra na dinâmica dentro da alcateia e entre alcateias. Você se comporta como um babaca em relação a membros de outros grupos e àqueles que estão abaixo na hierarquia de sua alcateia, e às vezes a competidores de dentro do bando.

Tudo o que você precisa fazer é olhar o papel da religião nos conflitos do mundo, hoje em dia ou em outros tempos, para perceber que essa dinâmica também ocorre na esfera religiosa. De fato, um padrão comum na atualidade — com exemplos expostos no argumento sobre política, infelizmente — é que a Bummer ressuscita antigos conflitos que eram associados à religião para "engajar" as pessoas o mais intensamente possível.

* * *

O quarto argumento foi sobre a erosão da verdade, portanto é importante do ponto de vista espiritual.

Uma religião rigorosa pode exigir que os adeptos acreditem em certas coisas que não são sustentadas — ou são contrariadas — por provas. Alguns religiosos ainda acham que o Sol orbita em torno da Terra, por exemplo.[132]

Acreditar em algo só porque você aprendeu isso por meio de um sistema é uma maneira de entregar seu poder cognitivo a esse sistema. Inevitavelmente, viciados na Bummer vão no mínimo tolerar algumas ideias ridículas para fazer parte da máquina. É preciso acreditar o suficiente na sabedoria dos algoritmos da Bummer para ler o que eles pedem que você leia, por exemplo, embora haja provas de que os algoritmos não são tão bons assim.[133] Você tem que aceitar teorias da conspiração absurdas para

evitar ser alvo de trolls em grande parte do mundo da Bummer. Precisa ter uma visão de mundo que rejeite qualquer que seja o grupo de pessoas que tem sido contraposto a você por algoritmos de engajamento.[134]

Eis por que venho usando os termos “espiritual” e “religioso”: as religiões geralmente estão ligadas a crenças específicas sobre a verdade, ao passo que a espiritualidade pode não ter essa ligação. Em geral, a espiritualidade pode coexistir um pouco mais facilmente com o pensamento iluminista.

O Iluminismo enfatizou formas de aprendizado que não eram subservientes às hierarquias de poder humanas. Em vez disso, o pensamento iluminista celebra o método científico baseado em provas e o raciocínio. As culturas das ciências e da engenharia costumavam adotar a epistemologia do Iluminismo, mas agora têm sido sobrepujadas pela epistemologia terrivelmente regressiva da Bummer.

Você deve conhecer a palavra “meme” como uma postagem Bummer que pode se tornar viral. Mas, originalmente, “meme” sugeria uma filosofia de pensamento e significado.

A ideia foi cunhada por Richard Dawkins. O biólogo evolucionista propôs o termo “meme” para designar unidades de cultura que competem e ou são passadas (ou não) adiante, de acordo com um processo de seleção pseudodarwiniano. Assim, algumas modas, ideias e hábitos “pegam”, enquanto outros são extintos.

O conceito de memes oferece uma maneira de emoldurar tudo o que as pessoas que não são nerds fazem — todas as ciências humanas, cultura, artes e política — como instâncias semelhantes de competição meme, meras sub-rotinas de um algoritmo de nível mais alto que os nerds podem dominar. Quando a internet decolou, as ideias de Dawkins estavam em voga, porque adulavam os tecnólogos.

Desde o começo, havia um elogio generalizado da internet por parte das pessoas que apontavam a disseminação viral de um meme e admiravam como aquilo era bonitinho. Isso existe até hoje. Os memes começaram como uma maneira de expressar solidariedade por uma filosofia que eu costumava chamar de totalismo cibernético, que *ainda* dá sustentação à Bummer.

Os memes podem parecer amplificar o que você está dizendo, mas isso é sempre uma ilusão. Você pode lançar um meme contagioso sobre uma

figura política, e talvez até apresente um ótimo argumento, mas isso, no panorama geral, é reforçar a ideia de que viralidade é verdade. Seu argumento será desfeito por qualquer outro argumento que viralize mais. Isso é estrutural. Os arquitetos da Bummer são devotos dos memes.

Em um panorama *ainda mais amplo*, viralidade pode ser, de fato, verdade. Acreditar em memes se torna verdade, mas só de vez em quando — *muito* de vez em quando. Se, por exemplo, a humanidade destruir a si mesma porque memes maliciosos nos impediram de lidar com a mudança climática, então, dentro de cem milhões de anos, alguma espécie de polvo inteligente assumirá o comando e talvez passe por nossos restos e se pergunte o que deu errado.

A racionalidade é diferente da evolução. É mais rápida. Não sabemos, porém, como a racionalidade funciona.

Há algo acontecendo na mente para além dos memes. Nossa capacidade de vencer mistérios ainda é um mistério. Trata-se de uma verdade que, pelo visto, pode ser difícil de aceitar, e alguns especialistas em tecnologia preferem viver em negação.

Eis algumas duras verdades: atualmente, não temos uma descrição científica de um pensamento ou uma conversa. Não sabemos como as ideias são representadas no cérebro. Não sabemos o que é uma ideia, de um ponto de vista científico. Isso não significa que jamais entenderemos essas coisas cientificamente, apenas que não as compreendemos ainda. Poderíamos fingir que esse momento vai chegar em breve, então seria como se já as entendêssemos, mas aí estaríamos apenas mentindo para nós mesmos.

Quando falamos sobre política, cultura, arte ou direito, é possível que quantidade não seja capaz de substituir qualidade, embora não possamos dizer o que é qualidade. É possível que os algoritmos que sabemos escrever simplesmente não sejam capazes de distinguir terroristas e agentes secretos estrangeiros de pessoas normais que não estão tentando destruir o mundo.

A base da pesquisa da verdade deve ser a capacidade de notar a própria ignorância. Reconhecer a ignorância é uma característica bonita que a ciência e a espiritualidade têm em comum. A Bummer rejeita isso.

A viralidade é verdade para a política, a arte, o comércio e a vida da Bummer.

Examinei os quatro primeiros argumentos em termos mais fundamentais do que antes. Não vou percorrer todos; o princípio de que a Bummer vem

substituindo as características da espiritualidade por suas próprias criações está demonstrado o bastante nesses exemplos. Mas preciso ir mais fundo.

FÉ NA BUMMER

Nem todas as questões podem ser respondidas através de provas. Portanto, ter fé, nesses casos, não é uma rejeição às evidências. As religiões, na melhor das hipóteses, lidam com as questões mais profundas, mais importantes e mais delicadas que não podemos abordar de maneira científica, como o propósito final da vida, a "existência da existência", a consciência, a morte e a natureza do significado.

Para usar a Bummer, você aos poucos se submete às respostas da máquina para essas questões. E as respostas são terríveis! Essa talvez seja a característica da Bummer que mais me irrita.

O propósito da vida, de acordo com a Bummer, é otimizar. Segundo o Google, "organizar a informação do mundo". Mas, pela típica visão de mundo do Vale do Silício, tudo é informação. A matéria será hackeada, o corpo humano será hackeado e assim por diante. Portanto, a declaração de missão do Google é interpretada, dentro da cultura tecnológica, como "organizar toda a realidade". Foi por isso que o Google abriu todas essas empresas estranhas dentro da Alphabet. Mesmo que não tenha pensado sobre a visão de mundo ou missão do Google, você a apoia quando otimiza sua presença para ter uma posição privilegiada nas buscas ou otimiza seu vídeo para ter mais visualizações. O propósito de sua vida agora é otimizar. Você foi batizado.[135]

Em geral, o Google costuma produzir as declarações mais sinistras, mas o Facebook tomou a dianteira: uma recente revisão em sua declaração de propósito inclui diretrizes como assegurar que "cada pessoa tenha um senso de propósito e comunidade".[136] Uma única empresa vai assegurar que cada pessoa tenha um propósito, porque presume que antes não tinha. Se isso não é uma nova religião, não sei o que é.

O Google deu o que falar por ter financiado um projeto para "resolver a morte".[137] Isso é justamente uma pretensão religiosa tão grande que estou surpreso que as religiões do mundo não tenham apresentado ao Google uma notificação de violação de direitos autorais.[138] O Google poderia ter

formulado seu trabalho em termos de “prolongamento da vida” ou “pesquisa sobre envelhecimento”, mas, em vez disso, foi diretamente atrás do prêmio, que é ser o senhor daquilo que é mais sagrado dentro de você. A Bummer precisa ter você para ter qualquer coisa.

O Facebook também faz o jogo. O perfil de uma pessoa falecida se torna um templo que só pode ser visitado por membros, e para ser membro é preciso implicitamente se tornar um adepto.

O diretor de engenharia do Google, Ray Kurzweil, promove a ideia de que a empresa será capaz de enviar sua consciência para a nuvem, assim como as fotos que você tira com seu celular. Ele é conhecido por ingerir uma caixa inteira de pílulas de longevidade todos os dias na esperança de não morrer antes de o serviço chegar à internet. Note o que está acontecendo aqui. A afirmação não é de que a consciência não existe, mas de que, o que quer que seja, o Google a possuirá, porque senão qual seria o propósito desse serviço?

Não tenho a menor ideia de quantas pessoas acreditam que o Google está prestes a se tornar o senhor da vida eterna, mas a retórica certamente exerce o papel de fazer com que pareça de algum modo natural e apropriado que uma empresa Bummer deva obter tanto conhecimento e poder sobre a vida de multidões.

Isso não é apenas metafísica, mas imperialismo metafísico. Ao aceitar alguma dessas coisas, explicitamente ou só por meio da prática, você não pode sequer chamar a si mesmo de ateísta ou agnóstico. Você é um convertido.

PARAÍSO BUMMER

Um dos motivos pelo qual a Bummer funciona dessa maneira é que os engenheiros que trabalham em empresas do tipo acreditam, com frequência, que sua prioridade número um não é servir aos humanos dos dias de hoje, mas construir as inteligências artificiais que herdarão a Terra. A constante vigilância e os testes de mudança comportamental em multidões de humanos estão supostamente reunindo dados que evoluirão para se tornar a inteligência das futuras IAs (uma pergunta que poderia ser

feita é se os engenheiros dessa área acreditam que a manipulação de pessoas será o propósito da IA).

As grandes empresas de tecnologia estão publicamente comprometidas com uma extravagante “corrida da inteligência artificial”, que com frequência priorizam acima de qualquer outra coisa.[139] É completamente normal ouvir um executivo de uma das maiores empresas do mundo falar sobre a possibilidade de uma singularidade quando as IAs assumirem o comando. A singularidade é a resposta da religião Bummer ao Arrebatamento cristão evangélico. A estranheza é normalizada quando os clientes da Bummer, que com frequência são os próprios tecnólogos, aceitam a IA como um conceito coerente e legítimo e tomam decisões orçamentárias baseadas nela.[140]

Isso é uma loucura. Esquecemos que IA é uma história que nós, cientistas da computação, inventamos para nos ajudar a obter financiamentos em outros tempos, quando dependíamos de subvenções de agências governamentais. Era um teatro pragmático. Mas agora a IA se tornou uma ficção que ultrapassou seus autores.

IA é uma fantasia, nada além de uma história que contamos sobre nosso código. É também um disfarce para uma engenharia desleixada. Fazer um suposto programa de IA que customiza um feed dá menos trabalho do que criar uma ótima interface que permite aos usuários investigar e melhorar o que eles veem em seus próprios termos — e é assim porque a IA não tem qualquer critério objetivo para o sucesso.

Quem sabe dizer o que é considerado inteligência em um programa? Nos anos 1990, meus amigos e eu fizemos os primeiros programas que escaneavam o rosto de uma pessoa para transformá-lo em uma imagem tridimensional animada de uma criatura ou de outra pessoa fazendo as mesmas expressões em tempo real. Não nos ocorreu chamar isso de IA. Era só um exemplo de processamento de imagem sofisticado. Mas agora essa capacidade é chamada com frequência de IA.

Todo tipo de programa pode ou não ser chamado de IA em determinado momento. Portanto, quando um programa é classificado como IA, o resultado inevitável é que os critérios para o sucesso se tornam vagos. IA é um RPG para engenheiros e não uma conquista técnica real por si só.

Muitos algoritmos chamados de IA são interessantes e realmente fazem coisas, é claro, mas seriam mais bem compreendidos — e poderiam até funcionar melhor — sem essa história de IA. Dei um exemplo disso no argumento sobre economia. Tradutores têm ouvido dizer que estão se tornando obsoletos. Eles não apenas estão perdendo seu meio de vida como estão tendo sua dignidade roubada, porque a narrativa sobre sua obsolescência é uma mentira. Eles ainda são valiosos. São necessários porque sem os dados criados por eles manualmente não haveria nenhum serviço de tradução "automática".

A EXISTÊNCIA SEM A BUMMER

É quase impossível escrever sobre os assuntos espirituais ou filosóficos mais profundos, porque as pessoas reagem mal imediatamente, mas evitar um manifesto a respeito das questões básicas que a Bummer tenta dominar seria fugir da raia. Torço para que essa declaração soe um tanto genérica e livre de controvérsias, embora simplesmente torcer não garanta nada.

Estou consciente. Tenho fé de que você também esteja. Cada um de nós *experimenta*.

Isso é uma maravilha. Não penso em experiência como um processo natural ou sobrenatural. Não sei o bastante para determinar que essas são as únicas opções.

Podemos estudar cérebros, mas não sabemos se um cérebro tem necessariamente que experimentar para fazer qualquer coisa. A experiência é um mistério mais profundo do que outros mistérios, porque não conhecemos nenhuma maneira de separá-la em partes para estudá-la. Não sabemos se faz sentido falar sobre uma partícula de experiência (que algumas pessoas chamam de "qualia").

Podemos encontrar na existência da experiência um fio de esperança de que haja vida após a morte, mas o mero fato de que experimentamos enquanto estamos vivos não é nenhuma prova. Ainda assim, não é irracional basear a fé ou a esperança de uma vida após a morte na existência misteriosa da experiência interna nessa vida. Nenhum de nós sabe de fato o que está acontecendo em nossa estranha situação de realidade, mas se você

percebe um sentido de positividade, de graça e de criatividade progressiva no mundo, então talvez a experiência esteja conectada com algo a mais.

Podemos reconhecer a experiência, aproveitá-la, ter uma reação emocional ao seu mistério, talvez até uma reação agradável. Reconhecer que a experiência existe é capaz de nos tornar mais gentis, já que entendemos as pessoas como sendo mais do que máquinas. Talvez tenhamos uma probabilidade um pouco maior de pensar antes de magoar alguém quando acreditamos que há todo um outro centro de experiência escondido nessa pessoa, todo um universo, uma alma.

A BUMMER ANTIMÁGICA

Será que as máquinas deveriam ter "direitos iguais", como se propõe com tanta frequência na cultura tecnológica? De fato, a Arábia Saudita concedeu cidadania a um robô "fêmea", uma concessão de direitos que são negados às mulheres sauditas.[141]

Trata-se de um grande problema da equivalência humano-máquina. Imagine um círculo de empatia metafórico que informa suas ações. Dentro do seu círculo estão aqueles que você aceita e humaniza. Se você o ampliar demais, o círculo é diluído; você torna sua empatia absurda e deixa de enxergar o modo como está magoando pessoas de verdade. Os sauditas não são os únicos que promovem a empatia por acessórios mudos como uma maneira de negar empatia a humanos reais mas amordaçados. Isso também tem sido feito em nome do ativismo antiaborto[142] e dos direitos dos animais.

O negócio da Bummer está entrelaçado com uma nova religião que concede empatia a programas de computador — chamando-os de programas de IA — como uma maneira de evitar lançar luz ao fato de que isso está degradando a dignidade, a estatura e os direitos de humanos reais.

A consciência é a única coisa que não é enfraquecida quando é uma ilusão. Seria preciso experimentar a ilusão para a ilusão existir. Mas o outro lado disso é que, se escolher não notar que está experimentando, você pode negar sua consciência.

Você pode fazer sua consciência sumir. Pode desacreditar em si mesmo e desaparecer. Chamo isso de antimágica.

Se criarmos uma sociedade para suprimir a crença na consciência e na experiência — rejeitar qualquer natureza especial da condição humana —, então talvez as pessoas possam passar a ser como as máquinas.

Isso está acontecendo com a Bummer. A experiência é ser apenas uma humilde célula no incrível superorganismo da plataforma Bummer. Falamos com nossos aparelhos conectados à Bummer como se eles fossem pessoas, e a “conversa” funciona melhor quando falamos de uma maneira que nos torna parecidos com máquinas. Quando vivemos como se não houvesse nada especial, nenhuma centelha mística em nosso interior, aos poucos começamos a acreditar nisso.

Se esse novo desafio à condição humana fosse a única questão do conflito espiritual dentro de cada pessoa, talvez pudéssemos dizer que lidar com isso é uma responsabilidade individual. Mas há consequências profundas na sociedade.

A ansiedade espiritual é uma chave universal que explica o que de outro modo pode parecer problemas não relacionados em nossa realidade. A modernidade é quase sempre apresentada por tecnólogos da Bummer como um ataque à condição especial do ser humano, e as pessoas naturalmente reagem com horror, como se elas pudessem ser negadas. É uma resposta racional porque é uma resposta ao que de fato tem sido dito.

Todas as questões que dilaceram os Estados Unidos discorrem a respeito de as pessoas serem ou não especiais, discorrem sobre o paradeiro e a existência da alma. O aborto é aceitável? Será que as pessoas se tornarão obsoletas, de modo que todos, exceto alguns tecnólogos da elite, terão que ser sustentados por um programa de renda básica beneficente? Devemos considerar todos os humanos igualmente dignos ou existem alguns mais merecedores de autodeterminação porque são bons em tarefas nerds? De início, todas essas perguntas podem parecer diferentes, mas no fundo são todas versões da mesma pergunta: o que é uma pessoa?

O que quer que uma pessoa possa ser, se você quer ser uma, delete suas contas.

---

[132] Disponível em: <www.independent.co.uk/news/world/middle-east/saudi-muslim-cleric-claims-the-earth-is-stationary-and-the-sun-rotates-around-it-10053516.html>. Acesso em: 31 jul. 2018.

[133] Veja em: <https://weaponsofmathdestructionbook.com/>. Acesso em: 31 jul. 2018.

[134] A citação mais conhecida do escritor da extrema direita “Mencius Moldbug” diz: “Em muitos aspectos, o absurdo é uma ferramenta de organização mais eficiente do que a verdade. Qualquer pessoa pode acreditar na verdade. Acreditar no absurdo é uma lealdade que não pode ser forjada. Serve como um uniforme político. E, se você tem um uniforme, tem um exército.”

[135] O etos da Bummer vazou para dentro da ciência acadêmica também. Cientistas jovens precisam agora correr atrás de números de citações do mesmo modo que aspirantes a influenciadores digitais precisam buscar seguidores.

[136] Disponível em: <www.businessinsider.com/new-facebook-mission-statement-2017-6>. Acesso em: 31 jul. 2018.

[137] Disponível em: <http://time.com/574/google-vs-death/>. Acesso em: 31 jul. 2018.

[138] O projeto continua como Calico, uma das empresas da Alphabet.

[139] Veja em: <www.nationmultimedia.com/technology/Google-makes-machine-learning-artificial-intellige-30273758.html/>; <www.cnbc.com/2017/08/02/microsoft-2017-annual-report-lists-ai-as-top-priority.html>; <www.fastcompany.com/3060570/facebooks-formula-for-winning-at-ai-/>; <www.reuters.com/article/us-amazon-com-reinvent-ai/amazon-steps-up-pace-in-artificial-intelligence-race-idUSKBN1DV3CZ>. Acesso em: 1º ago. 2018.

[140] Disponível em: <https://komarketing.com/industry-news/ai-digital-transformation-top-marketers-priorities-2018/>. Acesso em: 1º ago. 2018.

[141] Disponível em: <www.washingtonpost.com/news/innovations/wp/2017/10/29/saudi-arabia-which-denies-women-equal-rights-makes-a-robot-a-citizen/>. Acesso em: 1º ago. 2018.

[142] Eis um velho artigo que descreve como concilio minhas visões sobre como as pessoas são especiais com meu apoio ao direito de aborto: <www.huffingtonpost.com/entry/the-latest-innocent-embry_b_8547.html>. Acesso em: 1º ago. 2018.

Conclusão: os gatos têm sete vidas

Espero que este livro tenha ajudado você a se tornar um gato, mas, por favor, esteja ciente de que não incluí todos os argumentos sobre redes sociais que você deve considerar; na verdade, não cheguei nem perto. Apenas apresentei argumentos para os quais tenho uma perspectiva ou expertise mais bem informada que o comum.

Este livro não aborda problemas relacionados a dinâmicas familiares, a pressões insustentáveis sobre jovens, sobretudo mulheres (sobre esses assuntos, leia Sherry Turkle), o modo como enganadores podem usar as redes sociais para abusar de você, o modo como algoritmos podem discriminá-lo por motivos racistas ou outros também horríveis (sobre esse tópico, leia Cathy O'Neil) ou o modo como a perda de privacidade pode machucar você pessoalmente e prejudicar a sociedade de maneiras surpreendentes. Este livro apenas arranha a superfície. Lembre-se, eu sou um gato.

Pode parecer estranho que um habitante do Vale do Silício como eu esteja pedindo a você para resistir a nós. Quando se engaja conosco, quando resiste criativamente, você contraria outras forças, os incentivos financeiros bizarros que descrevi, que já nos restringem. De certo modo, sua resistência pode ajudar a nos libertar. Não estou pedindo oposição, estou pedindo ajuda.

A melhor maneira de ajudar não é atacar aqueles que manipulariam você de longe, mas simplesmente se libertar. Isso os — nos — redirecionará e nos fará encontrar um caminho melhor para o que fazemos.

Como você vai sobreviver sem as redes sociais? Não tenho como responder, porque não o conheço, mas aqui vai um conselho: não rejeite a

internet; aproveite o que ela tem de melhor! A internet em si não é o problema.

Você não precisa desistir dos amigos: em vez de usar redes sociais, mande e-mails para eles, mas tenha uma conta que não seja espionada pelo provedor — portanto, nada de Gmail, por exemplo. Não há a menor necessidade de ter uma empresa sorrateira entre você e seus amigos.

Você ainda pode ler matérias on-line: mas prefira acompanhar as notícias diretamente nos sites (em vez de tentar se informar por meio de feeds personalizados), sobretudo aqueles que contratam jornalistas investigativos. Procure captar a linha editorial de cada site, o que só é possível fazer quando os acessamos. Assine bons portais de notícias, leia três por dia e seja mais bem informado — e em menos tempo — do que usuários de redes sociais. Considere usar extensões de navegador que bloqueiem os comentários.

Você não vai ficar sozinho e aflito no escuro: se quiser encontrar coisas para fazer, dê uma olhada em sites culturais e de eventos perto de você; geralmente são portais excelentes administrados por pessoas dedicadas da sua região. Faça seu próprio site!

Você pode até continuar vendo vídeos no YouTube sem uma conta do Google (pelo menos por enquanto). Assistir desvinculado a uma conta e com alguns plugins voltados para a privacidade lhe dará acesso a uma experiência com muito menos manipulação.

Parece muito trabalho, não? Mas, mesmo com todo esse esforço, é bem provável que, no geral, você ainda ganhe tempo assumindo o controle da própria vida. Você vai ficar impressionado ao descobrir quanto do seu tempo foi tomado pelos esquemas da Bummer.

Saia de todas as contas! Instagram e WhatsApp ainda são Facebook, ainda roubam seus dados e bisbilhotam a sua vida. Não tuíte sobre como você saiu do Facebook, nem poste no Facebook sobre como você saiu do Twitter.

Seu objetivo não necessariamente é forçar governos a regular ou até nacionalizar o Facebook para que só então você volte para a rede, e tampouco obrigar a plataforma a mudar seu modelo de negócio, embora sejam realizações que precisam acontecer em nome da sobrevivência a longo prazo de nossa espécie. Sua meta neste instante é ser um gato.

É como aprender a escrever. É impossível ler bem até que se escreva pelo menos um pouco. A razão pela qual ensinamos os alunos a escrever não é porque esperamos que todos se tornem escritores profissionais. Isso seria muito cruel. Em vez disso, esperamos que eles aprendam o que significa escrever e aprendam a pensar, o que os levará a adotar uma postura mais reflexiva quando forem ler. Não dá para usar bem a internet a menos que a confrontemos com nossos próprios termos, pelo menos por um tempo. Isso é para a sua integridade, não para salvar o mundo.

É improvável que haja uma enorme onda de pessoas saindo todas de uma vez das redes sociais; a combinação do vício em massa com o efeito de *lock-in* que a rede tem é formidável. Mas, à medida que mais pessoas se tornam cientes dos problemas, elas — você — podem confrontar a indústria de tecnologia e causar um impacto. Se você largar suas contas mesmo que por um tempinho, já vai ajudar.

Há uma verdade mais profunda. Mudar é difícil, mas, ao oferecer uma pressão positiva, você estará dando aos especialistas em tecnologia uma ajuda que secretamente nós precisamos e até queremos. Os tecnólogos podem se isolar por meio da riqueza extrema e parecer inalcançáveis, mas na verdade sentimos a sua falta. Não é bom se sentir separado da sociedade. Quando se metem a consertar problemas que ajudaram a criar, os tecnólogos se conectam de novo, e isso é bom. Se você encontrar uma maneira de nos desafiar sem nos vilipendiar, vai ser bom para nós. Assumir o controle das informações de sua vida é uma ótima maneira de fazer isso.

Para concluir, devo lembrar que o objetivo aqui não é convencer você sobre o que pensar ou o que fazer. Não é meu trabalho mudar sua vida, não mais do que deveria ser o trabalho de uma empresa Bummer. Porém, a menos que você se conheça — e somente a partir disso —, nem sua posição é válida para argumentar sobre o que é certo para você mesmo. E só podemos nos conhecer melhor quando nos damos ao trabalho de experimentar um pouco.

Percebo que vivemos em uma sociedade com uma desigualdade impressionante, e nem todo mundo tem as mesmas opções. Seja você quem for, espero que tenha opções para explorar o que sua vida pode ser, especialmente se for jovem. Você precisa se assegurar de que seu cérebro e sua vida não estejam em uma rotina. Talvez você possa explorar a natureza ou aprender uma nova habilidade. Corra riscos. Mas qualquer que seja a

forma que sua autoexploração assuma, faça pelo menos uma coisa: desligue-se dos impérios de modificação de comportamento por um tempo — seis meses, talvez?

Note que não chamei este livro de *Argumentos para você deletar agora suas redes sociais e mantê-las deletadas para sempre*. Depois de seu experimento, você se conhecerá melhor. Então é só decidir.

Obrigados

Este livro surgiu de uma maneira incomum. Depois de escrever um livro, você conversa com jornalistas a respeito dele para promovê-lo. Quando falei com jornalistas sobre meu livro anterior, cujo tema é realidade virtual, a conversa com frequência se voltava para assuntos diferentes, de uma urgência imediata. Havia pouco tempo, as redes sociais estavam exercendo um papel para tornar o mundo obscuro e louco, e os repórteres me perguntaram sobre isso. Este livro surgiu de coisas que pensei em dizer quando fui abordado. Devo agradecer aos jornalistas que me impuseram essa questão, incluindo Tim Adams, Kamal Ahmed, Tom Ashbrook, Zoë Bernard, Kent Bye, Maureen Dowd, Moira Gunn, Mary Harris, Ezra Klein, Michael Krasny, Rana Mitter, Adi Robertson, Peter Rubin, Kai Ryssdal, Tavis Smiley, Steven Tweedie e Todd Zwillich.

Obrigado a Jerry Mander; o título deste livro é um tributo ao seu trabalho.

Obrigado a Kevin, Satya e muitos outros colegas da Microsoft por aceitarem um não conformista entre vocês. Dito isso, estou falando estritamente por mim mesmo. Nada aqui representa um ponto de vista da Microsoft.

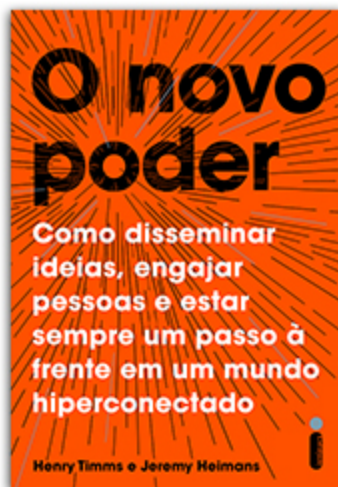
Nossos gatos, Loof, Potato, Tuno e Starlight, me ensinaram a não ser domesticado, mas não tanto quanto a principal professora, minha filha Lilibell. E, é claro, obrigado a você, Lena, minha esposa maravilhosa.

Sobre o autor

© Mike Windle

Jaron Lanier é cientista, músico e escritor, mais conhecido pelo seu trabalho em realidade virtual e sua defesa do humanismo e da economia sustentável no contexto digital. Sua startup nos anos 1980, a VLP Research, criou os primeiros produtos de realidade virtual comerciais e introduziu avatares, experiências multipessoa em mundos virtuais e protótipos de grandes aplicativos de realidade virtual, como os de simulação cirúrgica. Seus livros *Bem-vindo ao futuro* e *Gadget — Você não é um aplicativo* foram best-sellers internacionais, e *Dawn of the New Everything* foi nomeado um dos melhores livros do ano de 2017 pelo *The Wall Street Journal*, pela *The Economist* e pelo *Vox*.

Leia também

A morte da verdade
Michiko Kakutani

O novo poder
Jeremy Heimans e Henry Timms

Logo, logo
Kelly e Zach Weinersmith

As upstarts
Brad Stone